

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

ALMICÉIA LARISSA DINIZ BORGES

**O LIVRO E A LEITURA NA IMPRENSA MARANHENSE DE EDUCAÇÃO E
ENSINO (1902-1932)**

São Luís

2017

ALMICÉIA LARISSA DINIZ BORGES

**O LIVRO E A LEITURA NA IMPRENSA MARANHENSE DE EDUCAÇÃO E
ENSINO (1902-1932)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro.

São Luís

2017

ALMICÉIA LARISSA DINIZ BORGES

**O LIVRO E A LEITURA NA IMPRENSA MARANHENSE DE EDUCAÇÃO E
ENSINO (1902-1932)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro.

Data ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Augusto Castro (Orientador)

Doutor em Educação

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Francisca das Chagas Silva Lima

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Samuel Luis Velazquez Castellanos

Doutor em Educação

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr.^a Iran de Maria Leitão Nunes

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão

Dedico essa dissertação aos meus pais Maria Regina Pacheco Diniz e Benedito Machado Ferreira Borges por todo o apoio que me deram nesse período de escrita.

AGRADECIMENTOS

Por inúmeras vezes e por diversos fatores, pensei em desistir na longa caminhada do desenvolvimento desse projeto, mas por apoio e iniciativa de algumas pessoas, pude concluir essa trajetória.

Agradeço primeiramente a Deus, pelos momentos de fé e sabedoria.

Aos meus pais, Maria Regina Pacheco Diniz Borges e Benedito Machado Ferreira Borges, que sempre me deram apoio e pela paciência nos momentos mais estressantes e necessários.

A minha família, em especial Viviane Diniz, que mesmo distante, sempre me coloca em suas orações.

A Luciana Furtado, Mayra Cabral e Tátilla Oliveira, pelas conversas, orientações, risadas, sermões e as palavras trocadas nos momentos de maior dificuldade.

A Brunna Carolinne, Robert Oliveira, Lorena Rodrigues e Otávio de Moraes por terem segurado a barra em muitas situações.

Ao pessoal da TV UFMA, em especial Rosana Barros, Rafael Marques e Alexandre Bruno pelas palavras de incentivo e por terem perdoado as minhas ausências quando necessário.

Não podendo esquecer as pessoas que integram o Núcleo de Estudo e Documentação e Práticas Leitoras do Maranhão – NEDHEL, que desde 2009 se tornaram a minha segunda família.

A Diana Rocha, Josivan Coelho e Samuel Velázquez, pelas orientações e preocupações no decorrer do desenvolvimento desse trabalho.

Acima de tudo ao meu orientador, Cesar Augusto Castro pela extrema paciência que demonstrou ter comigo nesses dois anos de pesquisa e concepção dessa Dissertação.

E tantos outros que direta ou indiretamente me auxiliaram para que se tornasse possível eu chegar a mais essa etapa: o Mestrado em Educação.

“São os livros os melhores amigos que podemos ter. Nunca nos dão desgostos; jamais nos torturam o espírito; pelo contrario – amenizam-nos nas suas horas amargas; distraem-nos nos seus momentos de enfado, instruindo-o, deleitando-o e desenvolvendo-o”. (A ESCOLA, 1902).

RESUMO

Apresenta-se neste trabalho a relevância que o livro e a leitura ocupavam nas escolas maranhenses na primeira década republicana a partir da imprensa de educação e ensino, especialmente nos jornais das instituições de ensino primário. O período escolhido (1902-1932) deveu-se ao fato das novas configurações no cenário político e educacional brasileiro com a Proclamação da república que influenciou nas transformações educacionais. Neste período os jornais foram cenários para a divulgação dos novos discursos sobre a educação. Objetiva-se compreender neste trabalho os discursos sobre o livro e a leitura nesses jornais e qual o seu papel no contexto escolar e não escolar, pois através desses veículos era transmitido um saber que deveria ser ensinado aos alunos e ao mesmo tempo servia como suporte pedagógico dos professores sobre o que deveria ser ensinado. Salienta-se que esses textos não se restringiam apenas sobre o livro escolar, mas também do não escolar. Diante disso, entender o pensamento referente a essas materialidades nos permite compreender qual a importância deles dentro e fora da escola, se eram vistos de forma positiva ou negativa e a sua relação com o ensino. Essa pesquisa é fundamentada em dois momentos: *a priori*, o levantamento bibliográfico dos autores que abordam sobre o livro e a leitura Abreu (1999), Belo (2002), Chartier (1988, 2001, 2010), Lajolo, Zilberman (2002) Velázquez (2012); e a imprensa de educação e ensino, entre eles: Bastos, Catani (1997), Castro (2008), Nóvoa (1993), Furtado (2016). No segundo momento uma pesquisa documental, no caso os jornais dessas instituições escolares de ensino primário referente aos anos de 1900-1930, encontrados no Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite. Conclui-se preliminarmente que esses jornais eram usados como forma de criticar assuntos relacionados ao ensino, principalmente aqueles que se referiam aos métodos de leitura e à importância do ler na formação do indivíduo. Essa pesquisa visa contribuir para os estudos referentes à História da Educação, à História do livro e à História da Imprensa.

Palavras-chave: Leitura. Imprensa educacional. Ensino Primário. Maranhão. República.

ABSTRACT

This paper presents the relevance of reading and reading in the Maranhão schools in the first republican decade from the education and teaching press, especially in the newspapers of primary education institutions. The period chosen (1902-1932) was due to the fact that the new configurations in the Brazilian political and educational scenario with the Proclamation of the Republic that influenced the educational transformations, in this period newspapers were scenarios for the dissemination of new discourses on education. The objective is to understand the discourses about the book and reading in these newspapers and what their role in the school and non-school context, because through these manuals was transmitted a knowledge that should be taught to the students and at the same time served as a pedagogical support of teachers about what should be taught. It should be noted that these discourses were not restricted only to the school book, but also to the non-school book. Therefore, understanding the thinking about these materialities allows us to understand the importance of them in and out of school, whether they were viewed positively or negatively and their relationship with teaching. This research is based on two moments: in first moment, the bibliographical survey of the authors that approach the book and the reading Abreu (1999), Belo (2002), Chartier (1988, 2001, 2010), Lajolo, Zilberman (2002) Velasquez (2012); and the education and teaching press, among them: Bastos, Catani (1997), Castro (2008), Nóvoa (1993), Furtado (2016). In the second moment a documentary research, in the case the newspapers of these institutions of primary education referring to the years of 1900-1930, found in the Digital Collection of the Public Library Benedito Leite. It was preliminarily concluded that these journals were used as a way of criticizing subjects related to teaching, especially those that referred to the methods of reading and the importance of reading in the formation of the individual. This research aims to contribute to the studies related to the History of Education, History of the book, History of the Press.

Keywords: Reading. Educational Press. Primary school. Maranhão. Republic.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Jornais Escolares no período de 1902 a 1932.....	22
Quadro 2 — Instituições Escolares do ensino privado.....	38
Quadro 3 — Descrição do Jornal A Escola (1902).....	40
Quadro 4 — Descrição do jornal A Escola (1909).....	41
Quadro 5 — Descrição do Jornal A Escola (1918).....	42
Quadro 6 — Descrição do jornal Vida Escolar (1932).....	43
Quadro 7 — Comparativo entre os jornais.....	44
Quadro 8 — Categorias abordadas nos jornais.....	55
Quadro 9 — Os discursos sobre leitura nos jornais.....	56
Quadro 10 — Livros adotados no Externato Codoense.....	65
Quadro 11 — Proporção de analfabetos no Brasil.....	71
Quadro 12 — Números sobre a ignorância.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Horário das aulas do Externato Codoense	20
Figura 2 – Comparação entre os jornais	45
Figura 3 – Primeira página dos jornais A Escola (1902) e A Escola (1909).....	46
Figura 4 – Primeira pagina dos jornais A Escola (1918) e Vida Escolar (1932)	47
Figura 5 – Jornais que circulavam nas cidades.....	49
Figura 6 – Anúncios de materiais nos jornais A Escola (1902) e A Escola (1918)	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problemática e os objetivos da investigação	11
1.2 Pressupostos metodológicos	14
1.3 A imprensa de educação e ensino	17
1.4 O material de análise	21
1.5 Uma história do livro a partir da imprensa	24
1.6 Mas porque uma história do livro e da leitura?	27
1.7 Organização do Corpus	31
2 O PREPARO PARA OS LIDES DA GRANDE IMPRENSA	33
2.1 Os jornais das instituições primárias	36
2.2 A estrutura dos jornais	44
2.3 A circulação de ideias	48
2.4 Imprensa e leitura	50
3 O LIVRO E A LEITURA NO JORNAL	52
3.1 Novos modos de ler: as críticas às cartilhas ABC	56
3.2 A falta de materiais didáticos e os anúncios nos jornais	62
3.3 Os livros indicados para o ensino	64
3.4 A relação livro e professor	67
3.5 A importância da leitura e o combate ao analfabetismo	69
4 CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	84

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se centra nos estudos dos discursos sobre o livro e a leitura na Imprensa de Educação e Ensino. Este objeto tem despertado o meu interesse desde a graduação em Biblioteconomia e quando integrei o Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das Práticas Leitoras do Maranhão – NEDHEL, desenvolvendo pesquisas sobre a presença e a circulação dos livros no Maranhão oitocentista e, a cultura material escolar, tendo como resultado o levantamento de fontes que abordavam sobre a temática do livro, da leitura e dos periódicos educacionais, o que levou-nos a compreender como os sujeitos, alunos, professores, entre outros, apropriaram-se desta imprensa como forma de expressar os seus ideais.

Nesta perspectiva, os modos de ver, estudar e o olhar dos historiadores sobre os seus objetos de investigação passou por uma revolução historiográfica. Assuntos que antes nunca se tinha pensado em estudar ou que já se encontravam “repetidos”, passaram a ser debatidos, investigados e dissecados pelas mais diferentes áreas (sociologia, antropologia, literatura, entre outras) que tomavam como abordagem a História Cultural. Esta, tem se apropriado desses velhos objetos transformando-os em novos quando se procura entender no campo da educação como se constituiu as práticas escolares e as suas transformações no decorrer do tempo.

Nesse sentido, convém destacar que os historiadores da educação têm se debruçado, nos últimos anos, sobre o estudo da escola, entendida não só a partir dos dispositivos legais que a normatizavam, mas também a partir das práticas cotidianas que exerciam e dos materiais que utilizavam/produziam. (MARTÍNEZ, BOYNARD, 2010, p. 2).

Esse movimento de entender as práticas cotidianas da escola só foi possível quando se passou a compreender a escola como uma instituição que produz, transmite e cria sua própria cultura, “o movimento supunha valorizar a materialidade do mundo escolar, reconhecer os objetos que o habitam, desenhar os espaços que ocupa e atentar para os tempos que dispõe e para os saberes que elabora” (VIDAL; SCHWARTS, 2010). Essas práticas se manifestavam na aquisição de materiais escolares (livros, cadeiras, lápis, palmatórias, etc.), na construção de prédios escolares, na criação de escolas, das disciplinas, na contratação de professores, nos acervos das bibliotecas dessas instituições, no uso dos uniformes escolares, entre tantas outras práticas que delineiam o desenvolvimento de uma cultura da escola.

Tais práticas se manifestavam também nos jornais escolares, através dos discursos proferidos pelos alunos e professores a respeito das problemáticas do ensino, dos métodos

utilizados, dos livros adotados, dos exames escolares, ou seja, sobre o cotidiano escolar. A importância do estudo da cultura escolar, por meio dos impressos escolares, nos leva a procurar entender a circulação dos discursos republicanos que tiveram como finalidade a implantação de uma nova escola, pautada na qualidade e na eficiência dos métodos de ensino, assim como, traçar o perfil das instituições escolares no início republicano, sejam elas de cunho privado ou público.

1.1 Problemática e os objetivos da investigação

O Brasil republicano incorpora conceitos antes não discutidos sobre como implantar uma identidade nacional, mas como seria posta uma nova ordem para o país, depois de um Império considerado caótico? As respostas começaram a surgir através da educação e do desenvolvimento industrial, se fazendo necessário mostrar uma imagem de uma nação em desenvolvimento, industrializada e em ritmo de progresso. Estas concepções e outras como nacionalismo, moral, cívica e higienismo estavam entre os temas recorrentes nas mesas de discussões. No entanto, para que essas mudanças pudessem ocorrer, era necessário educar as classes que viviam à margem da sociedade. Os mais pobres, os negros, os operários, as mulheres e as crianças passaram a ser incluídas nessas reformas e a escola, seus métodos, a relação aluno e professor começaram a ser revistos. Nesse processo de reconfiguração do ensino, o museu, o livro e as bibliotecas adquiriram novas facetas. Locais antes esquecidos e conhecidos apenas como espaços de coleção e de guarda livros passaram a ser vistos como espaços que contribuiriam para o desenvolvimento e o aprimoramento dos meninos.

Embora já disseminadas, as bibliotecas modificaram sua formatação a partir da nova pedagogia e deixaram de ser apenas um espaço colecionador e organizador de “bons livros” para se converterem em ambientes estimuladores do gosto pela leitura. Nas primeiras décadas do século XX ganha reforço a experiência da emoção estética pela via de iniciação literária. O instrumento para isso consistiu, obviamente, em livros adequados à formação moral e afetiva, com temas ligados à pátria e obediência aos pais. (VEIGA, 2007, p. 230).

Esses locais serviram também para as chamadas conferências públicas, pedagógicas ou populares, onde os intelectuais da época se reuniam para debater sobre os rumos da educação, ciência, política, literatura, entre outros assuntos. Outro local de espaço para esses debates sobre a escola, seus métodos de ensino, as carências e os problemas eram os jornais. A imprensa passou a configurar um elo importante nos debates sobre os acontecimentos da cidade e sobre os fatos que perpassavam na escola.

No final do século XIX e início do século XX, se tornou popular os jornais escritos por alunos e professores sobre a escola, seus métodos, suas regulações e seu cotidiano. Nesses locais de debate, os estudantes e professores conquistavam um espaço maior para debater os assuntos relacionados ao meio escolar que não possuíam na imprensa tradicional, relegada principalmente a debates políticos e a outros assuntos. Esses jornais são uma importante fonte para a compreensão sobre a educação no Brasil, apresentando uma ideia sobre o que os alunos e os professores pensavam sobre determinado assunto ligado ao contexto escolar, demonstrando uma abrangência acerca dos processos da vida escolar, do seu cotidiano, de seus autores e das práticas escolares desenvolvidas (CATANI, SOUSA, 1999).

Diante dos diversos assuntos tratados por esses sujeitos nesses jornais, os discursos sobre o livro e a leitura se fizeram por diversas vezes presentes. O livro além de ser um importante instrumento que auxiliava nos processos pedagógicos passou a ser visto também como um importante aliado contra a “ignorância da população”. Segundo esses periódicos, o analfabetismo imperava de forma acentuada no país, e somente através do livro, da leitura e da educação essa realidade poderia ser modificada. De tal modo, também era necessário que houvesse mudanças nas formas do ensino da leitura. Já não cabia mais o ensino por meio das cartilhas do A B C, consideradas ultrapassadas. Era preciso aderir às vantagens do ensino moderno e à utilização de livros com figuras que estimulassem o desenvolvimento intelectual e crítico das crianças. Sendo assim, os jornais passaram a ser uma forte forma de propagação desses ideais.

Desse modo, nossa problemática baseia-se em compreender em que medida a imprensa de educação e ensino contribuiu para o ensino da leitura na escola ao incentivar por meio deste suporte a reflexão e discussão dos novos métodos de leitura? Quem eram os alunos e professores/ escritores? Qual era o critério para a participação da produção do jornal? Os alunos relatavam apenas as experiências escolares? Como escreviam, por que escreviam e sobre o que escreviam? Qual era a configuração textual dos escritos? De que maneira o livro e a leitura eram vistos nessas revistas e qual a sua importância para o ensino?

Fazer a história da leitura implica rever o problema do livro e seu caráter ambíguo. Proposto em geral, para cimentar a uniformidade de pensamento, divulgar determinadas crenças, inculcar normas, regras de procedimento e valores, o livro pode também criar as diferenças porque a leitura que se faz nele ou dele nunca é única. A leitura de um livro é ato contraditório, e estudar o seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão desse objeto cultural. (BITTENCOURT, 2008, p. 15).

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender qual o papel do livro e da leitura na escola e quais são as concepções que os alunos e professores tinham

acerca dessas materialidades. Salienta-se que esses discursos não se restringiam apenas sobre o livro escolar, mas também do não escolar. Diante disso, entender o pensamento referente a essas materialidades nos permite compreender qual a importância deles dentro e fora da escola, se eram vistos de forma positiva ou negativa e a sua relação com o ambiente escolar e não escolar.

No primeiro momento se faz primordial identificar e mapear os discursos sobre o livro e a leitura nos jornais no Maranhão entre os anos de 1902 a 1932 (VER APÊNDICE B). Para isso, no entanto, é preciso compreender o que distinguia esses jornais escritos por professores e alunos dos jornais que constituíam a imprensa tradicional, suas motivações, finalidade e qual a importância desse artefato que fez com que os órgãos estudantis se apropriassem desse meio para a divulgação dos seus discursos. A imprensa como veículo de informação e testemunha do seu tempo possibilita fazer um resgate desse passado para se entender o contexto e o lugar do livro e da leitura naquele período. Observar essas falas nos permite uma aproximação com o que era discutido sobre a escola e o que pensavam os professores e alunos sobre os assuntos que permeavam o ambiente escolar.

Verificar quais são os discursos em torno do livro e da leitura e quais eram os temas mais recorrentes, se faz o segundo objetivo. Essas características nos permitem entender qual o papel desses artefatos na escola, já que um dos problemas constantes no ensino maranhense era a falta de materiais adequados, entre eles, os compêndios e os livros adequados para o ensino. Para isso é necessário identificar para quem eram esses escritos (pais, alunos ou professores), se os autores utilizavam algum tipo de identificação ou o anonimato, a natureza dos mesmos (poemas, editoriais de abertura, folhetins...) nos permitindo assim perceber que tipos de discursos eram veiculados (se a favor ou contra) em prol do livro e da leitura e quem eram os sujeitos leitores desses jornais, definindo se essas discussões ficavam somente no ambiente escolar ou se iam além dos muros das escolas. A falta e a precariedade dos materiais pedagógicos se fez muito presente nessas falas. Em uma das notícias encontradas, o autor do texto defende que todo professor deveria saber mais de uma língua, principalmente o inglês e o francês, pois as obras brasileiras eram poucas e precárias, e para se aperfeiçoar, o professor deveria buscar em literaturas estrangeiras uma fonte de estudo e de aperfeiçoamento (A ESCOLA, 1902).

Comparar até que ponto os discursos vinculados nos jornais na imprensa educacional eram próximos da fala emitida pela documentação oficial do Governo (leis e regulamentos), se faz o nosso terceiro objetivo específico. Para isso é necessário confrontar o que diziam as falas veiculadas nesses jornais com a documentação oficial (leis, regulamentos

e os relatórios de presidentes de província), como forma de encontrar os pontos de afrontamento que levam a múltiplas apresentações do real. Seria descobrir a relação entre:

[...] a objetividade das estruturas (que seria o terreno da história mais segura, aquela, que, manuseando documentos seriados, quantificáveis, reconstrói as sociedades tais como eram na verdade) e a subjetividade das representações (a que estaria ligada uma outra história, dirigida às ilusões de discursos distanciados do real). (CHARTIER, 1988, p. 17-18).

Esse tipo de pesquisa nos permite acompanhar as transformações que o livro e a leitura adquiriram na escola no decorrer do tempo, desde a sua concepção e a sua utilização, assim como os métodos utilizados para o ensino da leitura e da escrita, por meio dos discursos proferidos pelos estudantes e professores na imprensa de Educação e Ensino sobre as formas de leitura, sobre os livros apropriados ou até mesmo referentes à ausência destas materialidades nas instituições de ensino.

1.2 Pressupostos metodológicos

A história cultural tem proporcionado à descoberta de novos objetos de investigação. Objetos antes esquecidos ou nunca pensados em serem estudados, adquirem uma nova faceta sobre o domínio da história cultural, passando a serem remodelados, construídos e desconstruídos. Hoje se pensa em história das mulheres, das crianças, da leitura, dos escravos, dos desvalidos, dos doentes, sendo que “esses objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamentos inéditos [...]” (CHARTIER, 1988, p. 15).

Segundo Nunes (2005, p. 50) essa nova história se diferencia das outras por dois motivos. O primeiro como história das representações. Representações essas que se caracterizam nas práticas dos sujeitos sobre as suas ações; nesse caso, os diferentes discursos dos alunos e professores sobre o livro e a leitura nos impressos educacionais. Em segundo lugar, como história dos suportes materiais, das formas impressas, “essa história se volta para os processos materiais de produção, circulação e apropriação do impresso [...]” (p. 50), e quais os usos que se faziam deles, de que forma se apropriavam e quais as suas formas de produção.

De igual modo, a abordagem feita pela história cultural começou a questionar os conceitos de “Documento” e “Fonte”. O documento não se restringia mais somente ao texto, mas relatos orais, fotografias, paisagens, arquitetura, documentos sonoros, uma variedade de registros que serviam como testemunhos do seu tempo deixaram de ser visto apenas como carregador da verdade absoluta, mas passou a ser questionado e criticado a partir de outros documentos; “no limite, não existe um documento-verdade. Cabe ao historiador não fazer o

papel de ingênuo. [...] É preciso desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de [sua] produção [...].” (LE GOFF, 2003, p. 538).

Dentre essas "novas" fontes proporcionadas pela história cultural, às investigações que utilizam a imprensa como fonte e objeto de estudo vêm tomando espaço cada vez maior nas publicações científicas na área da história e da educação. A discussão da imprensa como fonte tem estado atrelada às revoluções pelas quais a história tem passado. “[...] bem como a influência que o jornal exerce em seu contexto, seus interesses e a atuação junto ao seu público leitor”. (LAPUENTE, 2015).

A primeira fase considerava a imprensa como fonte documental narradora dos fatos e da verdade, um reflexo da realidade. A segunda fase passou a desconsiderá-la como fonte devido a julgarem como falsificadora do real e a camuflar a veracidade nas informações por ela estar subordinada aos fatores políticos e econômicos, e como um mero veículo de ideias e como falsificadora da verdade. (MOREL, 2003, p. 8).

A última fase, a mais atual, passou a considerá-la como testemunha do seu tempo, como agente histórico que intervém nos fatos e “como fonte documental na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas [...]” (FERREIRA, 2009, p. 106). Esses questionamentos e a utilização da imprensa como fonte e objeto só se tornaram possíveis com a revolução dos métodos adotados pela história e pela renovação historiográfica proposta a partir da Nova História Cultural. Através dela, passou a se questionar os velhos e os novos objetos, as metodologias utilizadas, o conceito de documento e a proposta de um alargamento da fonte, na medida em que “o discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes, seriam capazes de desvelar o nível básico das relações sociais”. (CALONGA, 2012, p. 82).

Os estudos que a utilizam variam em diversos gêneros, seja sobre um órgão específico ou sobre a imprensa de forma mais geral. Barbosa (2007) considera que os estudos sobre a história da imprensa podem ser divididos em cinco grandes textos:

- Primeiro conjunto: caracterizado por acompanhar o aparecimento e o desaparecimento de periódicos em uma perspectiva factual. Enquadram-se os trabalhos de Nelson Werneck Sodré (apesar de a autora fazer algumas ressalvas sobre a obra desse autor);
- Segundo conjunto: concentra-se nas modificações e na estrutura interna dos jornais, dedicados geralmente a um periódico ou a um pequeno grupo deles. O problema segundo ela seria não considerar as transformações históricas e sociais como constitutivas nessas mudanças;

- Terceiro conjunto: abordam os jornais e os meios de comunicação em geral como portadores de ideologias e conteúdos políticos, desconsiderando as condições de circulação, recepção e de produção desses meios (a sua historicidade);
- Quarto conjunto: retratam o contexto histórico no qual esses jornais se inserem, seu surgimento e seu desaparecimento; entretanto, desconsideram o seu meio interno e mais uma vez a história aparece como pano de fundo;
- Quinto conjunto: considera a história como parte do processo com a imprensa e a sua relação com o social, e a concebe como integrante no processo comunicacional. Tem espaço nessas pesquisas o conteúdo, o produtor da mensagem, o leitor e a forma como se apropriam dos textos, considerando-se a dimensão interna e externa desses periódicos.

Ressalta-se que nesses trabalhos, muitas pesquisas escreviam uma história da imprensa, mas pouco se pensava em fazer uma pela imprensa. Sendo assim, ela deixou de ser apenas objeto de estudo, mas também passou a se tornar uma fonte preciosa para a história. Através dela se constroem narrativas sobre as mulheres, os operários, a religião, a escola e os livros, sendo que “estes elementos midiáticos ao mesmo tempo constituem-se um campo fértil de investigação [...]”. (CASTELLANOS, 2012).

Deixando traços significativos da sociedade cujos passos e acontecimentos mais representativos pretendeu retratar, a imprensa também é pródiga em autorreferenciação. Produz textos que falam de seu cotidiano e outros que deixam pistas sobre as suas relações com as instâncias do poder. Por trás das letras impressas, das fotos e das ilustrações publicadas, é possível remontar todo o circuito da comunicação: o que eram essas publicações, quem escrevia nesses jornais, para quem se escrevia e, sobretudo, que interpretações fazia esse leitor anônimo, que, gradativamente, pelos indícios que um olhar mais detido poderá seguir, se transforma num ilustre conhecido. (BARBOSA, 2010, p. 11).

Através dos discursos nesses jornais podemos ter uma noção das ideias que circulavam em determinada época, mas não podendo esquecer que esses meios transmitem diferentes pontos de vistas e eram um elo de propagação de ideias entre determinados setores da sociedade. Assim se faz necessário o cuidado do pesquisador ao analisar essas fontes. É preciso historicizar a fonte, confrontá-la com outros documentos (que podem ser leis, regulamentos, relatórios e outros tipos de materiais), e compreender o meio na qual ela estava inserida. Ao fazermos isso, também abrimos a possibilidade de entender o objeto na sua materialidade (tipo de papel, os materiais utilizados, a letra, o tamanho do jornal, etc.), as condições técnicas de sua produção, os usos dados a eles e os principais conteúdos vinculados. Faz-se necessário o olhar crítico do historiador no momento da investigação. A fonte não fala por si só, mas ela vai tomando forma a partir dos questionamentos que os historiadores fazem sobre ela; “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições

técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (LUCA, 2008, p. 110).

Segundo Nóvoa (1993), ao interrogar a imprensa procuramos entender o significado que ela assume na transmissão das ideias, as diversidades dos objetos que cruzam as suas páginas, o modo como foi utilizada pelos atores educativos e o papel que ela desencadeou nas mudanças sociais. Desse modo, os historiadores da educação também puderam se apropriar desse meio como fonte e objeto de estudo, “nesse sentido, tal modalidade de fonte tem contribuído para ampliar a pesquisa histórico-educacional, dando-lhe contornos e vitalidade há pouco não observados.” (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p. 5).

Sendo assim, tomamos como referência os três eixos que norteiam as pesquisas que adotam como metodologia a História Cultural: 1) a história dos objetos na sua materialidade, analisando nos jornais a forma, a frequência, a estrutura e o dispositivo que orientavam na composição desses periódicos. Os jornais da imprensa de educação e ensino se assemelhavam e se diferenciavam no tipo de letra utilizada, na estrutura das colunas, em relação aos seus objetivos, na frequência de publicação, nos dispositivos de regulação utilizados, nos seus conteúdos; 2) a história das práticas nas suas diferenças, procurando compreender o que fizeram os professores e alunos com os mesmos objetos que lhe foram impostos. Nesse caso, as diferentes opiniões sobre o livro e a leitura apresentados nos jornais da imprensa de educação e ensino; 3) a união entre a história dos objetos e a história das práticas como forma de entender as configurações sociais dessas escolas, as mudanças psíquicas desses alunos e professores e as armaduras conceituais que estão por detrás desses discursos.

Condições sociais históricas particulares fazem emergir modos de ler, usos da leitura e suas significações, “pois sua finalidade é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade [...]”. (DARNTON, 2010, p. 122). Nesse caso, estudar as condições da criação desses jornais escritos por professores e alunos e como cada um deles abordou sobre o livro e a leitura, nos permite compreender como a educação interagiu com os meios de comunicação, os debates que eram propostos por meio dessa imprensa e como os autores partilhavam entre si as opiniões acerca do livro e da leitura.

1.3 A imprensa de educação e ensino

A imprensa educacional tem muito a dizer sobre os processos da escola, o que torna relevante estudar esse corpus documental permitindo-nos adentrar no cotidiano escolar, na tentativa de compreender as práticas educativas, desde a criação e a contratação de professores, até os métodos utilizados e as conquistas ou suas denúncias. A relação estreita que a imprensa e a educação teem possibilita um entendimento diferenciado dado por historiadores, pedagogos, comunicadores, assim como outras áreas que se interessem por esta temática. Os estudos em várias áreas do conhecimento podem contribuir “[...] para o enriquecimento da compreensão dos processos da vida escolar em termos da história, do seu cotidiano, da ação dos atores educativos (alunos, pais e professores) e das próprias práticas educativas [...]”. (CATANI, SOUSA, 1999).

Esse material constitui de um lado, uma instância para a compreensão das formas de funcionamento dentro do campo da educação, pois, fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico, o aperfeiçoamento das práticas educativas, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas de ensino e as reivindicações dos professores e alunos. De outro, como indicadores relevantes do papel desempenhado por essa imprensa e o lugar que assumem na enunciação dos discursos, “[...] já que esses jornais buscam responder às necessidades do contexto local e acompanhar o que se passa lá fora”. (FERNANDES, 2008).

Deste modo, os trabalhos que utilizam a imprensa educacional como fonte e objeto têm contribuído também para uma renovação no campo da história da educação, dando-lhe novos contornos e possibilidades. Tal modalidade de pesquisa vai além do que construir uma história da e sobre a escola, pois, “se a educação é uma prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens em sociedade.” (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007). Por meio dela podemos conhecer uma história que vai além dos muros da escola, mas, apreender sobre os movimentos da política, do cultural e o educacional tanto de caráter regional e nacional, pois, nessas descrições encontramos fragmentos sobre o dia a dia da cidade.

Caspard (1940) e Nóvoa (1993) utilizam o termo “Imprensa de Educação e Ensino”, como forma de abranger as revistas destinadas aos professores, à educação familiar, aos pais, as crianças, aos jovens, a temas como a educação não formal, da educação física e desportos, da higiene e saúde escolar, não se restringindo assim apenas à temas ligados a pedagogia ou as teorias pedagógicas.

Os estudos sobre a Imprensa Educacional defendem haver uma aproximação do cotidiano escolar, na medida em que, por meio da análise das publicações é que são desvendados discursos raramente ditos em documentos oficiais, contradições de pensamentos,

a relação entre a teoria e prática observada numa mesma fonte. Através desta imprensa constitui-se “um meio indispensável para o conhecimento do que é o sistema de ensino, o que ele representa, por exemplo, no espaço onde se desenvolve e onde se localizam todos os sistemas, teorias e práticas educacionais, de origem tanto oficial quanto privada”. (CASPARD, 2002, p. 48-49). Os autores vêm destacar a importância destas fontes que propiciam o alargamento da análise sobre as práticas escolares e os efeitos dela sobre os professores, alunos e diretores; estes diversos atores contribuem para a propagação de ideais quando escrevem suas próprias folhas, jornais ou revistas.

Deste modo, a importância de estudar estas fontes nos leva a compreender as práticas desempenhadas naquele presente-ausente e os anseios de um futuro, descortinando realidades diferentes, a partir das diversas vozes na imprensa, “uma vez que é através deste *media* que se manifestam a maior parte das vozes, dos projetos, dos anseios e das realidades dos diversos autores”. (NÓVOA, 2002, p. 11). Sob a análise destas materialidades são denunciadas situações próximas do acontecimento, levando-nos a compreender de que forma se realizaram no cotidiano escolar.

Por este aspecto, Nóvoa (1993) ao utilizar como fonte a Imprensa de Educação e Ensino afirma que em primeiro lugar, é o melhor meio para apreender sobre a multiplicidade do campo educativo (cursos, programas, currículos); em segundo lugar, compreende as dificuldades de articulação entre teoria e prática; e em terceiro lugar, de um lado a imprensa é um local de afirmação de grupos e de correntes de pensamentos educacionais, pois envolve os mais variados sujeitos (pais, professores, alunos, intelectuais, universitários, homens, mulheres, etc.) que pensam de formas variadas sobre o mesmo assunto; de outro, um espaço de uma permanente regulação coletiva, pois cada criação está sujeita a críticas, seja de outros periódicos, de outros autores, e do público, “de fato, a feitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polémicas e conflitos, [...] no diálogo com os leitores, nas reivindicações juntos dos poderes públicos ou nos editoriais de abertura.” (NÓVOA, 1993, p. XXXII-XXXIII).

Diante disso, ao explorar os conteúdos desses jornais, encontramos informações sobre as escolas, seus horários de aulas e as disciplinas, sobre os objetivos dessas escolas, o movimento de entrada e a saída de professores. Também foi possível encontrar o currículo adotado nessas escolas, a forma de como eram estruturados os programas de ensino, que de certa forma estavam ligados ao ideal republicado que acreditava no poder mágico da educação, pois somente através dela, o Brasil poderia se tornar um país avançado em rumo ao progresso, saindo do atraso que esteve por muito tempo relegado no Império. Esses conteúdos

foram redefinidos em função da nova finalidade atribuída à escola pública (BORGES; SILVA; MENDES, 2011), escolarizar o povo brasileiro, instruindo-lhes os valores morais e o sentimento patriótico. Na carga horária dessas escolas (tanto a pública como particular) se encontravam disciplinas voltadas para a Leitura, a Caligrafia, a Ortografia, Lições de Coisas, História Natural, Música, Ginástica, Moral e Cívica.

Figura 1 – Horário das aulas do Externato Codoense

Curso de primeiras letras			Curso primario 1.º anno			Curso primario 2.º anno			CURSO SECUNDARIO	
Materias	Dias	Horas	Materias	Dias	Horas	Materias	Clas.	Horas		
Lingua materna)	Todos os dias	7-10	Português	3.ª 5.ª Sáb.	8-9	Português	3.ª 5.ª Sáb.	8-9	O curso secundario funcionará das 8 às 12 horas, havendo de cada materia três aulas por semana.	
Calculo			Caligraphia	3.ª 5.ª Sáb.	8-9	Arithmetica	2.ª 4.ª 6.ª	9-10		
			Arithmetica	2.ª 4.ª 6.ª	8-9	Geom. pratica	3.ª	9-10		
			Geom. pratica	6.ª	10-11	Hist. do Brasil	5.ª Sáb.	10-11		
			Geographia	2.ª 4.ª 6.ª	9-10	Geographia	2.ª 4.ª 6.ª	9-11		Funcionará o curso nocturno das 18 às 20 horas, se houver, porem, no mesmo, alumnos matriculados em numero de seis, no minimo.
Estudo	Todos os dias	13-16	Ch. do Brasil			Lições de coisas				
					Ed. civ. e moral	4.ª	10-11	Noções sciencias	Sáb.	

Fonte: (A ESCOLA, 1918).

Observando nos jornais de Educação e Ensino a divulgação desses horários, da descrição sobre os prédios e seu funcionamento, das disciplinas e do corpo docente nesses jornais só evidenciava que diferentemente do ensino público, o privado era estruturado. O ensino público possuía diversas deficiências, entre elas, a falta de professores e de escolas com estruturas que pudessem abrigar esses alunos, principalmente no interior do estado, fato noticiado no Jornal *A Escola* (1918), pois devido a esses problemas com a única escola pública da cidade de Codó, foi necessária a criação de uma escola privada para suprir esta problemática.

Foi em agosto de 1915 que nasceu a ideia da fundação do Externato. Meses antes havia chegado a esta cidade o professor nosso director Fernando Barbosa de Carvalho que, para cá viera em visita ao seu irmão, o nosso companheiro dr. Elisabetho de Carvalho, juiz municipal deste termo. Todos nesta terra lamentavam nesse tempo a ausencia de uma casa de ensino para alumnos do sexo masculino, por isso que o unico collegio para meninos mantido aqui pelo governo, dirigido apenas por um professor [...] foi então que os dois irmãos indo ao encontro dessa [da] aspiração do povo codoense, resolveram fundar entre nos um collegio de feição moderna com as exigencias dos methodos hoje adoptados nos estabelecimentos congeneres. (A ESCOLA, 1918).

Em relação aos horários de funcionamento das aulas, se comparadas a escola pública e a privada; na primeira aconteciam somente nos horários pela manhã e tarde¹; na

¹ As aulas eram feitas de forma mixta, pela manhã aconteciam as aulas do sexo masculino (das 8 as 11h) e a tarde os do sexo feminino (das 2 as 5h), divididos em ensino elementar e integral (que ia das 9 as 2h).

segunda: se estendiam até a noite. O Curso Noturno foi “creado exclusivamente para as pessoas que não podem frequentar aulas diurnas, [e] consta de um ensino mais pratico que theorico”. (A ESCOLA, 1902). Desta forma, a criação dessas aulas noturnas, além de tentar abarcar o maior número de estudantes que não tinha como estudar durante o dia, também procurava envolver a classe trabalhadora, popularizando assim o chamado ensino operário.

Portanto, através dessas páginas também podemos ver a relação entre aquilo que era emanado pelo Estado (leis, decretos, regulamentos) e como se colocava na prática (através dos discursos nos jornais). Essa relação mostrava de um lado as estratégias impostas na lei e dos interesses que estavam por detrás dessa publicação e, as táticas de apropriação adotadas por esses sujeitos e por cada escola que fizeram com que cada uma delas tenha a sua própria cultura.

Alunos, professores, pais e diretores participavam ativamente ou como coadjuvantes no processo de elaboração desses jornais, colocando suas intencionalidades explícitas ou implícitas em seus discursos no intuito de envolver os pais e a sociedade nos processos da escola, deixar os pais cientes do que os seus filhos faziam, aproximando-os, já que muitos acreditavam que a escola sozinha tinha a função de educar, ou como forma de vigiar e punir esses alunos. Essa união da escola com a família se dava também em torno de unir a educação fornecida pelos pais e a instrução ofertada pela escola, para a formação da moral e dos bons costumes nesses indivíduos, mas também como forma de mostrar aos pais a eficiência do ensino particular e que esse tipo de escola era boa para que os filhos continuassem estudando nelas.

1.4 O material de análise

O material de análise corresponde aos impressos escritos por professores e alunos no Maranhão no período de 1902 a 1932, época que corresponde ao período republicano e aos jornais encontrados nesse intervalo de tempo. Nesse período o Brasil estava passando por mudanças políticas e econômicas e necessitava uma reconfiguração no seu social, sendo preciso escolarizar a população. Entretanto, os problemas do Império, os altos índices de analfabetismo vieram para a República sem solução, acreditando que com a chegada dela, esses problemas desapareciam.

Em relação aos jornais levantados foram encontrados dezoito jornais produzidos tanto por instituições ligadas ao Ensino Primário como do Ensino Secundário². Esses jornais se diferenciavam primeiramente em relação aos seus objetivos. Os da instituição primária eram mais centrados em fazer desses periódicos uma prática pedagógica para o desenvolvimento intelectual dos alunos; os do ensino secundário eram voltados mais para um resgate da antiga Atenas Brasileira. Na administração desses jornais, os do ensino primário muitas vezes eram subordinados aos professores e diretores da escola, ou seja, qualquer publicação ou correspondência teria que passar pela mão deles para aprovação ou não da publicação dos escritos; os do ensino secundário eram mais livres na escrita e na produção de seus conteúdos, portanto, “estes discursos nos levam a compreender a diferença entre as escritas dos jovens, de um lado sob a égide dos responsáveis da escola (os professores e diretores) e por outro os escritores isolados em grupos autônomos e independentes”. (FURTADO, 2016).

Ressalta-se que os jornais que caracterizavam essa imprensa no Maranhão nesse período podem ir além dos materiais que foram levantados. As dificuldades de encontrar esses materiais nos centros de documentação, as suas condições de conservação, os números incompletos ou os jornais que podem ainda estar desaparecidos podem ser alguns entraves para um levantamento mais completo do material.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram priorizados os jornais referentes às instituições do Ensino Primário. Essa escolha deveu-se ao fato das reformas escolares incidirem principalmente na escola primária, devido aos assuntos relacionados ao livro e à leitura serem debatidos de forma mais efetiva nesses periódicos. Dos oitos jornais pertencentes a essas instituições, foram selecionados quatro, por tratarem com muita frequência sobre essa temática: A Escola (1902), A Escola (1909), A Escola, A Escola (1918) e Vida Escolar (1932).

Quadro 1 – Jornais Escolares no período de 1902 a 1932

JORNAIS PRODUZIDOS PELA ESCOLA PRIMÁRIA
A Escola (1902)
Amor as Letras (1905)
Philolitera (1906)
A Escola (1909)

² O Brazil (1907); O Progresso (1907); O Canhoto (1912); A Inúbia (1914); O Excelsior (1914); O Estudante (1915); O Lábaro (1921), correspondem aos jornais produzidos pelas instituições do ensino secundário.

O Labor (1913)
A Escola (1918)
A Escola (1923)
A Escola (1928)
Vida Escolar (1932)

Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite

Em relação à análise desses jornais procurou-se dividir esses discursos em categorias. No primeiro momento, as categorias mais gerais ligadas à escola (instrução pública, métodos de ensino, professores, cultura material escolar, entre outros), procurando entender como esses sujeitos abordavam a escola e sua configuração, identificando assim o cotidiano escolar das instituições. Nesses materiais podemos encontrar diversos itens que descrevem algumas das características desses espaços ligados á esses jornais, tais como os horários de aula, os objetivos das escolas, o valor das mensalidades, os horários de funcionamento, as disciplinas escolares, seus diretores entre outros elementos que nos permitem tentar compreender a estruturação, a organização e o funcionamento de algumas das escolas privadas e públicas do Estado.

É importante frisar que ao examinar essas falas, não pode se esquecer de observar o que esses sujeitos pensavam sobre a imprensa e qual a sua contribuição para o ensino. Esses jornais tinham como objetivo de um lado fazer divulgar em suas páginas os métodos de ensino, as opiniões sobre a escola, assuntos instrutivos e os temas ligados às datas importantes da história do Brasil, assim como as homenagens a datas e intelectuais do País e do Estado. De outro, um resgate da antiga Atenas Brasileira³, título que por muitos anos o Maranhão foi conhecido em todo o Brasil.

No segundo momento, identificando as categorias específicas referentes ao livro e a leitura (métodos de leitura, materiais pedagógicos, espaços de sociabilidade, a importância do livro, etc.). Ao analisarmos a materialização desses discursos, podemos identificar quais eram as principais práticas que esses sujeitos pretendiam determinar ao impor métodos específicos, os determinados tipos de leitura, a indicação de livros e de autores, bem como o papel desempenhado pelo livro e a leitura dentro e fora da escola.

³ Movimento cultural pelo qual a cidade de São Luís ficou conhecida durante o século XIX. A denominação ocorreu pelo grande número de autores e a sua contribuição no cenário literário brasileiro, tendo como expoentes, Gonçalves Dias (1823-1864), Sotero dos Reis, (1800-1871), João Lisboa (1812-1863), Odorico Mendes (1799-1864).

Além dessas fontes (os jornais) também foram utilizadas documentações oficiais produzidas pelo Governo. Estas se resumem em:

a) **As Leis, Decretos e Regulamentos referentes à Instrução Pública, adotados durante a Primeira República.** O manuseio desses documentos possibilita verificar quais os dispositivos reguladores empregados nesse período e de que forma eles interferiram no processo de estruturação do ensino;

b) **Os Relatórios dos Inspectores da Instrução Pública.** Os inspetores tinham como objetivo a fiscalização, a inspeção do ensino e das escolas de instrução pública do estado, assim como o controle e a regulação dos métodos de ensino e dos livros adotados nessas escolas.

c) **Os Relatórios e as Mensagens dos Governadores do Estado.** Esses registros feitos pelas autoridades oficiais do Estado sobre as ações durante o período de gestão, permite conhecer quais as medidas adotadas em relação ao ensino, ao livro e a leitura no período que compreende os anos de 1902 a 1932.

Essa documentação possibilita compreender o que Bastos (CATANI; CATANI; SOUZA, 1999) define como “fala intermediária”, que está entre a fala oficial (a do Governo) e a prática cotidiana (o que esses alunos vivenciavam), permitindo “[...] discernir o que se passa ou não, do centro para a periferia (ou do alto para a base) revelando assim as reticências e os bloqueios que põem a instituição escolar às diretrizes que ela recebeu [...]”. (CASPARD, 1981, p. 8). O que possibilita o contraponto e o cruzamento entre as fontes, detectando os mais diferentes discursos sobre o mesmo assunto, nesse caso as diferentes falas sobre o livro e a leitura.

Para o desenvolvimento dessa investigação foram utilizadas as fontes encontradas no acervo físico e digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, o acervo digital da Biblioteca Nacional, as leis e os Regulamentos encontrados no Arquivo Público do Estado e os Relatórios e Mensagens dos governadores do estado disponíveis no portal *Center for Research Libraries* e no centro de documentação do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das Práticas Leitoras - NEDHEL.

1.5 Uma história do livro a partir da imprensa

A criação da imprensa por Gutenberg foi um marco na história da humanidade. Através dela, se modificaram os hábitos de leitura, os modos de se comunicar, a produção editorial se intensificou e começou a atingir as camadas mais baixas da população. Livros,

revistas e jornais passaram a ser consumidos com maior facilidade e os livros de bolsos, encontrados principalmente em bancas de vendas de jornais, se tornaram populares, “o texto impresso deixou de ser privilégio de poucos, ganhando com isso usos e repercussões bastante variadas [...]” (EL FAR, 2006, p. 11). Burke (2006) afirma que não podemos olhar essa revolução apenas com ênfase somente ao meio de comunicação (a imprensa), mas considerar todos os agentes que sofreram nessa mudança: escritores, impressores e leitores.

As diferentes transformações do livro e da leitura também exigiram diferentes formas de ler e escrever, “obrigando ao uso de um determinado tipo de instrumento, a uma certa postura corporal, a um certo modo de organizar o texto (ou a imagem), dependendo da textura do suporte ou do seu formato.” (BELO, 2002, p. 27). A leitura, antes feita de forma oral e em voz alta, passou a ser silenciosa e privada. Com a popularização da imprensa, e com a disposição dos livros em um formato mais leve e encadernado, facilitou-se o manuseio das páginas, o seu folheamento e as marcações nos textos. Era mais simples transitar com esses livros, levá-los ao quarto ou a qualquer outro lugar. A leitura que antes era feita em bibliotecas ou em locais próprios para ela, passou a se tornar cada vez mais privada. Entretanto, com a propagação de livrarias, essa leitura também passou a ser feita de forma coletiva. Cafeterias e livrarias se tornaram um dos principais pontos de encontros de autores e amantes de literatura, e os debates em torno do livro e de questões políticas se tornou popular nesses encontros.

A inserção da literatura como prática social difundida e incorporada ao cotidiano, não se daria sem a criação da imprensa de Gutenberg, pois através dela, a distribuição, o consumo e a circulação dos livros pode chegar à população mais empobrecida. O aumento das tiragens dos jornais por fatores econômicos, as decisões editoriais e o desenvolvimento da escolarização fizeram com que a literatura se propagasse na sociedade de forma facilitada. A partir dessa expansão foram se consolidando os locais de comercialização desses livros e revistas, uma legislação própria que regulasse a publicação, a comercialização, os direitos do autor e dos trabalhadores, e por fim, a criação de políticas educacionais que escolarizassem a população e criassem uma rede escolar eficiente. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002).

Com o barateamento das publicações de livros, dos textos nas colunas dos jornais e a propagação da literatura à maioria da população, fez com que houvesse uma mudança em relação às pessoas que desejavam publicar livros ou pequenos textos, incentivando o surgimento dos chamados “homens de letras”. Essas pessoas eram “autores” que muitas vezes não tinham dinheiro ou por não serem tão conhecidos, aproveitavam o espaço dos jornais para a publicação dos seus textos. Lançar um livro era caro, e com a difusão das tipografias,

qualquer pessoa poderia publicar nas colunas dos jornais com preços mais baratos e com uma maior facilidade.

Se para alguns essa avalanche de publicações pagas trazia certo incômodo pelo fato de muitos terem a “ousadia” de se considerarem homens de letras, para outros esse era o único caminho possível para sair do anonimato e dar os primeiros passos rumo ao reconhecimento literário. (EL FAR, 2006, p. 34-35).

No que se refere ao Brasil, o surgimento da imprensa acompanhou as diversas mudanças que estavam acontecendo nos espaços públicos, como a modernização política e cultural das instituições, o processo de independência e a construção de um Estado Nacional. (MOREL, 2003). A imprensa chegou em 1808, com a vinda da família Real ao Brasil antes, qualquer publicação, seja de livros ou jornais era proibida, a não serem as publicações oficiais da Coroa portuguesa ou os livros utilizados pelos jesuítas para o ensino e a catequização dos índios, o que ainda assim, não invalidava as publicações do tipo não oficiais, que muitas das vezes, se davam através da publicação em outros países da Europa ou pelos contrabandos da importação de materiais para a impressão. Não podemos desconsiderar as primeiras tentativas da implantação da imprensa por Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro e algumas tentativas em Pernambuco; contudo, por ainda sermos colônia de Portugal, estávamos sujeitos as suas regras e a censura imposta pela Real Mesa Censória.

O comércio livreiro começou a se desenvolver no Brasil e livrarias e casas editoriais começaram a encher as ruas das províncias brasileiras, desenvolvendo uma efervescência cultural que antes era bastante limitada. Casas de impressão, entrada de livreiros estrangeiros, anúncios de vendas de livros nos jornais passaram a se tornar rotineiros no cotidiano do brasileiro.

No Maranhão, os tipos móveis chegaram apenas em 1821, com a publicação do primeiro jornal maranhense, O Conciliador do Maranhão, contudo, “a tipografia maranhense só chegará a produzir obras apresentáveis e perto da perfeição em meados do século XIX [...]. Não há dúvida, entretanto, que nesse tempo São Luís do Maranhão era o centro editorial mais ativo do Norte do Brasil”. (MORAES, 2006, p. 178).

Inicialmente de caráter político, os primeiros jornais maranhenses mostravam em suas páginas um Brasil dividido entre os que queriam a independência de Portugal e os que ainda preferiam se sujeitar a ela. Os movimentos abolicionistas também começaram a aparecer em suas páginas, só que ainda com menor intensidade. Outro debate que permeava a linha desses periódicos era as discussões sobre a liberdade de pensamento, as leis sobre a liberdade de imprensa ainda eram severas e os textos deveriam ser assinados, uma vez que no

caso deles não virem com os nomes dos autores, a responsabilidade ficava a cargo do editor, do dono do jornal ou da tipografia.

Esse controle só demonstrava o medo e o receio que a imprensa causava na sociedade. Local importante de transmissão de ideias instigava a sociedade a pensar, a questionar e a criticar aquilo que lhe incomodasse ou lhe interessasse. Esse meio de comunicação foi se tornando popular com o avançar do tempo, surgindo jornais dos mais variados tipos: políticos, econômicos, culturais, literários, operários, os quais começaram a ocupar lugar de destaque não simplesmente apenas como um veículo divulgador de ideias, mas também como um objeto a ser pesquisado, já que “sob qualquer ponto de vista que se pretenda estudar, os jornais são os melhores testemunhos da história de uma época”. (SERRA, 1883).

Através do fio do relato e da interrogação dos discursos praticados nesses jornais, os discursos carregados de significados, nos permitem compreender uma sociedade em seu tempo, suas práticas e seu cotidiano. O aspecto factual dos escritos e a proximidade com o acontecimento, fez com que a imprensa se tornasse fonte e objeto dos historiadores, cabendo “a tarefa da história não de [...] recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo, a partir dos sinais que chegam até o presente, [tentando] compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação”. (BARBOSA, 2007, p. 13).

A imprensa como agente que intervém nos fatos, parece ter interferido nas práticas educativas e escolares. Com a revolução industrial se tornava necessário escolarizar as camadas mais pobres da sociedade, seria importante que se desenvolvesse a cultura do ler e do escrever; entretanto, esse objetivo era voltado principalmente para aumentar o mercado consumidor: quanto mais as pessoas soubessem ler e escrever, mais elas saberiam lidar com o dinheiro e comprar mais, uma vez que “à escola [lhe] interessa formar cidadãos capazes de interagir e participar ativamente da vida pública”. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 158). Nesse sentido, o livro se tornou um objeto primordial no processo e passou a conquistar um espaço significativo dentro da escola. Em virtude desse papel, ambos tem se tornado objetos de estudos nas mais diferentes áreas. O livro e a leitura p instrumentos que precisavam ser controlados pelo governo ou pelos órgãos destinados a esse fim.

1.6 Mas porque uma história do livro e da leitura?

O suposto “fim do livro”, o uso da tecnologia, as novas formas de impressão, o aparecimento do livro digital, os índices de analfabetismo, a sua produção e circulação, os

usos que se fazem deles são objetos dos historiadores sobre a história do livro e da leitura. Essas investigações, antes centralizadas nas áreas da linguística, da pedagogia, letras e da biblioteconomia, colocaram em rota a curiosidade dos historiadores sobre essa disciplina. Belo (2002) defende que o interesse em torno da história do livro se deve ao fato da revolução do computador e do impacto que a internet tem causado nas atividades relacionadas ao livro, uma vez que vem “afetando todo o seu circuito tradicional, do processo de escrita à edição, da venda à conservação em bibliotecas, da propriedade intelectual até os modos de ler.” (p. 17), desse modo, por isso o estudo sobre esses artefatos tem se tornado tão populamais frequente.

Belo (2002) e Chartier (2001) demonstram que as discussões sobre o futuro do livro e os efeitos produzidos pela revolução do texto eletrônico sobre as práticas, os usos e as concepções do escrito tem estado em constante debate, e esse “[...] refletir sobre a história do livro é também uma maneira de refletir, direta ou indiretamente, sobre as mudanças que a tecnologia digital está imprimindo na comunicação entre os indivíduos.” (BELO, 2002, p. 20). Anunciar a morte do livro seria não entender as mudanças pelas quais ele vem passando.

Para se compreender as mudanças pelas quais esses artefatos têm passado atualmente, se faz necessário voltar ao passado para entender o lugar que elas desempenharam na sociedade de seu tempo; “recordá-lo não significa que a história se repita, e sim destacar que esta pode buscar conhecimentos e ajudar a compreensão crítica das inovações do presente, as quais, por sua vez, nos seduzem e nos inquietam”. (CHARTIER, 2010, p. 9). Os estudos sobre a história do livro e da leitura anteriormente eram voltados para estudos quantitativos, identificando-se quanto os leitores liam, o que liam, mas sem relacioná-los com o meio social no qual viviam. Estudavam os hábitos de leitura, mas não o problematizavam com a realidade na qual esses leitores estavam envolvidos, colocando assim a leitura como uma prática que todos realizavam de maneira iguais, sem considerar as particularidades de cada sujeito e as condições sociais, políticas, econômicas e culturais. Com essa nova reconfiguração dos métodos, surgiu modos inovadores de compreender, abordar e problematizar a leitura, o que antes não acontecia.

Em oposição a essa tradição, o interesse atual das ciências sociais pela leitura reclama uma atenção do ato de ler mesmo (e não apenas aos textos, gêneros e suportes em torno dos quais esse ato se realiza) e às significações plurais que, no contato com os textos, os leitores produzem; reclama também um exame da historicidade dos textos, das categorias que os classificam e das práticas discursivas e não discursivas que envolvem o ato da leitura. (BASTISTA, GALVÃO, 2011, p. 15).

A preocupação com o futuro do livro vem desde o século XIX, precisamente com a popularização da leitura de jornais e com a chamada “crise do livro”. Essa crise, segundo

Chartier (2001) se deu principalmente com a criação da imprensa, pois de um lado havia uma obsessão pela perda dos textos, uma abundância e acumulação da publicação de livros, e a multiplicação dos impressos, do outro, uma preocupação com o excesso da propagação desses materiais, que passaram a ser escolhidos e selecionados através da criação de instrumentos de controle do ensino e das bibliotecas. Outro fator que inquietava com a criação da imprensa era o aumento da corrupção do texto que poderia se dar através dos erros dos compositores, do dinheiro, dos plágios, entre outros fatores.

Ao colocarmos essas questões, podemos ter uma maior compreensão do modo como, em diferentes épocas, os livros foram lidos e “um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade” (DARNTON, 2010, p. 125), os usos que lhe foram dados e as diferentes formas de apropriação dos sujeitos.

A distribuição de um produto cultural não revela tudo; pelo contrário, sua apropriação, sua utilização e seu consumo são tão importantes para a realização de uma história da leitura quanto sua circulação, em vários casos, aliás, muito mais fluida do que se pensa. [...] A história da leitura tem procurado focalizar, hoje, principalmente, as formas de ler: como os mesmos textos, os mesmos livros eram lidos de maneiras diferentes por grupos sociais diferenciados. (BASTISTA, GALVÃO, 2011, p. 20).

Chartier (2001) compreende que a cultura escrita, os livros e as suas diferentes intervenções variam conforme o tempo e o lugar, assim como os papéis que eles assumem na sociedade. Mobiliza os conhecimentos e os procedimentos dos que trabalham na oficina tipográfica (editores, revisores, linotipistas, impressores), pois, “as técnicas mudam e, com elas, os protagonistas da fabricação do livro, mas permanece o fato de que o texto do autor não pode chegar a seu leitor senão quando as muitas decisões e operações lhe deram forma de livro.” (p. X).

Para Darton (2010), os estudos sobre a história do livro variam conforme o lugar; mas esses estudos vêm sendo reconhecidos como uma nova importante disciplina. Segundo o autor a finalidade desses trabalhos “é compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à imprensa afetou o pensamento e a conduta da humanidade [...]” (2010, p. 122.). Entretanto, para o autor, não se pode estudar uma história dos livros sem compreender a história das bibliotecas, das edições e do papel. Os historiadores não podem pensar uma história do livro sem lembrar-se de toda a rede que cerca a sua produção: autores, editores, livreiros, distribuidores, bibliotecários, constituindo assim uma história social da comunicação impressa.

Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao

vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. [...] A história do livro se interessa por cada fase do processo que compõe a imprensa, desde a sua produção, até a sua fase final, que é nas mãos do leitor. Compreende a comunicação e todos os processos sociais que o envolvem, e “em todas as suas variações no tempo e no espaço, e com todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante”. (DARNTON, 2010, p. 125-126).

A sociedade é marcada por transformações culturais e sociais, por isso se faz essencial contextualizar a história do livro com as mudanças que aconteceram na sociedade. Ao estudar a história do livro podemos identificar e compreender as principais mudanças na produção do livro (formas, técnicas de produção e reprodução dos textos, as modalidades de publicação e as práticas de leitura), um inventário dos lugares (mapa da história do livro, seus espaços de produção e circulação), os usos estéticos da escrita, restituir o papel do leitor e da leitura e as modalidades de controle dessa opinião.

Qualquer livro em qualquer época, seja ele impresso ou manuscrito, traz em si, para além das marcas de um trabalho intelectual, marcas de práticas artesanais ou industriais, marcas de uma relação com o poder ou com outros indivíduos, marcas de um produto destinado a ser vendido ou trocado, marcas do estatuto social dos seus autores, marcas da relação do texto com o leitor, marcas de um uso da língua, enfim, marcas de um proprietário ou mesmo de um ato de leitura. Tudo o que está no livro, em qualquer livro, nos reenvia para fora dele. (BELO, 2002, p. 104).

O leitor não é passivo às mensagens que lhe são transmitidas, reagindo ao lido de diferentes formas, seja concordando ou discordando de algo, assim como se deve levar em conta que a criação de cada discurso ou obra está ligada e as suas condições de produção.

No Brasil, podemos destacar o trabalho de Carlos Rizzini (1946) que aborda os meios de comunicação, as sociedades literárias, a censura e os leitores. As pesquisas de Márcia Abreu (1999), desenvolvendo trabalhos voltados à circulação dos romances e à censura aos livros nos séculos XVIII e XIX; Luiz Carlos Villata (1999) com pesquisas voltadas sobre a censura e a circulação de livros no Brasil colonial; Rubem Borba de Moraes (2006), que estudou os livros e as bibliotecas no Brasil Colonial. Ressalta-se também o extenso trabalho de Hallewell (2012), que apesar de ser americano, se propôs a entender e a estudar o funcionamento do mercado editorial brasileiro, a criação e o funcionamento das principais casas de impressão e a sua relação com a circulação de livros no Brasil.

No Maranhão, podemos destacar os trabalhos de Fátima Braga (2011), que estuda as práticas de leitura presentes na sociedade maranhense no período que compreende de 1821 (ano de publicação do primeiro jornal da província do Maranhão) a 1831, tendo como fonte principal de pesquisa os jornais que circularam no Maranhão nesse período. O trabalho também procura refazer a trajetória da imprensa no Maranhão e um panorama das instituições

mediadoras do livro e da leitura, como as sociedades literárias, o gabinete português de leitura, as bibliotecas e as escolas públicas ou particulares.

Samuel Castellanos (2012) procurou compreender a representatividade dos livros escolares no Maranhão Império, a sua produção, distribuição, o processo de adoção, aprovação ou rejeição dos livros e o seu uso nas instituições escolares públicas e particulares de instrução primária e secundária. Também se buscou compreender os outros lugares de leitura, como o gabinete de leitura, as bibliotecas e as conferências populares e pedagógicas. Essa pesquisa utilizou como fonte primária e primeira os jornais existentes e publicados no Maranhão Império.

Odálea Costa (2013) buscou compreender o processo da produção, circulação e utilização do Livro do Povo no Maranhão na segunda metade do século XIX. Segundo a autora, esse livro foi um importante elemento que contribuiu para a expansão do ensino primário no Maranhão no período de 1861 a 1881, fato que deveu-se também à grande influência que o autor da obra exerceu no cenário educacional e político maranhense.

Kátia Salomão (2015) aborda o ensino da música em instituições escolares maranhenses no período de 1860 a 1912, analisando os livros escolares “Princípios Elementares de Música: em 10 Lições (1869)”, de Domingos Thomaz Vellez Perdigão e “Noções de Musica: extrahidas dos melhores autores (1902)”, de Antonio Claro dos Reis Rayol. A autora também procurou identificar quais instituições escolares no Maranhão ministravam o ensino de música e quais foram os aspectos pedagógicos (conteúdos, métodos, os tipos de avaliações) que envolviam esse tipo de ensino.

1.7 Organização do Corpus

Na primeira sessão se faz uma caracterização dos jornais que eram escritos por alunos e professores sobre a educação no Maranhão na tentativa de se especificar quais eram as finalidades de cada um, em que se apoiavam os seus discursos, quais foram os assuntos mais abordados, quem eram os escritores, diretores e colaboradores, e quais são as diferenças entre eles. No decorrer da investigação, foi constatado que em alguns desses jornais ligados a essas instituições havia certa predominância da valorização da escola, principalmente a privada, em detrimento das questões escolares; ou seja, era mais uma propaganda da escola na qual o jornal estava ligado. Todavia, ao realçar essas diferenças, podemos entender a organização de cada uma delas, as suas práticas escolares, o seu currículo e as vantagens de estudar nelas.

Na segunda sessão, dissertamos sobre os discursos que foram expressos nesses jornais referentes ao livro e a leitura, procurando entender os usos que esses alunos e professores fizeram como forma de identificar qual o papel que esses objetos culturais ocupavam dentro da sociedade maranhense naquele período. Ao indagarmos esses discursos, podemos compreender não somente a realidade que era retratada, mas também o que e quem estava por detrás desses discursos. (GINZBURG, 2007, p. 10). Ao fazermos isso, estamos procurando as entrelinhas desses discursos, invocando as “vozes incontroladas” ou os testemunhos involuntários, pois não é possível estudar os fatos isoladamente. Não é possível estudar uma história do livro e da leitura sem compreender o processo que o cerca (econômico, político, social, cultural), que vai desde a sua produção até a hora que chega às mãos do leitor.

São poucos os estudos referentes ao livro e à leitura a partir da imprensa periódica e não periódica. Normalmente, essas pesquisas centram-se em entender o cotidiano escolar, o seu funcionamento, a instrução pública nos seus diversos níveis (primária, secundária, superior ou profissional). Nessa perspectiva, esse trabalho visa contribuir para a ampliação dos estudos sobre o livro e a leitura, sobre impressos educacionais, e preferencialmente sobre a história da educação.

2 O PREPARO PARA OS LIDES DA GRANDE IMPRENSA

Os alunos e professores começaram a ver na imprensa educacional uma forma de divulgar os acontecimentos sobre a escola, criticar e/ou denunciar os problemas que afetavam as instituições escolares, como a falta de professores, os baixos salários, as críticas a um método adotado, a qualidade do ensino, os materiais pedagógicos entre outros assuntos que cercavam o ambiente escolar. Além disso, muitas das vezes os jornais acabaram se tornando uma propaganda da própria escola ao informar horários de funcionamento, as disciplinas adotadas, as notas e a frequência mensal dos alunos, desse modo “em se tratando de educação, a imprensa maranhense constituiu-se um campo fértil de investigação ainda pouco explorado pelos pesquisadores locais”. (CASTRO, 2011, p. 62).

Um campo fértil na medida em que são encontradas diversas questões no que se refere ao ensino e todo o seu processo. Através dele podem ser extraídas diversas perspectivas para a compreensão da constituição do campo educacional no país. Questões sobre os métodos, a institucionalização da escola, o salário de professores, a formação docente, os materiais escolares, a arquitetura escolar entre outras temáticas possam vir a se tornar objeto de debate, fazendo emergir de um lado as práticas adotadas e do outro as vozes dos atores educacionais: alunos e professores.

Uma segunda possibilidade pode ser considerada para quem utiliza a imprensa como fonte e objeto de investigação: o campo editorial. Por muito tempo, os pesquisadores da imprensa se preocupavam somente com os seus conteúdos, esquecendo os sujeitos silenciados que estavam por trás de todo o processo de produção: editores, tipógrafos, distribuidores, livreiros. Darnton (2010) afirma que esse processo pode ser descrito como um circuito de comunicação, que perpassa desde o autor até o seu destinatário final, os leitores, sendo “[...] que as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionados com o todo [...]” (2010, p. 126). Portanto, seria impensável estudar uma história da imprensa ou uma história dos livros sem considerar esse processo.

Outra abordagem que pode ser levada em consideração é a questão mercadológica desses impressos e a sua influência no comércio local, já que através deles eram publicados anúncios dos mais diversos tipos: remédios, roupas, livros, escolas, peças teatrais, etc. Ainda somam-se a essas possibilidades questões referentes à legislação da imprensa, à identidade desses profissionais, à história do jornalismo, às teorias da comunicação, entre outros pontos que cabe a cada historiador o seu recorte.

Para a elaboração dessa dissertação, privilegiamos as questões referentes ao livro e a leitura na imprensa de educação e ensino e a importância que adquiriram nas mudanças pelas quais o ensino perpassava. Todavia, antes de abordar sobre esses artefatos, se faz necessário conhecer quais os jornais que constituíam essa imprensa no período de 1900 a 1932, seus objetivos, os principais assuntos abordados e seu corpo editorial.

As primeiras iniciativas do estabelecimento de uma imprensa educacional no Maranhão se deram com o *Jornal de Instrução e Recreio* (1845), periódico ligado ao Liceu Maranhense e escrito em colaboração com Gonçalves Dias, Antonio Henriques Leal e Alexandre Teófilo de Carvalho⁴. Nele eram abordados assuntos sobre a instrução, os livros didáticos, os professores, a instrução em outros países, as bibliotecas e o ensino de modo em geral. Em 1854, foi publicado o *Botão de Ouro*, redigido também pelos alunos do Liceu e dirigido por Augusto Olympio Gomes de Castro, "o qual se apresentava como um veículo de entretenimento para os leitores, mediado pelos versos [...]". (CASTELLANOS, 2012, p. 61).

Em seguida, houveram ainda mais cinco tentativas nesse sentido:

A primeira - do Estado, criando uma revista pedagógica pelo decreto de 7 de Março de 1900;
 a segunda - do dr. José Barrêto Costa Rodrigues, oferecendo ao inesquecível médico e professor dr. Almir Parga Nina, e a nós, uma seção da *Pacotilha*, para escrevermos sobre assuntos exclusivamente pedagógicos;
 a terceira - do mesmo dr. Almir Nina, fundando uma revista pedagógica com outros professores;
 a quarta - dos professores Jerônimo Viveiros, Antonio Lopes da Cunha e nós, criando em 27 de Maio de 1908 uma revista que sairia à luz com o nome <<Revista Pedagógica Maranhense>>;
 a quinta - a que hoje faz aparecer <<A Escola>>.
 Não vingou nenhuma das quatro primeiras tentativas; uma, pelas muitas dificuldades que sempre as acompanharam; outras, por dependerem de muitas vontades. (A ESCOLA, 1909).

Esse crescimento demonstrava a importância que os periódicos vinham adquirindo no cenário educacional maranhense, pois além de serem utilizados para retratar sobre educação, serviam também como artifício para a divulgação dos pensamentos republicanos que circulavam na época, como progresso, amor à pátria e os novos ideais de modernidade; Sendo assim, a imprensa passou a constituir um fator primordial para a divulgação desses discursos.

Diversos fatores podem estar ligados ao aparecimento e desaparecimento dos jornais escolares, tais como, o calendário escolar (alguns tinham dificuldades de funcionar em período de provas); as assinaturas serem gratuitas e a falta de anúncios, o que poderia

⁴ Importantes intelectuais do cenário literário e político do Maranhão naquele período.

acarretar a falta de verbas para a manutenção desses periódicos, ou as próprias condições de preservação em que foram encontrados nos lugares de memória (arquivos e bibliotecas).

No anno passado de 1906, a direcção do Instituto Amor ás Lettras determinou que fossem suspensos os trabalhos escolares por dez dias entre S. João e S. Pedro. Tivemos, pois, um pequeno periodo feriado, que nos valeu e bastante para, no meio do anno, o, retemperarmos as nossas forças e obtermos mais valor para, robustecidos, alentados, prosseguirmos no outro semestre do anno, encorajados para os exames. Foi, pois, nesse tempo que, os nossos collegas tomaram, cada um para o seu canto, a deliberação de brincar, divertir, passar S. João, nessa epocha em que as escolas nada lucram, estonteadas pelos berros atroadores dos fogos, as chiadas das bichinhas corredeiras e a algazarra pela rua que, dia e noite faz o pessoal desoccupado. (AMOR AS LETTRAS, 1905).

De publicações mensais, bimensais e trimensais esses jornais se diferenciavam da imprensa tradicional devido a tratarem principalmente dos temas relacionados à educação, por não possuírem uma periodicidade regular e devido a sua circulação ser principalmente interna. Mesmo os que destinavam as suas edições para a venda de assinantes e demais interessados, ainda assim tinham uma circulação restrita, pois a sua difusão era destinada principalmente aos pais, alunos e a permuta com outros jornais.

Diferentes objetivos incentivavam a criação e a finalidade desses jornais, entretanto, todos queriam de alguma forma contribuir para o melhoramento do ensino maranhense, “preparar a mocidade para os lides da grande imprensa” (A ESCOLA, 1902), e “auxiliar a propaganda dos modernos métodos de ensino” (A ESCOLA, 1909), além de poder “auxiliar eficientemente, a educação moral e intelectual [...] da juventude de ambos os sexos”, bem como estudar, propagar e por em prática os métodos da nova pedagogia e da escola prática. (VIDA ESCOLAR, 1932).

Outra proposta era lutar contra o analfabetismo, “substituir, enfim, a ignorancia do saber, a treva pela luz [...]”. (A ESCOLA, 1918). Essa batalha era um problema que o Brasil enfrentava há séculos, contudo, esses ideais se tornaram frequentes com a chegada da República, pois era preciso escolarizar a população como forma de melhorar o crescimento da Nação e mostrar a imagem de um Brasil novo, entretanto, essa finalidade também englobava fazer com que o maior número de pessoas pudesse ter direito ao voto, já que os que não sabiam ler nem escrever, não tinham o direito de votar, fato que não deixava de ser uma manobra política como forma de manter as elites tradicionais no poder.

Assim, apesar dos esforços, continuava enraizado na nação um incômodo monárquico, presente até hoje não só nos elementos da retórica patriótica como concepção de sociedade ainda impregnada pela mística dos títulos de nobreza, das ordens honoríficas e dos rituais de consagração. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 319).

Um terceiro objetivo norteava a publicação desses jornais que era “dedica[r]-se exclusivamente ao trabalho de propaganda de instrução no campo da litteratura”. (AMOR AS LETTRAS, 1905); mas também servir como estímulo no processo de ensino aprendizagem dos alunos dessas instituições, tendo como objetivo “por fim desenvolver [as] faculdades intellectuaes” dos alunos. (PHILOLITERA, 1906). Desse modo, ao incentivar os alunos a escreverem poemas, artigos e críticas, os instigavam ao mesmo tempo, a pensarem sobre a sua própria escola e a sociedade que os cercava. Outros queriam comprovar que eram um órgão feito pelos estudantes sem a interferência dos professores e onde pudessem desenvolver a linguagem ainda “presa aos preconceitos da obediência paterna” (LABOR, 1913); isto é, fazer desses jornais uma forma de aperfeiçoar a prática da escrita e a formação intelectual desses estudantes.

Sendo assim, percebemos as múltiplas propostas adotadas por esses jornais para justificarem a sua criação, sendo que nos próprios títulos podemos observar o objetivo a que se destinava cada um deles: “Orgam de propaganda dos modernos métodos de ensino” (A ESCOLA, 1909); “Critico, noticioso e de interesse a instrução” (A ESCOLA, 1918); “A luz do mundo é o sol. O sol do pensamento é a instrução” (O LÁBARO, 1921), eram algumas das denominações que eram utilizadas.

O nome deste pequeno jornal remete a sua origem: a aspiração mental de um grupo de rapazes que como sói acontecer nas gerações que se formam para a vida da intelligencia escolheram este modo de e publicidade para apresentarem os seus ensaios nos vários domínios da atividade do espírito. Ninguém procure nele encontrar produções de labor e de força completa. Mas o que se pronunciará nele é a boa vontade de faser melhor,o producto do esforço, a ancia de intelligencias juvenis na conquista do conhecimento e da expressão. (EXCELSIOR, 1914).

Entretanto, mesmo que eles tivessem a mesma finalidade, retratar a sobre educação, esses jornais se diferenciavam em periodicidade, quantidade de páginas e de colunas, em relação às temáticas abordadas, etc. Essas diferenciações nos fazem “[...] perceber o quanto estas visões permanecem impregnadas pelas próprias concepções produzidas pelos atores e sujeitos que vivenciaram as tensões e as lutas do processo histórico de constituição de uma (*nova*) ordem republicana.” (SCHUELER; MAGALDI, 2009, p. 34).

2.1 Os jornais das instituições primárias

Desse modo, no desenrolar da pesquisa, foram encontrados diferentes tipologias em relação aos jornais que constituíam a imprensa de educação e ensino no Maranhão entre os anos de 1900 a 1932; jornais de instituições públicas, privadas, escritos por alunos, por

professores ou por ambos, de diversos tamanhos e formas. Assim sendo, essa investigação centrou-se nos jornais das instituições privadas encontradas no acervo digital da biblioteca do estado.

O ensino particular surgiu como forma de suprir a deficiência do ensino público e era completamente independente, podendo qualquer pessoa abrir estabelecimentos de instrução; no entanto, era preciso algumas condições para o funcionamento dessas instituições.

§ unico. Qualquer individuo, nacional ou estrangeiro, pode abrir estabelecimentos de instruccão, ficando sujeito ás condições seguintes:]

1.^a Communicação previa ao Inspector Geral da Instrucção Publica, com declaração dos nomes do proprietario e director, denominação do estabelecimento e local em que vai funcionar;

2.^a Apresentar, no praso maximo de oito dias, sempre que lhe for pedido por aquelle funcionario, mappas circumstanciados da matricula, classes e idade dos alumnos;

3.^a Remetter annualmente, por todo o mez de Dezembro, á Secretaria da Instrucção Publica, o mappa geral do movimento annual do estabelecimento, com as indicações do n. 2;

4.^a Exhibir documento, passado por medico e, na falta, por qualquer autoridade escolar, das boas condições hygienicas do estabelecimento.

Art 11. A falta de qualquer das condições acima mencionadas acarreta, pela primeira vez, a multa de cincoenta mil (50\$000); do dobro pela segunda vez e o fechamento do estabelecimento em caso de falta. (REGULAMENTO, 1893).

Essa “facilidade” na criação dessas escolas, somada aos problemas já enfrentados pelo ensino público, fez com que esse tipo de ensino se tornasse comum no estado. Na localização desses jornais, cinco eram de instituições da capital e quatro do interior do estado: *Philolitera* (1906) da cidade de Picos⁵; *A Escola* (1918), de Codó; *A Escola* (1928), de Caxias e *Vida Escolar* (1932), de Carolina. Essa possibilidade de estudar os jornais produzidos no interior do estado permite vislumbrar a situação da educação em outros lugares. a título de exemplo, o jornal *A escola* (1918) trazia artigos de primeira página falando sobre A instrução em São Bento, Codó, Guimarães, Pedreiras e São Luiz Gonzaga, o ensino que no interior do Maranhão era ainda mais precário do que o da capital, pois muitos professores se recusavam a querer dar aula fora de São Luís.

Em relação às instituições às quais os impressos eram vinculados, dos quatro jornais selecionados para a pesquisa, somente três se referiram às escolas que estavam ligados, o que corrobora as dificuldades de se desenvolver uma cartografia da presença dos estabelecimentos de ensino privado no Maranhão.

⁵ Atualmente é a cidade de Colinas

Quadro 2 - Instituições Escolares do ensino privado

INSTITUIÇÕES ESCOLARES
COLEGIO 15 DE NOVEMBRO
EXTERNATO CODOENSE
INSTITUTO RENASCENÇA

Fonte: Autor (2017).

O ensino particular começou a chamar a atenção dos inspetores da instrução pública, principalmente a partir da virada da República, devido ao aumento das casas de ensino particular no estado e da sua relevância no Maranhão. (MENSAGEM, 1903). Em contrapartida, apesar dos benefícios, debatea-se ao colocar mais limitações em relação a essas escolas além do que estava previsto no Regulamento, pois era “[...] preciso que [estabelecesse] outras limitações do exercício dessa liberdade, ponto o ensino privado em dependência para com os representantes do poder publico”. (MENSAGEM, 1905).

Pouco se sabe sobre os estabelecimentos do ensino privado no estado, esse fato talvez se deva às constantes reclamações dos inspetores em relação ao envio dos mapas com a frequência escolar dessas instituições. Esses mapas eram enviados pelos diretores à Inspeção Geral da Instrução Pública; contudo, às vezes havia algumas divergências entre a escola e a inspeção, fato destacado no jornal A Escola (1918), onde o professor Mariano de Castro contrapôs o relatório da inspeção dizendo que não foram enviados os mapas de frequência.

O antecessor desse secretario tinha sempre a gentileza de acusar os tais mapas, que sempre vão acompanhados de officio do diretor do estabelecimento; o dr. Demostenes, porem, ate esta data, jamais se dignou acusar siquer pelo <Diario Official> no expediente da secretaria semelhantes remessas.

E não se diga que semelhantes remessas sejam passivas de extravio, porque todas elas são feitas pelo correio [...].

O Maranhão precisa muito e muito de ter um inspetor geral da instrução pública, mas um inspetor que seja dedicado a sua profissão, que entenda de pedagogia, que se dedique com carinho e amor a nossa instrução, propondo ao governo as modificações de que ela urjentemente precisa e suprimindo os desleixos, os abusos de que se acha eivada. (A ESCOLA, 1918).

Em relação às escolas citadas percebemos alguns pontos semelhantes e dissonantes. Primeiramente, essas escolas não se restringiam apenas ao ensino primário; mas, a todos os níveis de ensino em diferentes horários. Os de horário noturno eram destinados principalmente aos estudantes que trabalhavam durante o dia ou que tinham a pretensão de seguir a área do comércio. Em segundo lugar, as aulas estavam disponíveis tanto para o sexo masculino como para o feminino, o que demonstrava a inserção da mulher cada vez mais nas escolas, mesmo que algumas das disciplinas ainda se restringissem às aulas de costura e de

bordado. Em terceiro lugar, a adoção do uniforme escolar. O Colégio D. Pedro II e as Escolas Normais já adotavam o uso do uniforme, mas, na década de 20 e 30 foi que o uso dessas vestimentas se tornou rigoroso. A adoção dessas roupas se deu por três motivos: a segurança dos alunos, a visibilidade da escola e pelas prescrições higienistas; “nessa perspectiva, é por meio do corpo e das práticas sobre ele que se moldam os comportamentos; a regulação da vida social é, em primeiro lugar, a regulação dos corpos”. (RIBEIRO; SILVA, 2012).

Mas o que caracterizava cada um desses jornais? Quais são as diferenças e as semelhanças entre eles? Quais são as intencionalidades dos sujeitos ao expressarem as suas opiniões nos veículos de comunicação? Quais são os assuntos mais recorrentes? Essas produções era uma divulgação sobre as questões referentes ao ensino ou propaganda que enaltecia as instituições de cunho privado? Tais fatos sobre essas escolas podem ser percebidos na produção oriunda dessas instituições, onde por diversas vezes usavam essas páginas para retratar as mudanças que vinham ocorrendo no processo educacional e/ou nas situações corriqueiras da cidade.

O primeiro jornal levantando na pesquisa foi A Escola (1902), que possuía como objetivo "preparar a mocidade para os lides da grande imprensa". Era uma iniciativa do *colégio 15 de Novembro*⁶ que oferecia cursos de nível primário e secundário nos horários diurno e noturno, em regimes de internato, semi-internato e externato⁷. O curso primário, tanto da manhã como da noite ficam a cargo do diretor da instituição. As aulas de pintura e música eram pagas de formas separadas. O curso primário e a aula de ginástica ficavam a cargo do diretor.

Este estabelecimento, bem localizado nesta Capital, bastante arejado, provido de banhos incomparáveis, com bastante quintal, onde se acha montado um pavilhão de gymnastica; oferece optimas condições sanitarias e favorisa a educação physica que, mais talvez do que em epocha alguma e impõe aos cuidados dos chefes de familia zeladores de sua descendencia. (A ESCOLA, 1902).

Possuía como proprietário o professor Benjamin de Mello que também era o diretor da instituição. Seu corpo editorial era constituído pelos redatores Almir Dias da Silva, Aristides Lins, Raymundo Rodrigues e Joaquim Lins; por Rubem Rocha e Libânio de Barros (os Secretários) e por R. Cegadilha (Tesoureiro). Em relação aos autores dos escritos, há uma mistura de textos produzidos pelos alunos e pelos professores, apesar de ser uma revista criada pelos próprios alunos da instituição. Essa combinação de escritas pode ser percebida

⁶ O Colégio 15 de Novembro foi fundado inicialmente em Manaus, mas depois a sua sede foi transferida para a cidade de São Luís.

⁷ Em relação aos valores dos cursos, os Internos do Curso Primário pagavam 80\$000, os do Secundário 100\$000, o Semi-interno do Curso Primário 60\$000, os do Secundário 80\$000, Externos do Curso Primário 5\$000, Secundário, por matéria 8\$000. Na pensão dos internos estava incluída a lavagem e o engomado de roupa.

quando os alunos utilizam pronomes como “nós” e “nosso jornalsinho”, diferenciando assim os trabalhos produzidos por eles. No caso dos professores, essa escrita pode ser verificada quando se trata de textos mais elaborados, extensos e quando falam diretamente com os pais, utilizando termos como “exms. srs. pais de família”; “o aproveitamento de seus filhos e tutelados”; “desde que ha doze anos, nos dedicamos ao magisterio”.

Impresso nos “ateliers de Typograf. Teixeira”, geralmente organizado em duas colunas e contendo textos curtos e longos sobre os mais variados assuntos, traz também poemas sobre a escola e seu cotidiano, conteúdos científicos, isto é, “traz bons artigos sobre [a] instrução e variada secção sobre artes”. Nesse sentido, possuía como Colaboradores a mocidade desta terra, pois acreditavam que lhe daria “[...] o justo valor à este jornalzinho, já preparando-se para nelle colaborar, já concorrendo com as suas assignaturas para a sua conservação”

Quadro 3 – Descrição do Jornal A Escola (1902)

Periodicidade	?
Edições	n.1, n. 11 (Especial)
Páginas	8
Local	São Luis
Quem escrevia	Alunos e professores
Anúncios	Sim
Tipografia	Teixeira

Fonte: Autor (2017).

Em suas páginas também é possível ver discursos higienistas, principalmente nas descrições que são feitas sobre a escola. O Higienismo foi um movimento que começou a correr o Brasil republicano como forma de erradicar doenças como a varíola, a colérica⁸, a febre amarela e a peste bubônica. Esse processo tinha como objetivo além de priorizar a saúde da população, atrair ainda mais estrangeiros para o país. Na educação, essas medidas afetaram a forma das construções dos prédios escolares que passaram a ser concebidos de forma mais amplas, com janelões para que entrasse mais claridade e pudessem ter um maior fluxo de ventilação. As carteiras dos alunos passaram a ser colocadas de forma individual, diferentemente das anteriores que eram justapostas em duplas ou em trios, adotando-se de um uniforme escolar e uma maior intensidade na vacinação dos alunos.

A Escola (1909), impresso na Typ. Frias, relatava nas suas duas colunas e nas suas oito páginas os mais variados assuntos referentes ao ensino, como a crítica aos métodos de

⁸ Raiva

leitura, sobre a importância do professor, o ensino da gramática e a falta dos materiais pedagógicos. O jornal era escrito e administrado pelo Professor Joaquim Santos, que se tornaria anos mais tarde, o diretor da Escola Modelo "Benedito Leite".

Quadro 4 – Descrição do jornal A Escola (1909)

Periodicidade	Bimestral
Edições	n.1
Páginas	8
Local	São Luis
Quem escrevia	Professores
Anúncios	Não
Ilustrações	Não
Tipografia	Frias

Fonte: Autor (2017)

Tinha como lema "fazer o que lhe for possível", trazia em suas páginas críticas sobre os métodos de leitura e de ensino, a importância do professor, a falta de materiais didáticos, e sobre o ensino de cálculo. Não possuía anúncios, sua distribuição ocorria de forma gratuita e tinha como público alvo: professores, pais e amantes da instrução, franqueando as suas colunas a quem desejasse colaborar no jornal.

Quem se interessar de alguma sorte pelas couzas da nossa instrução, seja o professor que dezejar acompanhar a evolução do ensino, seja o pai de família que tenha compreendido a grande vantagem dos novos processos didaticos, seja aquêle que pelo amor ao seu Estado quer vel-o merecer o nome do adiantado, pois não se pode conceber que algum dia seja tido por tal sem uma bôa instrução, largamente difundida por todas as classes, não deixará de reconhecer a necessidade de um jornal pedagojico para fazer a propaganda desses processos didaticos por todo o Estado, levando assim mais de pressa essas mesmas idéas ás escolas que demoram afastadas de nós, as quaes estão carecendo de muito ou, para melhor dizer, de tudo. (A ESCOLA, 1918).

No final o jornal faz menção de publicar um anuncio sobre livros didáticos, mas que não foi possível devido à falta de espaço. Isso demonstrava o interesse do jornal em possuir uma continuidade; contudo, a próxima edição não foi encontrada.

De publicação mensal, *A Escola (1918)* foi o jornal com maior duração dos impressos levantados para o desenvolvimento da pesquisa, sendo a sua duração a de dois anos. A sua criação partiu de uma iniciativa do colégio *Externato Codoense* que fora fundado em 1915, como forma de suprimir a carência da única escola pública da cidade de Codó, possuindo aulas para o ensino primário e secundário, ambos do sexo masculino. Incentivava um ensino a base do militarismo, o uso do uniforme escolar e o alistamento militar. Esse ensino e o treinamento militar pelo qual passavam os alunos teve influência do envolvimento do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

Quadro 5 – Descrição do Jornal A Escola (1918)

Periodicidade	Mensal
Edições	n.1 - n. 12 (1918); n. 13 – n. 19 (1919); n. 21 – n. 25 (1920)
Paginas	4
Local	Codó
Quem escrevia	Professores
Anúncios	Sim
Ilustrações	Sim
Tipografia	Sem identificação

Possuía como redatores os professores do Externato, mas também aceitava a “collaboração sobre assumptos de interesse geral, mormente os relativos [à] instrucção”. Lutava energeticamente contra o analfabetismo no País, tanto que essa temática era um dos assuntos mais abordados nas páginas desse periódico.

Possuía anúncios, mas eram publicados mediante o pagamento de uma taxa. As assinaturas eram feitas de formal anual, somente para quem era de fora da cidade de Codó (2\$000 réis), para quem era da cidade, somente a venda de números avulsos por \$200 réia. Os textos geralmente eram dispostos em cinco colunas com letras pequenas. Era um jornal que defendia o militarismo e trazia como assuntos o nacionalismo, informações sobre a inauguração de escolas e a instrução em outros interiores do Maranhão, sobre a obrigatoriedade do ensino, os dados escolares sobre o externato, a lista de livros, sobre anúncios de materiais escolares, e os dados sobre o dia a dia da cidade de Codó, como por exemplo, falecimentos, aniversários e homenagens. Sendo assim, “<<A Escola>>, que é um órgão do Externato Codoense, vem formar ao lado dos jornaes que se batem pela cauza santa da Patria - a propagação do civismo atravez da propagação das lettras”. (O IMPARCIAL, de Parnahyba - Piauhy).

Vida Escolar (1932) era um jornal oriundo da cidade de Carolina e era de iniciativa de O *Instituto Renascença*. O Instituto possuía um curso infantil (oferecido de forma gratuita), o curso primário, o médio e o secundário (em regime de internato, semi-externato e externato misto). Também oferecia um Curso Noturno para “rapazes do commercio e artistas”, e um curso de Escripuração Mercantil, para ambos os sexos. Também começou a adotar o uso de um uniforme escolar.

O jornal tinha como público alvo, os pais e alunos da instituição, sendo enfim, “[...] um amigo sincero dos pais interessados no progresso colegial de seus queridos filhos, guia certo dos alunos nos primeiros ensaios na pratica das letras [...]”.

Quadro 6 – Descrição do jornal Vida Escolar (1932)

Periodicidade	Mensal
Edições	n. 1 – n. 7
Páginas	4
Local	Carolina
Quem escrevia	Alunos e Professores
Anúncios	Sim
Ilustrações	Não
Tipografia	Sem identificação

Fonte: Autor (2017)

Todo aluno era considerado colaborador efetivo e tinham como obrigatoriedade escrever no jornal. De publicação mensal, a assinatura era cobrada de forma anual, no valor de 2\$000 e por número avulso (\$200), sendo “este jornalzinho [...] um complemento indispensável do ensino e educação ministrados do instituto renascença. [...] um registro mensal desta convivência diária de alunos e professores refletindo a dedicação destes, o interesse e a aplicação daqueles”.

A Escola (1909) e A Escola (1918) eram jornais escritos e dirigidos por professores e pelo diretor da Instituição, que diferentemente dos outros, possuíam alguma interferência dos alunos, mesmo que essa presença ainda fosse mínima. Geralmente traziam dados sobre a escola como a frequência e os mapas de matrícula, o que comprovava que esses jornais eram utilizados como forma de divulgação da instituição; todavia, sem deixar de criticar e discutir sobre as questões pertinentes que envolviam a educação no Maranhão.

Ao colocarmos ambos os tipos lado a lado, percebemos que em relação à forma dos escritos, o envolvimento dos alunos era geralmente em poemas e textos mais curtos. Alguns alunos aproveitavam a escrita desses poemas para criticar algum assunto de forma mais discreta, como a aplicação de castigos ou homenagear um professor ou a escola, o que demonstra certa imposição e interferência na produção desses textos. Os produzidos pelos professores possuíam textos mais extensos, artigos mais longos, com temas ligados principalmente a respeito da adoção ou não de determinados métodos de ensino e descreviam a situação educacional (referenciando a falta de materiais, a situação do professorado no estado, criticando assim a instrução e o governo).

Quadro 7 – Comparativo entre os jornais

	A ESCOLA (1902)	A ESCOLA (1909)	A ESCOLA (1918)	VIDA ESCOLAR (1932)
PERIODICIDADE		BIMESTRAL	MENSAL	MENSAL
EDIÇÕES	n. 1 e n.11 (especial)	n. 1	n. 1 ao n. 25	n. 1/3/4 ao 7
PÁGINAS	8 p.	8 p.	4 p.	4 p.
COLUNAS	2 c.	2c.	4 c.	4 C.
LOCAL	SÃO LUIS	SÃO LUIS	CODÓ	CAROLINA
TÍTULO	SEM TÍTULO	ORGAM DE PROPAGANDA DOS MODERNOS MÉTODOS DE ENSINO	ORGÃO DO EXTERNATO CODOENSE	ORGAM DO INSTITUTO RENASCENÇA
QUEM ESCREVIA	ALUNOS/ PROFESSORES	PROFESSOR	PROFESSOR	ALUNO/ PROFESSOR

Fonte: Autor (2017)

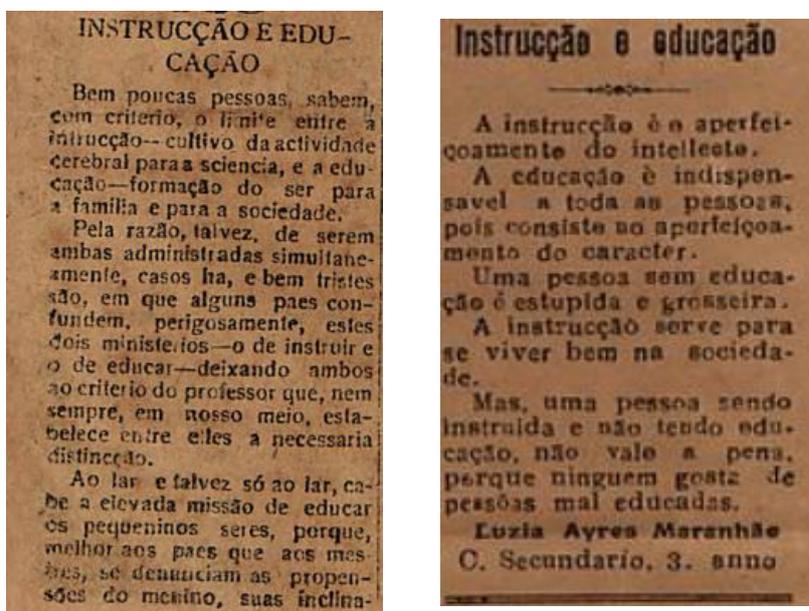
Outro ponto relevante era que de um lado os jornais dessas instituições eram utilizados como prática pedagógica desses estudantes no desenvolvimento da escrita e das atividades intelectuais. De outro, como forma de divulgar a própria escola, principalmente ao trazerem dados estatísticos como a quantidade de alunos matriculados, a lista de professores, os quadros de honras, as notas escolares, bem como quando utilizavam os relatos dos próprios alunos exaltando o diretor da instituição ou a própria escola; isto é, dados que comprovassem a suposta eficiência do ensino privado.

2.2 A estrutura dos jornais

A estrutura da constituição dos jornais possui regras implícitas ou explícitas que buscam guiar os leitores para um determinado tipo de leitura, feita geralmente dentro dos limites impostos pelo autor ou pelo editor. Essa leitura autorizada envolve dois tipos de dispositivos de leitura: os procedimentos de produção do texto e os procedimentos de produção do livro. Entre os procedimentos de produção do texto estão a maneira como o autor quer que o texto seja lido, que podem estar na maneira em que os conteúdos são selecionados, no texto de apresentação e nas informações passadas; “[...] que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja”, (CHARTIER, 2001, p. 97) sendo procedimentos puramente textuais

Podemos destacar nesse caso a forma como o mesmo assunto pode aparecer em diferentes suportes e de formas diferenciadas. Isso pode influenciar nas formas de ler essa notícia, na recepção dessa leitura e a que público ela se destina.

Figura 2 – Comparação entre os jornais



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite (1918, 1932)

Como observado nas duas imagens acima, o mesmo assunto, “instrução e educação” foram retratados nos jornais *A Escola* (1918) e *Vida Escolar* (1932) de duas formas diferentes. O primeiro, escrito por um professor, veio em forma de artigo no final da primeira página do jornal. O segundo, escrito por um aluno do curso secundário, veio em formato de poema na última página do periódico.

Em relação aos procedimentos de produção do livro, no nosso caso o jornal, são imposições feitas pelo editor. São elementos visíveis que podem estar dispostos na organização dos conteúdos, nas páginas, na disposição das imagens, na qualidade do papel, “nesse momento, não falamos mais do texto em si, mas daquilo que se refere a sua impressão”. (SILVA, 2011, p. 182). Esse tipo de estudo nos permite estudar outro viés sobre a história da leitura; o lado da sua produção editorial e também a forma e o controle que os autores e editores produzem ou tentam produzir sobre os seus textos.

Sendo assim, a primeira página do jornal traz informações relevantes sobre esses jornais, como o número da edição, o local, a data de publicação, o corpo editorial, a instituição à qual era ligada, o lema, o editorial de abertura e as principais notícias que deviam ser ressaltadas. A última página normalmente era composta por anúncios e as notícias menos relevantes. Esses recursos tipográficos adotados (a divisão das colunas, o tamanho da fonte, a

letra utilizada) e a forma de disposição dos textos podem dizer muito sobre a forma como esse jornal deveria ser lido, quais notícias eram mais relevantes, a situação financeira do jornal e a que ele se destinava.

Por exemplo, nos jornais A Escola (1902) e A Escola (1909), eram compostos por duas colunas, com os títulos das notícias em sua maioria negritados, nem sempre da mesma fonte e quase do mesmo tamanho. Na primeira página encontramos algumas informações sobre o jornal, sendo um deles o editorial de abertura. Contudo, enquanto o primeiro utiliza artigos e poemas para fazer as críticas sobre o ensino, o segundo utiliza somente artigos.

Figura 3 – Primeira página dos jornais A Escola (1902) e A Escola (1909)



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite (1918, 1932).

A Escola (1918) e Vida Escolar (1932), são jornais que já exploraram um pouco mais dos recursos tipográficos na composição do jornal. O primeiro composto por cinco colunas utilizava fotografias, recurso até então inovador para a época. O segundo, também aproveitava o uso de fontes mais elaboradas e a disposição da forma em que as notícias apareciam, havendo uma página definida para que fossem colocados os anúncios.

Figura 4 – Primeira pagina dos jornais A Escola (1918) e Vida Escolar (1932)



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite (1918, 1932).

Compreender as razões e os efeitos dessas materialidades é procurar entender o controle que os autores e os editores exercem sobre essas produções. Sendo assim, a história sobre essas materialidades não deve se centrar apenas nos conteúdos abordados por eles, pois “[...] é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor”. (CHARTIER, 1991). Não importa somente a configuração textual dos escritos sobre o livro e a leitura, mas também o suporte onde esses discursos são vinculados, no caso, os jornais da imprensa de educação e ensino, pois em um mesmo suporte, podem ser atribuídos significados diversos sobre o livro e a leitura, “o design é, portanto, um dos componentes da enunciação jornalística, não só como um elemento de persuasão ou sedução do leitor, mas também como constituinte com potencial informativo [...]”. (FREIRE, 2009, p. 292).

2.3 A circulação de ideias

Os jornais se tornaram um importante meio de comunicação e de divulgação dos fatos que aconteciam na sociedade, sendo bastante importantes na formação da opinião

pública. Através deles circulavam ideias e opiniões sobre os mais variados assuntos. Além de informar à população sobre o que acontecia, eram utilizados também como estratégias de divulgação de vendas de produtos e para a publicação de romances, contos, crônicas, já que a impressão nesses meios era uma forma mais barata, “[...] a comunicação se tornou a atividade mais importante da vida moderna. Em larga medida, ela determina o curso da política, da economia e do entretenimento comum”. (DARNTON, 2014, p. 7). E pelo visto o da educação também.

De igual modo, os jornais educacionais acabaram criando entre si uma rede de comunicação com outros periódicos do estado e do restante do Brasil. Essa comunicação se dava geralmente com o envio de exemplares às redações dos jornais, criando assim, estratégias de divulgação como forma de aumentar o número de leitores e de assinantes. Concomitantemente, a permuta e o envio dessas publicações a outros jornais era uma forma de mostrar para a sociedade a existência dos mesmos, uma forma de se reafirmarem enquanto órgãos de comunicação e entrarem de vez no cenário da imprensa do estado.

O nosso distinto professor teve uma ideia feliz, muito feliz mesmo, quando fundou o collegio <<15 de Novembro>>, fez deste e dos alumnos uma classe social e como tal criou-lhe como o meio transmissor da ideia em evolução um jornal.

A' este deu um bonito nome chamou-lhe <<A Escola>>.

Mudando a sede do Collegio de Manáos para esta Capital, para cá trouxe também o jornal como parte integrante de todo o collegio.

Convidou-nos aqui para escrever na <<Escola>>; **agora verás nós os pandegos pirralhos, ao lado dos grandes litteratos da terra, é como si dissessemos um bando de pigmens ao lado de uma pleiade de illustres gigantes.**

[...] Cá por mim, menino sério, prometti ao distinto preceptor da mocidade da minha patria, que eu havia de colaborar na <<Escola>> em todos os numeros e, como filho de peixe é peixinho, eu zás criei logo esta secção. De palanque - para palestrar nella com os meus collegas e com os... meus leitores.

Papae, está satisfeito commigo porque quando lhe fui communicar a ideia feliz do nosso querido Mestre e a minha resolução em vista do convite elle disse-me:

- **Vê lá o que vaes fazer Adhemar... isto de escrever para a imprensa, embora imprensa infantil, é cousa muito seria.**

Pois bem, Papae, eu escrevo... depois mostro-lhe o artigo... si não estiver direito papai me faz o favor de corrigir... sim?

- Pois não, com muito gosto... mesmo porque este é meio um bello estimulo para tu e teus colegas se exercitarem no estudo... O Benjamin não podia ter sido mais feliz na idéia!...

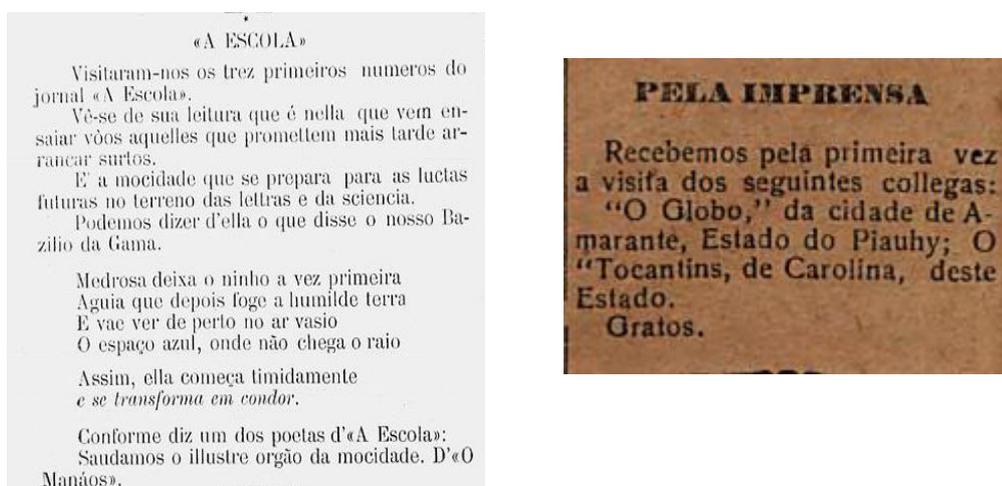
Eu estou certo que hei de dar sortes... fazer um figurão porque tanto o Collegio como a propria <<Escola>> (jornal) offerecem campo vasto a livre expansão do meu pensamento!... E' certo que a ideia não será tão bem trabalhada na acanhada cerebração de uns onze annos de idade... mas, como <<Roma não se fez n'um dia,>> a medida que eu for crescendo irei estrada a fóra cultivando o meu espirito e produzindo nesse jornal e em outros que surgirem na arena jornalística desta boa terra.

É importante frisar que essas demonstrações na imprensa eram uma forma de informar aos pais e à sociedade não somente sobre as questões referentes ao ensino, mas também de comunicar sobre as ações que essas escolas têm exercido no campo educacional;

ou seja, reafirmar mais uma vez o ensino privado e a sua “organização” em detrimento do público e seus problemas estruturais.

Em terceiro lugar, revela a existência de outros jornais que circulavam nesse período no país, proporcionando assim conhecer em parte quais os periódicos que circulavam no Brasil republicano.

Figura 5 – Jornais que circulavam nas cidades



Fonte: Acervo de Periódicos da Biblioteca Pública Benedito Leite (2016).

Esse intercâmbio de edições não se restringia apenas aos jornais, mas também às bibliotecas de outros locais como a de Minas e a Biblioteca Nacional.

Da Bibliotheca Caldense, de Caldas, Minas e da qual é presidente o dr. José V. da Gama Novaes, Juiz de direito, recebemos uma delicada circular agradecendo a remessa á mesma Bibliotheca da nossa modesta folha, que espera continuemos a madar, o que promettemos fazer com regularidade. (A ESCOLA, 1919, p. 2).

Por último, permite uma maior difusão dos saberes pedagógicos, na medida em que esses discursos começam a circular fora do ambiente escolar mediante as permutas realizadas com os outros jornais, circundando novos meios, conquistando novos leitores e criando novas percepções, sendo que “o discurso das mídias faz parte desse jogo de interações e das negociações”. (KIELING, 2014, p. 98).

2.4 Imprensa e leitura

Vivemos atualmente o que podemos denominar de “Sociedade da Informação”, sendo a comunicação a atividade mais importante dessa nova geração; contudo, é “como se as

sociedades anteriores pouco se preocupassem com a informação”. (DARNTON, 2014). Durante muito tempo, os relatos orais foram a principal forma de comunicação adotada entre os sujeitos como forma de se fazerem ouvir. Depois, vieram os pergaminhos, códices, panfletos e os jornais.

Machado de Assis (2011) afirmava que o surgimento do jornal acabaria contribuindo para a extinção do livro; contudo, isso acabou não ocorrendo. Os jornais ao mesmo tempo se tornaram a forma mais barata de publicação de poemas, trechos de livros e folhetins e também a principal fonte de informação para a população procurava para saber sobre os acontecimentos, já que o cinema ainda estava se popularizando no país e os outros meios de comunicação (radio e televisão)⁹ ainda nem haviam sido criados.

Se o livro até hoje é considerado um objeto caro, podemos imaginar como era nos períodos anteriores (antes e depois) da invenção de Gutemberg. A partir do século XX, com a necessidade dos alunos precisarem individualmente do seu próprio material de estudo, as publicações se tornaram mais comuns, mas ainda assim o livro continuava caro, já que muitas obras eram importadas da Europa e dos Estados Unidos, o que necessitava de traduções para o português aumentando ainda mais o seu custo de produção.

Devido ao seu barateamento e a sua popularização, os jornais passaram a ser uma das principais formas de leitura dos cidadãos. Dessa forma, foram surgindo de todos os modelos e das mais variadas especialidades, para todos os gostos e tipos de pessoas, periódicos dedicados à moda, ao operariado, a literatura, as crianças.

Um jornal é muito útil a humanidade. Sem ele as pessoas pobres não poderiam ler, porque os livros são as vezes caros.

No entanto, um jornal é baratissimo, e facilita muito a instrução.

Quanto trabalho não dá a leitura de um jornal! E muitas pessoas não o sabem valorizar. Tanto os intelectuais que o escrevem, como os garotos que os vendem, trabalham muito.

Se não fosse um jornal, muitas noticias não seriam espalhadas pelo mundo.

Graças a imprensa que nos desenvolveu o progresso intelectual e mortal, hoje podemos afirmar que os novos estão, na maior parte, desenvolvidos. (VIDA ESCOLAR, 1932).

É nessas condições que a imprensa vem se consolidando enquanto veículo de comunicação na sociedade e na educação, impulsionando os debates sobre os mais variados assuntos.

O livro, ou talvez mais do que o livro, o jornal é em todos os tempos e em todos os lugares, o espelho vivido dos costumes publicos e privados. A' margem da Historia, quando se faz a psychologia dos povos, a moral do individuo resalta do ressurgimento dos factos atravez dos escriptos da epoca. O livro nos da a impressao dos homens em conjuncto na sociedade. O jornal nos desvenda a alma de cada um em flagrante. Para o sociologo, o livro vale como um documento: o jornal equivale a

⁹ O radio só veio surgir em 1922 no Brasil com a transmissão da comemoração do centenário da Independência e. a televisão em 1950, com a criação da TV Tupi.

uma photographia. Um completa o outro. Os dois, reunidos, reconstroem admiravelmente o scenario do passado. (ABRANCHES, 1919, p. 8).

Esses impressos passaram a se consolidar cada vez como instrumentos de divulgação sobre a situação do ensino no país. Todavia, devido aos altos índices de analfabetismo que a pátria brasileira enfrentava, era preciso reformular toda uma legislação escolar vigente e as práticas de ensino que eram utilizadas. Nesse sentido a educação passou a ser um ponto central nas mudanças pelos quais o Brasil desejava. Alunos, pais e professores estavam no cerne das mudanças em questão, assim como os métodos e os materiais utilizados para o ensino. O tradicional já não era mais suficiente, era símbolo do atraso.

Como implantar a moralidade no seio das massas sem o jornal? Como fazel-o por meio de jornal, se as massas não sabem ler? E' preciso ensinar a ler, é preciso que todos saibam ler [...] Todos irão ao jornal em busca de conhecer o que se passa no mundo, e ali verão, á cada instante, o hipocrita desmascarado. (A ESCOLA, 1920, p. 1).

Diante disso, as habilidades de leitura e escrita se tornaram uma importante etapa desse processo, “as cidades tornavam-se cada vez mais os lugares da leitura, da valorização da imprensa e edição de livros, dos gabinetes de leitura e das bibliotecas”. (TORRESINI, 2010, p. 236). Mas de que forma esses discursos sobre o livro e a leitura se materializavam nos jornais? Qual a configuração textual que essas notícias assumiam? Quais os principais assuntos abordados e qual a frequência deles?

Posto isso, foram encontrados em formatos de artigos, poemas, crônicas, editoriais, notas, anúncios e homenagens às manifestações dos discursos sobre o livro e a leitura. Dessa forma, “[...] a história da leitura e do seu público permite, então, retornar às mudanças que serviram de base ao mundo moderno e que o levaram, em menos de dois séculos, a alfabetizar o essencial das populações do continente e fazer do livro um elemento de decoração interior”. (MOLLIER, 2008, p. 15).

3 O LIVRO E A LEITURA NO JORNAL

Cada vez mais os historiadores da educação tem se interessado pela história do livro escolar e não escolar e da leitura, resultando em novas facetas e em novas possibilidades para o desenvolvimento de uma História do livro e da Leitura. Pensar nas mutações pelas quais esse objeto tem passado desde a sua origem até os dias atuais, ou no processo inverso, da atualidade até períodos anteriores, auxilia na compreensão de como eles têm se constituído um importante aliado na divulgação de saberes, ideologias e de determinados conteúdos e temas que procuravam de alguma forma direcionar, disciplinar e formar determinados pensamentos na sociedade, na família e na escola, considerando “o ensino da leitura [como] um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais que são o seu alvo”. (HÉRBRAND, 2001, p. 35).

Lacerda (1999) pondera três possibilidades para aqueles que estudam a história do livro e da leitura. A primeira seria estudar a partir dos atores e praticantes da leitura (editores, professores, bibliotecários, escritores, livreiros, bibliófilos, censores), procurando entender as estratégias editoriais utilizadas, as práticas dos editores e a intervenção desses atores na materialidade dos textos, evidenciando de certa forma o comércio livreiro. Uma segunda perspectiva seria em relação à escola e ao processo de escolarização, tais quais as descrições e análises do surgimento do livro na escola, bem como recuperar tanto os processos de produção e circulação do livro escolar, como as práticas de leituras desenvolvidas na e pela escola. Um último eixo seria considerar os “espaços consagrados” à leitura, as bibliotecas, tanto as de caráter privado como as de caráter público, revelando assim possibilidades para uma reconstituição das trajetórias dos livros, dos itinerários pessoais de leitura e da formação de outros leitores.

No desenvolvimento desta pesquisa, consideramos a segunda possibilidade proposta pela autora, procurando entender a partir da imprensa de educação e ensino, a importância que o livro e a leitura adquiriram na escola e as práticas adotadas em relação aos métodos e aos usos que se fizeram deles. Esse tipo de estudo, possibilita uma contribuição especialmente nas áreas da cultura escolar, na história das práticas escolares, das disciplinas escolares e na história do currículo escolar. (RAZZINI, 2009, p. 100). Essa perspectiva de estudar a escola e as suas práticas só foi possível quando passou a considerar-se a escola como uma instituição que cria e produz cultura.

Por muito tempo, a escola foi vista como toda poderosa, sem levar em consideração as suas influências internas e externas. Essa ilusão, a de um total poder da

escola, pode ser desmistificada quando voltamos o olhar para o seu funcionamento interno, pois dentro e fora dela acontecem trocas e transferências culturais, constituindo-se assim uma cultura própria. Essa cultura escolar deve ser entendida como “[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...]”. (JULIA, 2001). Essas normas e práticas podem variar segundo as épocas e não devem ser levadas em conta sem considerar os agentes e os dispositivos que são chamados a obedecer a essas ordens; nesse caso, os alunos e professores ligados às instituições do ensino privado do Maranhão e a imprensa de educação e ensino.

Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (JULIA, 2001).

Assim, a pesquisa histórica nos permite compreender como em um mesmo suporte, nesse caso a imprensa de educação e ensino, são atribuídos significados e interpretações diversas sobre o livro e a leitura. Vistos como instrumentos de ensino e no combate contra a ignorância e o analfabetismo, os discursos sobre esses artefatos passaram a conquistar cada vez mais espaço na imprensa, tanto a de caráter oficial como a educacional. Ademais, ao estudar nesses artefatos os discursos, podemos refletir sobre a criação, a produção editorial, a comercialização, a apropriação e a circulação a que eram destinados esses suportes, bem como os usos que foram destinados a cada um deles. (SILVA, 2011).

A importância dada a esses suportes na escola deveu-se principalmente com a chegada da República, que instigou novos debates tanto na área política e econômica, como na social e educacional. O antigo modelo educacional já não servia mais aos propósitos pelos quais o Brasil estava passando. Era preciso um estabelecimento de um novo modelo de escolarização. Boa parte desses discursos estava atrelado a movimentos ideológicos que ocorriam na época, como o positivismo e o escolanovismo, o que acabava refletindo em iniciativas, reformas e remodelações da instrução pública. (NAGLE, 2001, p. 336). A penetração desses ideais se deu de forma ainda branda no início da república, embora exigisse a mudança de concepções no que se refere à forma como era administrado o país. Essas concepções incidiram principalmente nas questões educacionais, pois a educação passou a ser vista como forma de salvação para os problemas do país.

Esse modelo que estabilizou entre nós a escola seriada, o grupo escolar, o ginásio de Estado, o jardim-de-infância, uma nova escola normal, etc., também estabilizou normas, procedimentos, usos de materiais específicos, orientações aos professores, regras de higiene, enfim, um conjunto de realizações que facilmente podem ser utilizados como exemplos da chegada de um novo tempo, um novo ciclo histórico, um novo ponto de partida para a história do país. (FREITAS, 2009, p. 165).

Sendo assim, falar sobre a escola passou a representar falar sobre a nação e uma forma de representação dos novos ideais do Estado republicano, pois “[...] a universalização da escola assumiu importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, como principal propulsora do ‘esclarecimento das massas iletradas’”. (MORTATTI, 2006, p. 2). Destarte, como forma de combater os altos índices de analfabetismo que contornavam o país, passou-se a requisitar também as modificações dos métodos de leitura, a exigência de novos materiais didáticos, as mudanças no papel do aluno, que passou a ser o ponto central nesses discursos, e uma maior exigência na formação dos professores.

Ainda assim, mesmo com as alegações em prol da necessidade de mudanças na educação, passou a imperar duas frentes de batalha ideológica; uma que defendia a renovação das questões metodológicas e pedagógicas; a outra que acreditava ser melhor deixar do jeito que estava.

Duas palavras antes do assunto.

Porque são bem poucos ainda os que já compreendem as vantagens do ensino moderno, o qual, por motivos a desaparecer com tempo, ainda não pode provar a sua benéfica influência em toda a sua plenitude e assim convencer de que é o único que deve ser seguido nas nossas escolas, quer públicas, quer particulares. e ele é vítima de injustiças, como o tem sido todo o bom empreendimento que apresenta ideias opostas às do seu tempo, ou pretende modificá-las.

Quando aparece uma ideia reformadora, formam-se dois grupos - um favorável e outro contrário a ela, sendo este ordinariamente o maior - o que é natural.

Estabelece-se então a luta entre a ideia nova e a velha e não admira que a primeira seja vencida; mas é sempre para surgir adiante com mais elementos de resistência.

A história o atesta e mesmo o observamos frequentemente em muitos fatos da vida hodierna.

E' o que se passa atualmente com o ensino moderno. (A ESCOLA, 1909, p. 6).

Essa dualidade de opiniões acabou sendo exteriorizada nos periódicos educacionais, passando o livro e a leitura a adquirir uma função primordial nessas reformas. Com a proposta de entender o papel do livro e da leitura e o lugar que eles adquiriram na educação e nas mudanças que estavam em curso, procurou-se averiguar nos jornais que constituíam a imprensa de educação e ensino o que era discutido a respeito deles, como forma de entender as diferentes práticas adotadas por alunos e professores em relação a esse artefato e a essa prática. Seja elogiando, criticando ou defendendo os usos deles na escola e a importância que cada um adquiria no processo educacional.

No total, foram identificadas onze categorias relacionadas ao livro e à leitura. Entretanto, não existe uma regularidade no aparecimento delas nos jornais (VER APÊNDICE A), sendo que uma mesma notícia poderia trazer diversas categorias, assim como a mesma informação poderia aparecer repetidas vezes no mesmo jornal, como era no caso do anúncio de livros e de materiais escolares.

Quadro 8 – Categorias abordadas nos jornais

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
ADOÇÃO DE LIVROS	6
ANÚNCIO DE LIVROS	17
COMBATE AO ANALFABETISMO	12
CRÍTICA A OBRA LITERÁRIA	1
IMPORTÂNCIA DO LIVRO E DA LEITURA	12
IMPrensa E LEITURA	1
INDICAÇÃO DE OBRAS	2
MATERIAIS DIDATICOS	17
RELAÇÃO LIVRO/ PROFESSOR	6

Fonte: Autor (2017).

As ausências e permanências dessas categorias e o seu aparecimentos nos jornais demonstram quais os assuntos mais abordados pela imprensa educacional no Maranhão entre os anos de 1902 a 1932. Essa multiplicidade de assuntos também revela quais os temas que eram mais discutidos na época. Por exemplo, em 1909, percebemos maior ênfase nas questões relacionadas aos métodos de leitura, já em 1918 as discussões se centraram mais sobre o analfabetismo no Brasil e os prejuízos que ele poderia causar.

Escritos em formas de artigos ou de poemas, por professores e alunos, essas manifestações na imprensa de educação e ensino possibilitam compreender as tendências e os debates desenvolvidos em prol do livro e da leitura durante o período republicano dentro do ambiente escolar, trazendo a tona vestígios sobre normatizações, práticas, usos e formas de apropriação de alunos e professores. Sendo assim, "no âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social." (MORTATTI, 2006, p. 2).

Não obstante, essas publicações não podem e nem devem ser vistas como um mero reflexo do que acontecia na escola, já que esses sujeitos utilizavam estratégias e táticas para a composição desses textos. Estratégias ao tentar impor ideias e concepções acerca dos métodos e das formas de como deveria ser o ensino. Táticas ao denunciar questões que os incomodavam, como foi no caso de um aluno, que utilizou um poema para criticar os castigos

físicos a que foram submetidos e/ ou a não aceitação das situações em que eram colocados, como por exemplo, ao rebaterem a denúncia de um inspetor ao afirmar o não envio da lista de matriculas dos alunos por determinada escola e/ou a não aceitação do método moderno de ensino como solução dos problemas da instrução.

Essas falas não demonstram devidamente os atos de “consumo” dos alunos, dos professores e da própria escola fizeram com esses objetos, mas nos permitem ter uma dimensão da pretensão do que os “produtores” da informação pretendiam passar, dando forma às práticas sociais desses sujeitos. (CERTEAU, 2000).

3.1 Novos modos de ler: as críticas às cartilhas ABC

Dentre as questões exigidas pelos novos modelos educacionais estava a reformulação dos métodos de leitura e escrita. A cartilha ABC, que até então era utilizada para o ensino da leitura, passou a ser vista como retrógrada, ultrapassada, que dificultava o desenvolvimento da prática da leitura e o tempo gasto pelo professor em sala de aula, sendo que "essas novas práticas escolares de leitura promoviam e eram promovidas por alterações nas relações temporais, espaciais, materiais e sociais da escola." (VIDAL, 2010, p. 507).

Essas questões sobre a necessidade da reformulação dos novos métodos acabou se repercutindo também nos discursos dos jornais educacionais. De um lado os que defendiam a necessidade dessas mudanças; do outro, os que criticavam, dizendo que somente a mudança de métodos não bastava para diminuir as taxas de analfabetismo e os problemas que envolviam o ambiente escolar, mas todo um conjunto que ia desde as práticas adotadas em sala de aula às ações tomadas pelos governantes.

Quadro 9 – Os discursos sobre leitura nos jornais

A ESCOLA (1902)	A ESCOLA (1909)
<p><u>Retiro-me á essa phantasia que hoje predomina na instruccão, de tal modo, que faz pasmear aos que mesmo pouco assoletram.</u> Vejamos o que levou-me a assim pensar, sem comtudo tencionar offender a quem quer que seja, e sim fallar de um modo todo impressionista, isto é, <u>de accordo com o que os factos demonstram.</u> Um sr. F., matriculou seu filho em um collegio, e lá um dia repara que o pequeno nada adiantava; tirando-o d'aquelle, collocou-o n'outro e... qual historias, nada do pequeno aproveitar.</p> <p>Vai a um terceiro, ao quarto e finalmente cansado de tanto percorrer collegios deixou-o no quinto. Que quinto? De infantaria? Não! Quinto collegio. Pois bem, ahi o pequeno parou quatro annos e fez muitos preparatorios. Uma noite, chama-lhe o pai</p>	<p>Para bem se compreender <u>as vantagens do ensino moderno, é necessario um ligeiro retrospecto sobre o que se faz á antiga.</u></p> <p>Como não ignoramos nós e todos os que, como nós, <u>aprenderam sob o influxo da escola velha, para a creança começar aprender a ler, metia-se-lhe nas mãos a carta de A B C, o peor dos metodos para se principiar a ler, como classifica a moderna pedagogia.</u></p> <p>Nenhum desses ignora o que é esta carta: um folhêto sem atrativo algum para creança, o qual, si alguma couza opera, nada mais faz que aborrecer o principiante e levar este por sua vez a aborrever o livro.</p> <p>Porisso é que tem havido creanças e ha delas onde ainda está em voga a carta de A B C, que passaram</p>

para lêr os jornaes do dia pois o velho já muito mal enchergava... <<Então, porque encalhas ahi na leitura? Desembucha rapaz!>> <<E' que... papai... este numero é muito grande... e... eu... não acerto!>> <<Então meu tratante! E foi para isso que gastei tanto dinheiro?!>> <<Quatro annos n'uma escola e não saber ler um numero?>> << E... que... pelo ensino moderno, papai... estas cousas não se aprendem!>>

<<Diabo leve o tal modernismo! Não te mando mais ensinar, estou farto de sandices. Como está este paiz, até na instrucción ha também - A crise?!>>

mezes e mezes, todos os dias a carta ás mãos, rasgaram uma e mais cartas e muito custaram a dar os primeiros passos em leitura.

E quanto ao mais, tudo era trabalho fatigante de memoria, que os alunos executavam inconsientemente.

Eis-aí o que era a escola antiga.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Publica Benedito Leite (2016).

O trecho acima demonstra essa dualidade de pensamentos em relação às propostas dos novos modelos educacionais. Dois jornais de épocas diferentes, que tinham opiniões distintas em relação a um mesmo assunto: a adoção do ensino moderno e dos novos métodos de ensino da leitura. Esses dois pontos de vistas corroboram com Nagle (2001, p. 308) ao afirmar que o escolanovismo se desenvolveu no Brasil em duas fases: a primeira se iniciou no final do Império e se estendeu até a segunda década do século XX e pode ser considerada como a fase preparatória da difusão desses ideais, com uma modesta infiltração de alguns procedimentos, ideias ou princípios sobre esse método; a segunda fase se inicia em 1920, com a difusão desses ideais principalmente na literatura educacional e nos trabalhos sobre a nova pedagogia. Talvez por isso, o “novo”, ainda fosse estranho para alguns da classe escolar.

Até meados do final do século XIX e início do XX predominava no Maranhão o método sintético em relação ao ensino da leitura. Nele o aluno não possuía muita autonomia e era fundamentado na memorização e na repetição mecânica das palavras, além de ter que aprender letra por letra, do particular para o geral.

Sahe um menino de uma escola primaria com o seu certificado de exame:- um camões debaixo do braço, uma grammatica de 3.º anno de J. Ribeiro, uma arithmetica de Serrasqueiro e outros livros de curso superior, á vista dos quaes a nossa primeira impressão é de estar muito desenvolvida a instrucción em nosso terra. Mas, terrível desilusão! Tudo tranquilo é mera fantasia! E, sabeis qual é a realidade? Eil-a:- a creança não sabe ler direito e mal escreve. Não sabe somar nem diminuir.

No Rio de Janeiro, não ha muito tempo, tivemos ocasião de apreciar os exames de um dos mais afamados collegios e eis o que vimos em um exame de geographia: Uma menina de oito anos desenhar num quadro preto o nosso Estado do Maranhão. Satisfeito com tal exhibição fui cumprimental-a, com permissão da diretora, e procurei conversar com a menina sobre outros estados do Brazil; mas, sempre a mesma fantasia:- ella só tinha preparado o Maranhão para o exame.

São estas as primeiras verdades que apresento hoje aos nossos leitores, almejando que ellas sejam lidas com o verdadeiro interesse que deve haver em matéria de educação. Certos de que sem instrucción não haverá progresso e sem progresso voltaremos a barbárie. (A ESCOLA, grifo nosso, 1902, p. 1).

Baseado na observação e na experiência, o novo método defendia o estímulo da leitura a partir de imagens, ilustrações e desenhos, “desta maneira, a imagem tornou-se tão importante quanto o texto na sala de aula, daí a atenção especial que o ensino do desenho ganhou no currículo [...]”. (RAZZINI, 2009 p. 104). Sendo assim, os novos métodos também passaram a exigir novos materiais de ensino, contribuindo conseqüentemente para uma maior expansão do mercado editorial no que se refere à produção de livros didáticos, principalmente o livro escolar infantil. Resultando também na necessidade de melhorias das indústrias gráficas, nas técnicas de impressão, no uso do papel e na criação de novas profissões e na ampliação do mercado para os artistas.

Hoje tudo se deve passar de outra maneira: **em vez de um folhêto sem gosto algum para a criança, deve-se-lhe dar um livro de agradável aspecto, de figuras que ela gosta de ver**, de texto que não enfastia, já pela sua extensão, já pelo tamanho da letra, já pelo assunto, que é propriamente infantil; em lugar de uma taboada nas condições daquela a que já nos referimos, - **um livro atraente como o de leitura, onde se cultivam a observação e o raciocínio infantis**, tornando assim os primeiros passos em número um poderoso meio de cultura mental da criança [...]. (A ESCOLA, **grifo nosso**, 1909, p. 2).

Essa mudança de métodos do ensino da leitura além de preconizar o incentivo pela leitura era uma forma de diminuir o tempo que o professor exercia em sala de aula, já que agora ao invés dele ensinar aluno por aluno como acontecia no método individual, ele se centrava na ação do professor em vários alunos ao mesmo tempo e do mesmo grau e nível de aprendizagem, “o que permitia a organização de classes mais homogêneas e a unificação do currículo, facilitando a execução de um programa graduado de estudos”. (RAZZINI, 2009, p. 103).

Esse método graduado de estudos tinha como objetivo um melhor aproveitamento do pensamento dos alunos sobre as lições em relação à escrita e a leitura, e para conseguir uma eficácia melhor, bastava seguir três passos: 1.º a aquisição da forma gráfica, desconhecida pela forma oral conhecida. 2.º a rectificação e ampliação do vocabulário pré-escolar e o relacionamento dos vocabulários. 3.º a composição e o discurso. (A ESCOLA, 1919, p. 1). Esses princípios só reforçam a defesa que a imprensa educacional, manifestada principalmente nas falas dos professores, fazia sobre a leitura era muito mais do que memorização de letras; era necessário a compreensão da palavra como um todo, uma leitura expressiva, que em vez de se concentrar apenas na ligação dos elementos como sons e vocábulos, concentrando-se nos sentidos, procurando desenvolver no aluno o interesse pelo estudo e pela leitura.

Dessa forma, os métodos do ensino da leitura podem ser divididos em dois momentos; o primeiro focado na silabação e na representação gráfica das palavras; o segundo focado mais na compreensão delas.

Nesse sentido,

Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam. (FRADE, 2007, p. 22).

Esses conteúdos e a forma como eram ministrados variavam de instituição para instituição e do tipo de curso (se era de primeiras letras ou do curso primário), mas normalmente seguiam um padrão comum. Na documentação levantada encontramos referências às disciplinas de Leitura e à Lições de Coisas. Tido com um método inovador para época e que ajudaria a solucionar os problemas da educação, Lições de Coisas ou o método intuitivo, defendia o uso dos sentidos, da percepção, da observação, da imaginação e do raciocínio no processo de ensino aprendizagem, “nesse sentido, considera que o ensino das palavras é mais apropriado, porque permite concretizá-las por meio dos objetos e imagens”. (GONTIJO, 2011, p. 113).

Em relação ao ensino da leitura, Calkins (1886) afirma que:

A arte de ler inteligentemente é uma das mais difíceis prendas humanas. Qualquer exame dos métodos anti - philosophicos, dos processos arbitrários adoptados no ensinar aos meninos as primeiras lições de leitura, não deixaria já espantarmo-nos da lentidão com que se elles adeantam, e removeria todo o motivo de estranhar que as creanças pelo comum achem tão desatrahente o limiar da sciencia. Desses métodos, alguns são antiquados, prolixos, desnaturaes e enfadonhos, não offereceprlo por pasto à avides de saber, que caracteriza a puericia, senão aridez e monotonia. Menos morosos serão outros; mas em todos domina o mesmo arbitrio, a mesma inversão da natureza. (p. 420).

Nesse manual, o autor faz algumas referências a outros métodos do ensino da leitura “para que os professores facilmente possam distinguir dos ruins ou bons métodos, descrevendo alguns dos planos admittidos no ensino primário da leitura”. (CALKINS, 1886, p. 433). Ele ainda ressalta onze fatos que devem ser observados no ensino da leitura, cinco passos da leitura pelo método objetivo, alguns conselhos aos professores e como deve ser feita a leitura de livros. Novamente aparece a crítica em relação às cartilhas de A B C, que levavam o “pobre alumno a quebrar a cabeça [...], o que muitas vezes custava quasi, se não mais de um mez de [enfadonho] esforço. Depois seguiam-se outros mezes arrastando-se elle pelo syllabario [...], pela soletração e, por último, é que chegava á leitura por cima (A ESCOLA, 1919, p. 1).

Contudo, cabia também ao professor decidir o que e como fazer a aplicação desses métodos, sendo que “[...] raríssimas exceções houve [...] mestres que suavizaram a crueldade do método referido [...]”. (A ESCOLA, 1909, p. 2). Contudo, um dos desafios enfrentados ainda era conseguir abolir de fato os castigos na escola; “colejios em que a palmatoria é quem mais alto fala a carta de A, B, C e as antigas taboadas são os livros adotados, o ensino objetivo não existe e o professor faz o papel de verdugo [...]”. (A ESCOLA, 1919, p. 1).

Outro ponto defendido na “nova pedagogia” era a de dar uma maior autonomia ao aluno. Antes, ele ficava preso às lições dadas em sala de aula e sujeito aos exercícios e às correções feito pelo professor na escola, agora defendia-se uma maior “independência” desses estudantes, principalmente os exercícios de leitura, que agora poderiam ser feitos para aqueles que conseguia ler sem o auxílio do professor.

[...] queremos referir-nos á leitura da classe que já lê sem o auxilio do mestre. Quando os alunos atinjem a este ponto, o professor passa com antecedencia a lição, como se sabe, e quazi sempre não pequena, no intuito de todos poderem ler sem repetir ou sem muito repetir o texto. Primeiro vejamos o principio em que ora se apoia o exercicio de leitura, pois o mais decorrerá dêle:
Os exercicios de leitura devem estar em intima relação com os de linguaagem.
 Com efeito, depois que a creança adquiriu o habito de ler corrente, para que mais leitura diaria ou alternada, si não se tivesse em mira alcançar outro ponto mais elevado ainda?
 Do principio acima exposto rezulta como consequencia lojica este outro:
 A leitura deve ser intelijente.
 Para que a classe entenda o texto; não deve ignorar os sentidos das palavras que nele encontra - couzas que a experiencia e a vontade de bem cumprir o seu dever, sujerem ao mestre para interrogar os alumnos sobre elas, afim de verificar si as conhecem ou não.
 Posto isso, para se tirar da leitura todo o proveito para a linguaagem, ha de o professor chamar a atenção da turma para as diversas variantes de expressão do mesmo pensamento, ensinando-lhes ao mesmo tempo o melhor; para as imajens de que se serviro autor; finalmente, para alguma falta que, por ventura, haja no texto, pois não é raro encontrarmos isso nos livros.
 Deve mais o professor examinar com o aluno o emprego das notações sintaticas, feito pelo autor, pois um tal exercicio contribue muito para o aluno se assegurar da aplicação das regras de pontuação.
 Executada assim a lição, bem se compreende, não se poderão ler muitas pajinas no tempo consignado no horario para esse exercicio, razão pela qual dizemos que *a lição de leitura não deve ser demaziado longa, mas estar de acordo com o adiantamento da classe.*
 E, quando mesmo haja da parte do mestre o receio de que seja pequena, acrecentamos ser incomparavelmente melhor fazer uma lição pequena mas bem explicada do que uma de pajinas e pajinas, sem elucidación alguma a qual nos alunos, na quazi totalidade lêem maquinalmente. (A ESCOLA, 1909, p. 4).

Todavia, mesmo defendendo a aplicação da nova pedagogia moderna, quando se tratava do ensino operário, o mesmo não era aplicado, pois era “[...] uma coiza que necessita o maximo cuidado do professor dadas as condições especialissimas do aluno”. (A ESCOLA,

1918, p. 2-3). Essas condições se referiam era à idade do aluno e as suas condições de trabalho, por trabalharem o dia todo e chegarem casado do serviço.

Com o operario as coisas se passam de modo muito diferente. Se o ensino deve acompanhar o desenvolvimento da inteligencia, na criança exclusivamente dedicada ao estudo, o mesmo já se não dá com os operarios. Estes, em regra, quando se dedicam ao estudo, já são desenvolvidos, quasi rapazes, com o cerebro já formado e a inteligencia em adiantado estado de desenvolvimento; outros então, contam vinte e trinta anos, homens feitos, inteligencia completamente amadurecida e o peior de tudo, virgem do todo e qualquer esforço para aprender a ler e escrever. Compreende-se pois, perfeitamente, que em casos tais, o ensino é todo outro e a pedagogia moderna apenas aparece para fornecer os seus livros e uma ou outra pequena coisa. (A ESCOLA, 1918)

O movimento operário começou a se consolidar no final do século XIX e início do XX, principalmente devido ao fim da escravidão, com a chegada dos imigrantes no Brasil e com o crescente processo de expansão da industrialização e das fábricas no País. Contudo, as condições em que viviam esses trabalhadores não eram uma das melhores. Muitos viviam em locais insalubres, sem saneamento básico e em péssimas condições higiênicas, fora as grandes taxas de analfabetismo. Como um dos princípios da República era diminuir essas taxas, começou-se a pensar na oferta do ensino para a classe operária.

Tal é o ensino operario. Todo especial, todo orijinal de acordo com o estado da sua inteligencia, produz ele os melhores frutos, frutos que não produziram se no caso, fossemos aplicar os processor modernos de ensino. Livros, os de todo indispensaveis; no mais, preleções, lijeiras, faceis, graduadas aos pouquinhos conforme o adeantamento da classe. Insiste-se numa mesma coisa, até ficar completamente gravada na memoria do aluno de modo que não esqueça mais. Porque é preciso distinguir bem o operario da criança que se dedica exclusivamente ao estudo. A inteligencia desta vive só para a instrução que recebe, sem outro esforço, sem outro desvio. Com o operario não se dá o mesmo; se são crianças, a sua inteligencia só em horas vagas se dedica ao estudo; no mais, vive sujeita ao oficio, onde se esforça, se cansa, e, muitas vezes se atrofia. Como a criança, porem, o operario pode aprender francamente, pode tornar-se ilustrado e util á sua pátria. (ESCOLA, 1918).

Desse modo, no tocante à educação operária, se estabeleceram duas maneiras em relação ao ensino desses trabalhadores. De um lado, a educação ofertada pelos próprios trabalhadores, com a criação das suas próprias escolas, bibliotecas e fundos para a manutenção das mesmas. Do outro, a concebida pelo estado como forma de aprimorar e melhorar o desenvolvimento intelectual desses trabalhadores e aumentar o numero de leitores do país. Entretanto, como a maioria desses imigrantes tinham princípios anarquistas e socialistas, a oferta desse ensino era ao mesmo tempo uma forma de controle que o estado e os patrões queriam exercer sobre os trabalhadores.

Todavia, apesar dessas mudanças que estavam em curso na educação, ainda percebia-se uma diferença do ensino praticado aos mais pobres e aquele ofertado às classes

mais abastadas da sociedade. Entretanto, mesmo com essas diferenças, a educação acabava ficando em segundo plano no que se refere ao repasse de verbas para o uso escolar.

3.2 A falta de materiais didáticos e os anúncios nos jornais

As necessidades de mudança nos métodos do ensino da leitura acabaram afetando também a produção dos livros destinados a essa prática, já que "os materiais da escola [...] eram imprescindíveis à construção experimental do conhecimento pelo estudante." (VIDAL, 2010 p. 498). Passou-se a exigir do mercado livros com novos formatos que privilegiassem as ilustrações e os desenhos; entretanto, o problema da falta de materiais didáticos nas escolas para uso dos professores ainda era constante, principalmente no ensino público.

A falta de verbas para a compra de materiais escolares, para a manutenção dos prédios, para o funcionamento das escolas ainda era um dos principais entraves para o avanço da educação. Outro fator que afligia o ensino em relação ao uso e acesso desses materiais por parte dos estudantes era a pobreza por parte de alguns alunos que muitas das vezes não podiam ir à escola por precisarem ajudar os pais e que "nem sempre [poderiam] comprar os livros que o programma do ensino [exigia]". (A ESCOLA, 1918, p. 3).

Apesar de as instituições tanto de caráter público como a de caráter privado se assemelharem no que se referia as questões sobre a formação de professores e materiais didáticos, foram poucas as informações encontradas em relação as dificuldades das instituições particulares de ensino. Sabe-se que esse silêncio na documentação não que dizer que o ensino privado não tinha os seus problemas, mas que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

Essa imagem que se desejava passar, era a eficiência do ensino privado sobre o público; talvez por isso pouco se ache nos documentos questões sobre os professores do ensino privado e de suas deficiências. Na maioria das vezes são encontrados escritos evidenciando os problemas enfrentados por alunos e professores na educação pública do estado, o que reforça ainda mais a questão da seleção de determinados conteúdos e temas a serem divulgados nos jornais escolares, já que o corpo editorial era composto geralmente pelos diretores dessas instituições.

No entanto, o ensino privado não deixou de opinar sobre esses assuntos nas suas páginas dos jornais, chegando a propor sugestões para as melhorias em relação às deficiências do ensino e a falta de materiais didáticos. Entre essas medidas estava a recomendação da

redução do número de escolas como forma de “[...] melhorar o material didático das restantes [...]”. (A ESCOLA, 1902, p. 1). Essa redução proporcionaria uma melhor economia para o estado e para os cofres públicos, diminuindo assim a falta de materiais e de aparelhos destinados ao ensino. Na verdade, isso não passava de uma justificativa para incentivar o fechamento de escolas da rede pública de ensino.

Como medida para suprir a carência desses objetos e incentivar a compra, começou-se a divulgar nos jornais anúncios referentes a livros e aos materiais didáticos. Essa estratégia era ao mesmo tempo uma forma de divulgar os autores dos livros, as livrarias existentes e as casas de vendas dos materiais, criando assim editoriais até então pouco existentes que fortaleceram o comércio de livros.

Figura 6 – Anúncios de materiais nos jornais A Escola (1902) e A Escola (1918)



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Publica Benedito Leite

Nos dois anúncios percebemos a expressão “livros escolares adotados” para o ensino. Essa alusão era uma forma de mostrar aos pais e a sociedade que esses estabelecimentos estavam de acordo e adequados às convenções e normas sociais, uma vez que esses “[...] artefatos materiais [vinculavam] concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar”. (SOUZA, 2007, p. 165).

A essas divulgações, somam-se as críticas, as resenhas e as indicações dos próprios professores em relação a determinadas obras. Essas resenhas não eram nada menos do que imposições de leitura propostas por esses profissionais ou pela própria escola, aos alunos, mostrando que “os sistemas escolares são percebidos como dispositivos que selecionam e transformam os saberes produzidos pelos “intelectuais” com a finalidade de

torna-los assimiláveis por jovens alunos”. (HÉRBRAND, 1999, p. 35). Além de mostrar que estavam utilizando a mesmas obras empregadas em todas as escolas do país.

A chegada da imprensa no Brasil foi tardia, mas em um século as novidades foram sendo incorporadas com certa velocidade, criando um grande mercado de livreiro e editorial no Brasil. Livreiros, tipógrafos e editores tiveram um papel fundamental na ampliação e divulgação dos impressos, fossem eles livros eruditos, livros escolares ou almanaques. (FERREIRA, 2011, p. 52).

3.3 Os livros indicados para o ensino

Devido às questões higiênicas e à necessidade de cada aluno contar com o seu próprio material individual de ensino, o mercado editorial brasileiro começou a se desenvolver. Começaram a surgir editoras específicas para a produção desses livros, como a Companhia Editora Nacional, a Livraria Francisco Alves, a Editora Melhoramentos e a FTD¹⁰. A figura do editor, que vem se afirmando desde o século XIX, ultrapassa a questão de um profissional ligado apenas á responsabilidade econômica da literatura, mas que tem “[...] um poder de tipo midiático e um poderoso instrumento cultural de troca intelectual, artística e literária, bem como de construção identitária”. (DUTRA, 2010, p. 68).

Ao mesmo tempo em que esse mercado entrava em expansão com a publicação de livros didáticos, criava-se certa preocupação com o teor dos conteúdos dessas obras. Esse cuidado sempre esteve presente desde as primeiras publicações com a chegada dos jesuítas e isso só demonstrava o poder que o livro exercia na sociedade. Diante disso, começaram a se estabelecer medidas para o controle e a fiscalização dessas obras. No Maranhão, elas eram feitas pelo Conselho da Instrução Pública e/ ou pela Secretaria do Interior. Esses órgãos tinham como objetivo "dar parecer sobre os livros e compendios didacticos submettidos a sua apreciação e adoptal-os nos estabelecimentos de instrucção do Estado". (REGULAMENTO, 1893).

De igual modo, começaram a serem adotados nas escolas os livros que seguissem “[...] os moldes e preceitos da pedagogia moderna” (A ESCOLA, 1918). Esses moldes se referiam a àqueles livros que seguissem os novos métodos adotados; no caso o método intuitivo.

¹⁰ As iniciais da Editora FTD são uma homenagem a Frère Théophane Durand, Irmão Superior-Geral do Instituto Marista durante os anos de 1883 a 1907. Incentivou os Irmãos a escreverem livros escolares, sendo esses livros passaram a integrar a coleção que recebeu o título de Coleção de Livros Didáticos FTD.

Quadro 10 – Livros adotados no Externato Codoense

	1918	1919	1920
Primeiras letras	- Cartilha analytica de Arnaldo Barreto, serie Puggari Barreto (1.º a 4.º livro); - 1.º livro de calculo do prof. Joaquim Santos	Cartilha analytica de Arnaldo Barreto, serie Puggari Barreto (1.º a 4.º livro,) - 1.º e 2.º livros de calculo do prof. Joaquim Santos	Cartilha Analytica de Arnaldo Barreto, serie Puiggari Barreto (1.º a 4.º livro) - 1.º e 2.º livro de calculo de Joaquim Santos; - Arithmetica intuitiva curso elementar de Olavo Freire
Curso primário 1.º ano	Gramatica portuguesa primaria, de Verissimo Vieira, - 2.º livro de calculo do prof. Joaquim Santos; - Geographia primaria de Lacerda;	Gramatica portuguesa primaria, de Virissimo Vieira, - Arithmetica de F. T. D., - Nossa Patria, de Rocha Pombo; - Geographia primaria, de Lacerda	Gramatica portugueza primaria de Verissimo Vieira, - Arithmetica intuitiva - curso medio - Olavo Freire, - Geographia de Arthurr Thire, - Nossa Patria, Rocha Pombo;
2.º ano	Gramatica portuguesa, primaria, de Verissimo Vieira, - Arithmetica primaria de F. T. D; - Geografia primaria de Lacerda; - Historia do Brasil, primaria, de Joao Ribeiro; - Seções de ciencias de F. T. D; - Geometria pratica de Olavo [Freire].	Os mesmos livros do 1.º anno, - Historia do Brasil; - Noções de ciencias de F. T. D; - Geometria pratica de Olavo Freire.	Os mesmos livros do 1.º anno, - Historia do Brasil de João Ribeiro - curso primario; - Noções de ciencias de F. T. D.;

Fonte: Autor (2017).

Ao observamos os livros adotados nas escolas, podemos ter uma dimensão do currículo que era adotado nessas instituições. No caso do Externato Codoense, as disciplinas centravam-se principalmente nas disciplinas de Leitura, Escrita, Aritmética, Historia e

Geografia. Para o ensino da leitura destacam a Cartilha *analytica* de Arnaldo Barreto e a Gramática Portuguesa primária de Veríssimo Vieira.

A cartilha de Arnaldo Barreto foi um dos principais livros adotados nas escolas de todo o país para o ensino da leitura, principalmente por utilizar o método analítico. Nela podemos observar a relação texto e imagem, que era tão defendida por aqueles que incentivavam a adoção do ensino moderno.

No Instituto Renascença, foram adotadas as obras *Pequenos Trechos*, de Octaviano Mello (4.º ano Primário); *Pequena História do Brasil*, de Veiga Cabral (nos cursos primário, 4º ano médio, e no 1º ano do secundário); *Anthologia Brasileira* de Eugênio Werneck (em todo o Curso Secundário).

Também foram adotadas obras de professores maranhenses, atestando a presença de uma nova forma de autor: o professor. Os livros escolares escritos por professores geralmente surgiam de pequenas anotações e estudos realizados em sala de aula, o que aproximava bastante essas obras da realidade escolar local e transformando esses conteúdos para uma realidade mais próxima na qual estavam inseridos.

O objetivo de controlar o acesso e a utilização dessas obras era com a finalidade de que fossem adotados em sala de aula apenas “bons livros” e o tipo de leitura que fosse considerada adequada, sendo que ao dispor a lista de obras adotadas nas escolas, pretendem fazer surgir um modelo único, codificado e controlado de leitura. (CHARTIER, 2014).

Novamente, devido à carência de documentações e da própria literatura em relação ao ensino privado no Brasil, não foi possível detectar as medidas tomadas por essas instituições em relação à seleção dessas obras. Sabe-se que essas escolas seguiam o regulamento proposto pelo estado, mas que ainda não assim não deixavam de tomar suas próprias medidas em relação as escolhas dessas obras, o que nos leva “[...] para o interior das operações dos censores, mostra como pensavam os formuladores de políticas, como o Estado avaliava as ameaças a seu monopólio de poder e como tentava se contrapor a tais ameaças”. (DARNTON, 2016, p. 8).

3.4 A relação livro e professor

O professor também começou a ganhar destaque no processo educacional, pois era através dele que o ensino era transmitido. Essa disseminação de conteúdos era feita mediante o uso do livro didático “[que] ao transmitir o conhecimento, realizava a socialização da leitura, mas tinha igualmente, como tarefa, desenvolver hábitos individuais no leitor. [...]”

[mas que] não conseguia, isoladamente, cumprir seus propósitos". (BITTENCOURT, 2008, p. 191). Aqui entrava o papel do professor.

O livro é o sol que ilumina os povos, deslumbrando-lhes com o disco rutilante e flavo; o mestre é o bemdito pegureiro que conduz o gentil rebanho de creanças as estancias fulgurantes das letras.

O livro é a clava poderosa da instrução; o mestre é o atleta que a maneja, deslocando as barbicans da ignorância.

O livro é o ídolo do povo; o mestre é o levita que lhe celebra os mistérios nos templos augustos das escolas.

O livro é o canhão do século; o mestre é o arrojado guerreiro que luta em prol da instrução da petizada.

O livro é o gladio forjado nas tendas da razão, do raciocínio e do estudo; o mestre é o operário da oficina onde se prepara a razão, o raciocínio, a inteligência e a imaginação.

Ser mestre é ser grande, é ser iluminado por este sol das ideias, o livro, que difunde as luzes do saber. (VIDA ESCOLAR, 1932).

O preparo desses profissionais passou a sofrer duras críticas sobre o seu objetivo e finalidade principalmente no período republicano. O professorado era descrito nos relatórios da Inspeção Pública, como mal preparados e não habilitados para o ensino. Eram constantes as queixas sobre a indisciplina de muitos professores que faltavam as aulas e chegavam bêbados nelas.

Assim, começou-se a exigir uma maior formação dos professores e a expansão da criação de escolas destinadas a essa formação. As Escolas Normais existem no Brasil desde 1835. No Maranhão a criação da Escola Normal se deu em três tentativas. A primeira, em 1840, com a criação de uma aula de Pedagogia. A segunda em 1874, de caráter privado sobre os direcionamentos da Sociedade Onze de Agosto. A terceira, em 1890, “[...] sendo o Maranhão a última província a ter uma Escola Normal, 55 anos após a primeira no Brasil”. (CASTELLANOS, 2010, p. 139). Começou a imperar os cargos de adjunto de professor e professor graduado como forma de suprir a carência de professores, principalmente no interior do estado e que eram desprovidos de normalistas diplomados.

Ainda mesmo o que aprende a ler e escrever pelo novo systema, tem necessidade de fazer um curso especial para ensinar-o. Para tal fim existe a escola normal da capital do Estado de onde têm sahido já crescido numero de professoras normalistas que estão occupando grande parte das cadeiras de instrução primaria do Estado, cujos governos, justiça seja feita, muito sem interessado pela sua divulgação. (A ESCOLA, 1919, p. 1).

Defendia-se que era de direito os professores normalistas implantarem e aplicarem os novos métodos de ensino, já que eles, “[...] devem operar diretamente a reforma do ensino entre nós [...]” (A ESCOLA, 1909, p. 3), pois é direito deles por lei exercerem essa função e por cursarem um estabelecimento próprio para isso.

Contudo, para a aplicação desses métodos, era necessário que o professor estudasse as lições específicas, tendo como fonte a busca de literatura escolar, ainda que para isso, o professor tivesse que buscar referências em outras línguas, como o francês, o inglês e o espanhol, tendo assim ter que ter o domínio de outras línguas. Esse fato demonstrava justamente uma pobreza na nossa literatura escolar. Dessa forma, até meados de 1880 os livros utilizados nas escolas eram estrangeiros, geralmente importados da Europa. Nesse sentido, a nacionalização da produção (e da autoria) do livro didático brasileiro só aconteceria de fato na virada do século XX. (RAZZINI, 2009, p. 101).

Um segundo ponto a ser observado, era que o professor sempre deveria se considerar um eterno estudante, pois mesmo depois de formado, deveria continuar estudando sobre as disciplinas e os métodos adotados. (A ESCOLA, 1909).

Com os professores então, o caso está perfeitamente caracterizado, senten-se bem que sem a lei da renovação, um profissional ao fim de largo período de magistério, é um retrogrado, e é mais, um deturpador dos preceitos que foram grandes e uteis ao tempo em que se exibiu, excelente professor, fazendo do seu acervo intelectual formidável clava de combate com que espancava a deficiência de compêndios e a ignorância das classes. (VIDA ESCOLAR, 1932).

Apesar de carregar um saber específico e ser um instrumento de conhecimento único e uniforme, os professores tentaram de alguma forma de driblar esse regime, usando táticas e estratégias sobre como e o que deveria ser ensinado, sendo “raríssimas exceções [...] de mestres que suavizaram a crueldade do método referido [...]” (A ESCOLA, 1909, p. 2).

Muitos livros de leitura, adotados nas nossas escolas, já trazem exercícios de linguagem procurando facilitar assim a tarefa ao professor. Não obstante, como muitos não se podem executar facilmente, cumpre ao professor modificá-los ou substituí-los si julgar necessário; o que não deve menosprezar é o proveito a tirar do texto.

Finalmente o professor se não esqueça do ensinamento moral ou cívico, a que a lição se prestar.

O mestre não é só um instrutor; é também educador. (A ESCOLA, 1909, p. 3).

Sendo assim, os professores eram os responsáveis pela transmissão dos conteúdos em sala de aula, e também eram vistos como fontes de inspiração para seus alunos, tanto que eram solicitados a eles recomendações de livros para a realização das atividades dentro e fora da sala de aula. O professor tinha o poder e o controle do que seria transmitido na escola, cabendo a ele seguir ou não as regras propostas pelo estado e pela escola. Desse modo, “o professor é tudo; ele não passa e nem toma lições; conversa com a criança como se fora um irmão mais velho e nessas prozas, amenas, ligeiras sem formas complicadas nem palavras difíceis ele ensina a criança [...]”. (A ESCOLA, 1918, p. 1)

3.5 A importância da leitura e o combate ao analfabetismo

O Brasil ocupa o oitavo lugar na lista dos países com o maior número de adultos analfabetos. Essas taxas perpetuam no Brasil há décadas. Desde o Império se tem pensado em políticas que visavam diminuir essas taxas e aumentar o número de leitores no país; contudo, faltavam investimentos do governo, e as desigualdades sociais acentuavam ainda mais essas taxas, já que a educação ofertada as diferentes classes não era a mesma. Somado a esses fatores, as deficiências que a escola apresentava como a falta de professores, a obrigatoriedade ou não do ensino, as baixas frequências escolares e a falta de materiais adequados contribuía ainda mais para esse agravamento.

A continuidade desse índice pode ser explicada, em parte, pela manutenção dos analfabetos das gerações anteriores. Como boa parte da população era formada por escravos e que segundo a lei não tinham o direito de frequentar escolas, esses indivíduos entraram na República sem saber ler e escrever. Além disso, as políticas educacionais centravam mais nas primeiras letras, assim, “quando o ensino, especialmente o escolar, focaliza quase que exclusivamente a população jovem, torna-se, após certa idade, difícil aos adultos reverter sua condição de analfabeto”. (SOUZA, 1999, p. 172). Somava-se a essas estatísticas as mulheres, que pouco ainda tinham acesso ao mundo das letras e os deficientes físicos, que nem chegaram a entrar nas estatísticas.

Posto isto, diversos intelectuais, em diferentes épocas começaram a defender discursos que visavam a necessidade de reformular a educação brasileira. Essas ações tomaram mais fôlego com a proclamação da República, já que uma das metas era diminuir os altos índices de analfabetismo que perpetuavam no país, sendo que essa luta se tornou o motor principal nas campanhas republicanas que referenciavam as mudanças educacionais. Essas campanhas objetivavam ao mesmo tempo erradicar as altas taxas de analfabetismo que imperavam no país naquele período, mas por outro lado pretendiam também divulgar conceitos de civilidade e atrair o maior número de eleitores, já que analfabetos não tinham direito ao voto.

O analfabeto não é cidadão, não pode votar nem ser votado!

O povo que não lê, que não estuda, que não instrue, é um povo nullo, inconsciente, inutil!...

D ignorancia, é que vem a falta de civismo, de patriotismo, o rebaixamento do character, a deshonra, o vicio, o crime, o desamor a tudo que é belo, nobre e sublime, a desgraça e o esphacelamento, enfim, do lar, da família, da sociedade!. (A ESCOLA, 1918, p. 1).

Tais medidas fizeram com que o ato de ler e escrever fossem indispensáveis à população, pois com o processo de industrialização em curso no país, necessitava-se de pessoal qualificado, que soubesse no mínimo trabalhar com as máquinas. Outra consequência desse processo era a necessidade de criar um mercado consumidor cada vez maior, pois era preciso que a população soubesse movimentar e trabalhar com o dinheiro. Sendo assim, o livro e a leitura passaram a adquirir um fator essencial nessas mudanças, pois “a inteligência ficaria quase em embrião se não fossem eles”. (A ESCOLA, 1902, p. 3).

Esses esforços foram direcionados principalmente para os trabalhadores, classe que crescia cada vez mais devido à chegada dos imigrantes e para o ensino primário, pois “sem o conhecimento das primeiras letras não [poderia a criança] compreender e se aperfeiçoar em qualquer profissão que sua vocação lhe aconselhe a tomar”. (A ESCOLA, 1918), causando assim uma reorganização em todo o sistema escolar ou pelo menos era o que se pretendia.

O artista, o agricultor, o creador, o commerciante, o industrial, o funcionario publico e todos enfim que exercem sua actividade em qualquer profissão ou industria jamais poderão praticar actos ou produzir obras perfectas, para as quaes somente a instrucção primaria lhes proporcionara os meios de corrigi-las pela leitura dos bons livros referente as mesmas. (A ESCOLA, 1918, p. 2).

Os jornais escritos por alunos e professores começaram a se tornar um aliado importante em favor dessa luta do “patriotico movimento que se tem levantado nesse Paiz em pról da instrução, como uma propaganda energica e eficaz contra o terrível mal do analphabetismo em que jaz a maioria dos brasileiros [...]” (A ESCOLA, 1918, p. 1) e como “[...] guia certo dos alunos nos primeiros ensaios na pratica das letras [...]”. (VIDA ESCOLAR, 1932). Sendo assim, “precisamos nós, os dirigentes da opinião publica e os representantes dos poderes publicos, unir-nos numa campanha cerrada contra o analphabetismo, dando as escolas aos nossos patrícios que querem aprender”. (A ESCOLA, 1918, p. 2).

Os índices de analfabetismo no Brasil no início da República eram elevados, chegando a atingir boa parte da população.

Quadro 11 – Proporção de analfabetos no Brasil¹¹

ESTADO	SABEM LER	ANALFABETOS
Paraíba	168	832
Piauí	173	827

¹¹ Proporção extraída para cada mil habitantes.

Pernambuco	193	807
Alagoas	200	800
Rio Grande do Norte	218	782
Bahia	231	769
Paraná	239	761
São Paulo	247	753
Sergipe	247	753
Maranhão	254	746
Minas Gerais	256	744
Santa Catarina	257	743
Espirito Santo	269	731
Mato Grosso	270	730
Pará	300	700
Amazonas	321	679
Rio Grande do Sul	326	674
Distrito Federal	519	481

Fonte: A Escola (1918)

Nesses discursos também ressaltavam as dificuldades que enfrentavam as pessoas analfabetas na sociedade, sendo que estes ficavam presos na ignorância, sem exercer o direito do voto, sem conhecer os seus direitos. Nesse sentido, “ensinar aos iletrados sobre ser relevante serviço que se presta a Pátria, é ao mesmo tempo o maior benefício que lhes pode fazer”. (A ESCOLA, 1918, p. 3).

Para esse ensino era necessário o uso de bons livros, que adotassem os novos métodos de ensino e que trouxessem conceitos sobre Pátria, nação, Moral e Cívica. Além disso, os discursos sobre o livro e a leitura começaram a se misturar com os discursos que falassem de saúde e higienismo.

1. LER SEMPRE, TODOS OS DIAS
EIS O SEGREDO DA CULTURA.
2. Habitue-se ao prazer das boas leituras.
3. Não basta ler jornais leia também livros.
4. O livro é o amigo de todos os instantes.
5. A BOA LEITURA é A HIGIENE DO ESPIRITO. (VIDA ESCOLA, 1932).

O analfabetismo passou a ser considerado como doença e causador de algumas moléstias. Essas doenças “quando a sua causa quase exclusiva é o analfabetismo das massas e a ignorância nos letrados e semi-letrados, dirigentes e dirigidos dos preceitos da higiene moderna.

Quadro da ignorância		Quadro da Doença	
Numero de Habitantes	25.000.000	Numero de Habitantes	25.000.000
Analfabetos	18.750.000	Rurales	10.000.000
Sabendo ler	6. 250.000	Urbanos	6.000.000
Desses (homens, mulheres e crianças): lêem mal e escrevem ainda peor, ou não escrevem	4.700.00	Prejudicados por endemias (anchilostomiazé, malarias, tripanomiazé, leishmanioze, lepra, alcoolismo)	3.000.000
Lêem e escrevem constantemente	1.570.000	Dos quais imunizados	3.000.000
Lêem, assimilam e acompanham os acontecimentos	25.000	Prejudicados pelas endemias apontadas pelo alcoolismo e mais pela sífilis, pela tuberculose	4.200.000
Estudam e se interessam pelos problemas nacionais	500 (?)	Dos quais imunizados	200.000
Estudam os problemas nacionais com desinteresse pessoal, competência e animo patriótico	30 (?), 20 (?), 15 (?)	População relativamente hígida	5.600.000

Fonte: A Escola (1919)

Ao colocar esse quadro, o jornal queria reafirmar ainda mais que o analfabetismo poderia ser considerado uma doença e que quando as pessoas não sabem nem ler e nem escrever, são mais perceptíveis de pegar doenças.

Sendo assim, “quem se dedicar a leitura não pode ter conhecimento de ociosidade, mãe e origem de todos os vícios de que a frágil humanidade não é isenta”. (A ESCOLA, 1902, p. 3).

Dos quatro periódicos analisados, o jornal A Escola (1918) foi o que mais divulgou em suas páginas discursos contra os males que o analfabetismo causava. Mas o que fez com que houvesse um silêncio em relação a esse tema no período que compreende os outros dois jornais nos anos de 1902 e 1909? Porque essa temática apareceu somente em 1918 e novamente silenciou em 1932?

Primeiramente, poderia ser por causa do objetivo e finalidade a que se destinava cada um desses jornais. Em segundo, as necessidades em que a educação passava naquela época. Em 1902 e 1909, defendia-se a reformulação dos métodos e a importância do livro e da leitura na educação. Por último, devido a quantidade de números ou anos espaçados dos periódicos estudados.

4 CONCLUSÃO

A Imprensa de Educação e Ensino passou a se constituir um importante objeto de pesquisa nos estudos da área de História da Educação. Essa alternativa só foi possível devido às novas concepções propostas pela História cultural enquanto eixo de análise da história. Essa nova proposta oferecia novas alternativas conceituais, o alargamento das fontes e a [re]descobertas de novos objetos. Sujeitos antes silenciados passaram a ter voz nas pesquisas que tinham como abordagem a nova história cultural. Crianças, mulheres, negros, folhetins, letras de músicas, poemas, jornais e tantos outros se tornaram fonte e objeto de pesquisas nessa nova configuração.

Ao considerar a imprensa como fonte a partir desse campo de investigação, objetivamos compreender os discursos e intencionalidades diferenciadas em detrimento dos documentos oficiais, àqueles produzidos por órgãos de responsabilidades de governos. Os discursos produzidos por este meio de comunicação permitem uma aproximação da realidade, conduzindo-nos para uma análise do cotidiano escolar, os seus modos de ensinar, de se organizar, ou seja, uma cultura produzida no interior e exterior das Instituições Escolares.

Essa circulação de saberes, manifestada em artigos, poemas, editoriais, resenhas e contos, demonstrava a complexidade do sistema educativo e as práticas adotadas em relação ao ensino, o que só reafirmava o quanto “a escola constrói seus próprios saberes ou habilidades conforme os modos de elaboração, cuja lógica poder ser encontrada dentro dos próprios sistemas educativos”. (HERBRAND, 1999, p. 36). Sendo assim, alunos e professores das instituições escolares tanto da capital quanto do interior debatiam em suas páginas as demandas e falhas sobre a educação no Maranhão desse período, tornando assim a imprensa uma aliada na divulgação dos discursos sobre o cotidiano escolar. Entretanto, ao mesmo tempo em que, criticavam sobre o ensino, os jornais eram utilizados para a divulgação da própria escola, ao informar o seu currículo e os horários de funcionamento.

Outro ponto em destaque nesses discursos era a importância do ensino primário nos discursos escolares em questão. A priorização desse ensino tinha como forma de subsidiar a formação do indivíduo, o despertar do seu interesse aos estudos, possibilitando a mudança efetiva na educação maranhense. Entretanto, essas transformações só seriam possíveis através da modernização dos métodos, na adoção de novos livros e de novas práticas de ensino, assim como uma modificação do papel do aluno e professor no contexto educacional.

Nesse contexto, o livro e a leitura se tornaram imprescindíveis na realização dessas mudanças. Sendo assim, ao mapearmos os discursos em torno desses artefatos na

imprensa de Educação e Ensino, propomos averiguar as discussões em torno das práticas escolares em relação à alfabetização, tema bastante recorrente no período em que são considerados com ênfase a questão sobre o analfabetismo como atraso da nação.

Deste modo, observam-se as variadas intencionalidades que esses artefatos adquiriram na educação republicana. Ao abordar sobre a mudança do método de ensino da leitura, afirmavam que as cartilhas estavam obsoletas e nada contribuíam para o desenvolvimento do gosto pela leitura, que consistiam em temas enfadonhos e memorizados. Por outro lado, incentivou a expansão do mercado editorial, pois, as escolas de cunho privado e público adotavam os novos materiais, abrindo espaços para autores brasileiros de livros didáticos, surgindo assim à presença de professores/autores que a partir das necessidades estudantis, produziam materiais com metodologias inovadoras e comercializavam suas obras.

Verificou-se que os periódicos estudados, pontuam sobre a necessidade da formação e a valorização docente. A primeira buscou a criação de escolas destinadas para o aperfeiçoamento dos professores, o que possibilitou estes profissionais a procurar conhecimentos e práticas novas, em detrimento do ensino considerado retrógrado para a época. Deste modo, o professor passou a ser considerado como o incentivador de um modelo educacional mais atual e legitimador do crescimento pessoal do aluno. A segunda, apesar de que o docente fosse encarado como influência na sociedade, por sua vez, os salários eram considerados baixos, principalmente aqueles que deveriam se deslocar da capital para o interior, onde se encontravam a maior deficiência do ensino.

Constatou-se que a deficiência no ensino deveu-se pelo alto índice de evasão escolar e as altas taxas de analfabetismo dos estudantes. Conseqüência da necessidade dos alunos optarem por postos de trabalho, dificuldade em adquirir utensílios e livros para os estudos, ocasionando uma nação com um grande número de pessoas que não sabiam ler e escrever. Esses fatores passaram a se tornar o enfoque das políticas governamentais, dos discursos nos meios de comunicação e nas reformas escolares. Este seria um grande desafio para o Governo que nas entrelinhas, necessitava de cidadãos com habilidades mínimas de escrita e leitura para exercer o poder do voto.

Traçando um comparativo entre os documentos oficiais (relatórios, leis e regulamentos) e a Imprensa de Educação e Ensino, percebemos que de um lado o governo estabelecia resoluções em se tratando de criações de escolas, reformas no ensino, contratação de professores, entre outras ações que tinham como objetivo garantir o acesso dos cidadãos as instituições escolares. Por outro lado, nos periódicos observamos discursos contrários, que na prática se limitavam em falar das dificuldades e das garantias do acesso pelos estudantes a um

ensino de qualidade, a quantidade e a insuficiência de professores para as turmas, a falta de escolas no interior do estado e as medidas tomadas em prol da organização dessas escolas, que por muitas vezes eram ineficazes, além das constantes queixas dessas instituições sobre a omissão do governo nas questões do ensino público.

No caso das escolas privadas, percebemos a falta de referências a essas instituições na legislação. O pouco que aparecia era sobre as regras de funcionamento dessas escolas e a falta do envio do mapa de frequências por parte dos diretores dessas instituições. A fiscalização e a regulamentação dessas escolas ficavam a cargo do governo do estado, sendo que para a criação desses estabelecimentos era necessário comunicar ao estado sobre a abertura dessas escolas e manter o envio constante das frequências atualizadas dos alunos. Outra dificuldade encontrada foi à falta de pesquisas destinadas a entender o ensino privado na Primeira República, assim como bem pouca a literatura encontrada referente a esse assunto, principalmente sobre o ensino primário das escolas privadas.

Percebe-se que a situação educacional no Brasil não se limitava na mudança de métodos, adoção de livros e inclusão dos menos favorecidos no processo de ensino-aprendizagem, seria necessário à reformulação das práticas escolares dentro e fora da sala de aula, mudanças na forma de pensar, do incentivo do governo e no seio familiar. Não bastava expandir a formação dos professores ou a criação de Escolas Normais, mas, fornecer condições necessárias para que esses profissionais pudessem atuar de forma digna no cotidiano escolar.

Ao estudar na *Imprensa de Educação e Ensino* os diferentes discursos e as mais variadas formas com que esses assuntos se apresentaram nesses jornais, percebeu-se uma maior presença dos textos escritos pelos professores. Isso se deve ao fato, primeiramente, da composição do corpo editorial desses jornais que por sua vez, controlavam os assuntos a serem divulgados. Em segundo lugar, devido ao aprofundamento de determinadas abordagens as relativas: os professores, o ensino, a adoção de métodos e ao analfabetismo.

Quando se tratava dos escritos feitos pelos alunos, estes se centravam mais em poemas e crônicas, que revelavam algumas de suas experiências escolares, como reclamações em torno dos castigos e a importância do livro e da leitura, composições estas que geralmente eram realizadas em sala de aula, onde os diretores consideravam importante a publicação dos escritos estudantis. Desse modo, percebeu-se que esses periódicos tinham como finalidade contribuir para o desenvolvendo do gosto pela leitura e escrita dos aprendizes, bem como, demonstrar aos pais a eficiência do método adotado nas escolas privadas, divulgando por meio dos jornais das Instituições escolares as atividades realizadas no interior da sala de aula.

Nessa perspectiva, as pesquisas referentes à história do livro e da leitura vem ganhando novos olhares e cada vez mais novos adeptos. Deixou-se de pensar em uma história centrada apenas nos conteúdos transmitidos, passando a observar o circuito de comunicação em sua completude, que ia desde a produção desses textos pelo autor, a sua circulação e consumo dessas materialidades culturais por parte dos leitores.

Por último, compreende-se que essa pesquisa deixa espaços e vácuos que esperamos que possam ser preenchidos por aqueles que se interessam por uma história do livro e da leitura. Como já diziam Block (2001) e Chartier (2010), a história é a ciência que estuda os homens no tempo, por isso talvez a importância que a pesquisa histórica adquire, a de permitir estudar o passado para se compreender o presente e as transformações pelas quais ele vem passando. Desse modo, compreender as medidas adotadas em relação a esses objetos desde o seu início nos permite entender as transformações pelas quais esses artefatos têm passado no decorrer do tempo e as medidas adotadas no processo de alfabetização das crianças e das camadas mais populares.

Sendo assim, os debates em torno das questões sobre o livro, a leitura, a educação e alfabetização se fazem presentes até hoje, que mesmo com a adoção de novas metodologias e tecnologias para as melhorias do ensino, ainda se prepondera as altas taxas de analfabetismo no país. De igual modo, as políticas adotadas pelo governo e pelos estados em prol do livro e da leitura devem levar em consideração as necessidades de cada região.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Clovis Dunshee. **A Boa Imprensa**: conferencia. São Paulo, 1919.
- ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____. Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BLOCK, Marc. **Apologia da história ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGES, Almiceia Larissa Diniz; SILVA, Diana Rocha da; MENDES, Marcio Jorge Souza. **Educação pública maranhense: um olhar sobre a instrução pública a partir de leis, decretos e regulamentos**. Congresso Brasileiro de História da Educação, 6., 2011. Vitória. Anais eletrônicos... Vitória: UFES, 2011. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/index.htm?>. Acesso em: 20 de abril de 2017.
- BRAGA, Fátima de Almeida. **Livros, folhetos, jornais, calendários e folhinhas, tudo à venda na botica de Padre Tezinho: práticas sociais e práticas de leitura nos anúncios dos jornais do século XIX (1820-1831)**. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- CALKINS, Norman Allison. **Primeiras lições de coisas**: manual de ensino elementar para uso dos paes e professores. Vertido da quadregésima edição e adoptado as condições do nosso idioma e paizes que o fallam pelo Conselheiro Ruy Barbosa. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1886.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações: objeto ou fonte da História? Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov. 2012.**
- CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. **Imprensa Pedagógica e Formação Contínua de Professores Primários (1815-1939)**. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena

Camara. (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. Pierre et all. **La Presse d'éducation et d'enseignement XVIII - 1940**. Tomel A-C. INRP, Edition du CNRS, 1981.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velazquez. **Práticas leitoras no Maranhão na Primeira República: entre apropriações e representações**. São Luís: EDUFMA, 2010

_____. **O livro escolar no Maranhão Império: produção, circulação e prescrições**. 2012. 450 f. Tese (Doutorado em Educação escolar) – Programa de Pós-graduação em Educação escolar, Universidade Estadual de São Paulo, 2012.

CASTRO, Cesar Augusto Castro. Um jornal dedicado á indústria e às artes no Maranhão Império. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 1, p. 61- 69, jan./jun, 2011.

CATANI, A. M.; CATANI, Denice Barbara ; SOUSA, C. P. **Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996)**. São Paulo: Plêiade/FINEP, 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autênticat editora, 2010.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. 11 (5), 1991.

_____. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosario Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. (Orgs.). **História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da. Impresso e cultura escolar: a formação dos leitores e a composição de espaços públicos. In: CASTRO, Cesar Augusto. (Org.). **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luís: EDUFMA, 2010.

COSTA, Odaléia Alves da. **O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861-1881)**. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, São Paulo, 2013.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Censores em ação: como os estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. **Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil** In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: UNESP, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos.** **Revista Escritos**, Ano 5, n. 5, 2011

_____. Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. **O livro e o impresso: interpretações do Brasil.** In: COUTINHO, Eduardo Granja; GONÇALVES, Márcio Souza. (Orgs.). **Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

FRADE, Isabel C. A. da S. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais.** **Educação.** Santa Maria, v. 32 - n. 01, p. 21-40, 2007.

FREIRE, Eduardo Nunes. **O design no jornal impresso diário.** Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos.** In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III: século XX. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FURTADO, Luciana Nathalia Moraes. **A imprensa estudantil liceísta na Primeira República (1907-1930).** Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

HÉRBRAND, Jean. **O autodidatismo exemplar: como Valetin Jamerey-Duval aprendeu a ler?** In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural.** In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **O método de ensino da leitura e da escrita concretizado no método Lição de Coisas.** **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 103-120, jan.-mar. 2011.
JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico.** Tradução de Gizele de Souza. **Revista brasileira de história da educação**, n. 1 jan./jun. 2001.

KIELING, Camila Garcia. A noção de dispositivo e o enquadramento da imprensa oitocentista. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 37, n. I, jan./jun. 2014.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LACERDA, Lilian Maria. TÍTULO. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Porto Alegre: trabalho apresentado no 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

LE GOFF. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARANHÃO. **Discurso que recitou o exm. snr. Manoel Felisardo de Sousa e Mello, presidente desta provincia, na occazião da abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 3 de mayo do corrente anno**. Maranhão, Typ. de I.J. Ferreira, 1839.

_____. **Mensagem apresentada ao Congresso do Estado em 11 de fevereiro de 1903 pelo Exm.º Sr. Coronel Alexandre Collares Moreira Junior**. Maranhão, 1903.

_____. **Mensagem apresentada ao Congresso do Estado em 16 de fevereiro de 1905 pelo Exm.º Sr. Coronel Alexandre Collares Moreira Junior**. Maranhão, 1903.

_____. **Regulamento da Instrução Publica do Maranhão**. Maranhão, Typ. Dos Frias, 1893.

MARTÍNEZ, Silvia Alicia; BOYNARD, Maria Amelia de Almeida Pinto. **Uso da imprensa periódica como estratégia de divulgação e reivindicação de novas práticas de escrita no estado do rio de janeiro. Campos, 1914-1915**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8710/8710.PDF>

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre a história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2006.

MOREL, MARCO. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Brasília: Seminário Alfabetização e letramento em debate 27 de abril de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, Antônio. **A imprensa de educação e ensino**: repertório analítico (séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

_____. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da Educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, José Gonçalves. (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NUNES, Iran de Maria Leitão. Vida e formação de professores: os primórdios da formação de educadores maristas para atuação no Colégio “São Francisco de Paula”. In: CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez; FELGUEIRAS, Margarida Louro. (Org.). **Escritos de história da educação**: Brasil e Portugal. São Luís: Café & Lápis, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III: século XX. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.

RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

SALOMÃO, Kathia. **O ensino de música no Maranhão**: lugares, práticas e livros escolares. São Luis: EDUFMA, 2015.

SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, Jose Carlos Souza. (Orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo** [online]. 2009, vol.13, n.26, pp.32-55.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão (1820-1880)**. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883.

SILVA, Jeferson Rodrigo da. Livro didático como documento histórico: possibilidades, questões e limites de abordagem. **Revista de Teoria da História**, Ano 2, Número 5, junho/2011

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, julho/1999.

SOUZA, Rosa Fátima. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy. (Org.). **Culturas escolares e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: UNESP, 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007, p. 230.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: FARIA, Luciano Mendes Filho, LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cyntia Greive. (Orgs.). **500 Anos De Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. SCHWARTZ, Cleonara Maria. Sobre cultura escolar e história da educação: questões para debate. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: SBHE/EDUFES, 2010.

Villalta, Luiz Carlos. **Reformismo Ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. Tese (Doutorado em História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

FONTES DOCUMENTAIS

A ESCOLA. Colégio 15 de novembro. São Luís, ano. 1, n. 1, 10 de março de 1902.

_____. Instituto Amor às Letras. São Luís, ano 1, n. 2, 09 de setembro de 1905.

_____. São Luís, ano. 1, n. 1, 9 de outubro de 1909.

_____. Órgão do Externato Codoense. Codó, 1918-1920.

_____. Órgão da Escola Normal Primária. São Luís, 1923.

_____. Caxias, 1928-1929.

AMOR AS LETTRAS. Instituto Amor ás Letras. São Luís, ano 1, n. 1, 08 de agosto de 1905.

EXCELSIOR, São Luís, 1914.

LABARO, São Luís, 1929.

LABOR. Colégio S. Francisco de Paula. São Luís, ano 1, n. 1, 30 de Março de 1913.

VIDA ESCOLAR. Instituto Renascença. Carolina, 1932.

PHILOLITERA. Collegio Norte do Brasil. Picos, 1906.

APÊNDICES

APENDICE A – Movimento das categorias

CATEGORIAS	A ESCOLA (1902)	A ESCOLA (1909)	A ESCOLA (1918)	VIDA ESCOLAR (1932)
IMPORTÂNCIA DO LIVRO E DA LEITURA	X		X	X
RELAÇÃO LIVRO/ PROFESSOR		X		X
EMPRÉSTIMO DE LIVROS				X
MATERIAL ESCOLAR	X	X	X	X
MÉTODOS DE ENSINO DA LEITURA	X	X	X	
CRÍTICA A OBRA LITERÁRIA				X
ANÚNCIO DE LIVROS	X		X	
IMPrensa E LEITURA				X
LIVROS ADOTADOS		X		X
INDICAÇÃO DE OBRAS			X	X
COMBATE AO ANALFABETISMO			X	X

APENDICE B – Fichas descritivas com as notícias

NOME DO JORNAL/PREÇO /PERIODICIDADE	PAGINA	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
A ESCOLA (1902)				
A Escola/ n. 1/ 10/03/1902	p. 1	A escola primaria	Ensino Primário/ Métodos de ensino	<p>E este um dos pontos para o qual chamamos muito a atenção dos poderes constituídos e bem assim dos exms. srs. pais de família que zelam pela educação de seus filhos. Não é só em nosso Maranhão, é geral em nosso paiz essa fantasia que reina na instrucção da mocidade e especialmente na instrucção primaria, onde os prejuízos são consideravelmente maiores. Quantos moços sahem das escolas primarias e não podem mais frequentar casas de ensino?! Se não receberem na escola primaria um pouco de instrucção solida e segura, estão incapazes de exercer qualquer emprego, por mais elementares que sejam os conhecimentos exigidos. E com experiencia e com pesar que escrevo estas linhas, por ver como são iludidos os pais que confiam seus filhos a uma casa de ensino publico ou mesmo particular com raras excepções. O objetivo actual é apenas um efeito surpreendente para o momento dos exames, em que é dado aos pais e interessados ajuisar do aproveitamento de seus filhos ou tutelados. A nossa maneira de pensar é franca e em nossas linhas escriptas pode se ler a expressão da verdade e do sentimento que reina em nossos corações. <u>Sahe um menino de uma escola primaria com o seu certificado de exame:- um camões debaixo do braço, uma grammatica de 3.º anno de J. Ribeiro, uma</u></p>

				<p><u>aritmética de Serrasqueiro e outros livros de curso superior, á vista dos quaes a nossa primeira impressão é de estar muito desenvolvida a instrucção em nosso terra. Mas, terrível desilusão! Tudo tranquilo é mera fantasia! E, sabeis qual é a realidade? Eil-a:- a creança não sabe ler direito e mal escreve. Não sabe somar nem diminuir.</u></p> <p>No Rio de Janeiro, não ha muito tempo, tivemos ocasião de apreciar os exames de um dos mais afamados collegios e eis o que vimos em um exame de geographia: Uma menina de oito anos desenhar num quadro preto o nosso Estado do Maranhão. Satisfeito com tal exhibição fui cumprimental-a, com permissão da diretora, e procurei conversar com a menina sobre outros estados do Brazil; mas, sempre a mesma fantasia:- ella só tinha preparado o Maranhão para o exame.</p> <p><u>São estas as primeiras verdades que apresento hoje aos nossos leitores, almejando que ellas sejam lidas com o verdadeiro interesse que deve haver em matéria de educação. Certos de que sem instrucção não haverá progresso e sem progresso voltaremos a barbárie.</u></p> <p style="text-align: right;">Palmatoria.</p>
	p. 1	A instrucção primaria entres nós	Ensino Primário	<p>Agasalhado n'estas columnas resolvestes sahir por um momento da nossa penumbra e tentar escrever uma serie de considerações sobre o momentoso assumpto da instrucção primaria, não temos outra pretensão <u>sinão a de sermos útil ao nosso torrão e concorrermos na medida</u></p>

				<p><u>das nossas forças para a formação e desenvolvimento da intellectualidade das creancinhas maranhenses que são os futuros continuadores das nossas honrosas tradições intellectuaes.</u></p> <p>Desde que, ha doze annos, nos dedicamos ao magisterio, temos observado que a instrucção primaria do nosso Estado tem sido deploravelmente descurada quer pelos Governos, encarregados de creal-a e mantel-a, que pelos encarregados de difundil-a, quer mesmo pelos paes e mais interessados pelas crianças.</p> <p>Na capital onde a vista dos governos, esta mais próxima dos interesses da collectividade e deveria por isso cuidar-se mais seriamente a instrucção, aqui mesmo este ramo do publico serviço tem sido collocado em plano inferior, contrariamente ao que acontece em outros Estados da Republica.</p> <p>Tendo desaparecido os concursos públicos, que, para nós, constituíam, quando honestamente realizados, o melhor e o mais seguro meio de aproveitar aptidões para o magisterio – creouse a Escola Normal para, como nos outros Estados, preparar futuros preceptores da mocidade, nos primeiros passos d’esta na senda da instrucção.</p> <p>Nada mais benefico nem mais proveitoso.</p> <p>Mas este instituto não tem, infelizmente, desde a sua criação até agora, produsido os fructos desejados, porque os professores diplomados, na sua maioria senhoras não tem querido aceitar cadeiras no interior do nosso Estado, onde, como é obvio mais necessário é a instrucção primaria, preferindo as que não são aproveitadas para as cadeiras da Capital, ficar em completa inacção. Alem disso sendo nullo o numero dos professores normalistas do sexo masculino, não podem ser providas as escolas d’este sexo no interior por professores habilitados. E este</p>
--	--	--	--	---

			<p>facto é devido, pensamos, á diminuta remuneração consignada por lei a esses professores habilitados, que bem merecem uma recompensa compatível com o grande papel que lhe é confiado.</p> <p><u>O Governo do Estado, n'estes últimos tempos, procurando diffundir e melhorar a nossa instrucção primaria, creou aqui na capital grande numero de escolas providas de professores e adjunctas com grande peso para os cofres de erario mas sem nenhum proveito para a infância, porque esses estabelecimentos faltos de aparelhos, moveis e utensílios próprios e até de casa – não passam das velhas escolas outr'ora. Assim a boa e louvável intenção do Governo vae sendo em pura perda.</u> Melhor fora reduzir o numero de escolas e com producto da consequente <u>economia melhorar o material didatico das restantes</u>, assistindo a tudo isso grande criterio na escolha dos professores e só tendo em vista o preparo e sobretudo a dedicação d'elles.</p> <p>A criação da Escola Modelo, - si ella fosse o que realmente deve ser, seria um grande passo a favor da Instrucção Primaria. O benemerito maranhense, que a idealizou e creou, não contava certamente com a exiguidade dos nossos recursos financeiros, e pena é, na verdade, que tão proveitoso tentamen não seja ainda uma realidade.</p> <p>Estamos profundamente convencidos de que não é a nossa Escola Normal a que nos ha de dar professores para a Escola Modelo; elles ainda deverão ser feitos; antes disso a Escola Modelo apenas será o nome d'um maranhense que ama a instrucção de sua terra mas que muito ainda precisa fazer por ella.</p> <p>Outro facto que corrobóra a nossa primeira asserção, isto é, que os Governos têm descurado da nossa instrucção primaria, é o que se</p>
--	--	--	--

				<p>observa diariamente no provimento de cadeiras do interior, recahindo a escolha, em regra, em um amigo politico e eleitoral, ou n'uma filha, neta ou parenta do chefe local, ás mais das vezes sem a instrucção mais rudimentar. E' uma lastima então verem-se essas pseudo-escolas primarias transformadas em patíbulo da língua, do methodo e, mais ainda, da intelligencia das pobres criancinhas. Não é só a incompetência: a maior parte das nossas escolas do interior prima pela falta de frequência, motivado pelos professores que, não comparecendo durante semanas, quinzenas e até mezes inteiros á aula obtém, comtudo, o attestado de frequência, documento mentiroso e falso que lhes faculta receberem deshonestamente os vencimentos do Thesouro exhausto.</p> <p>Se quiséssemos enumerar todas as faltas dos Governos contra á nossa instrucção primaria, apontal-as-íamos innumeras, porem as mais graves ahi ficam; para o nosso fim basta por enquanto.</p> <p>A seguir.</p> <p style="text-align: right;">A.</p>
	p. 3	Os livros	Importância dos livros	<p>São os livros os melhores amigos que podemos encontrar.</p> <p>Nunca nos dão desgostos; jámais nos torturam o espírito; pelo contrario – amenizam-nos nas suas horas amargas; distraem-nos nos seus momentos de enfado, instruindo-o, deleitando-o e desenvolvendo-o.</p> <p>A intelligencia ficaria quase em embrião se não fossem elles.</p> <p>Perguntassem ao grande escriptor Victor Hugo quês eram os seus mais assiduos companheiros, e o auctor dos Miseraveis e da Notre Dame de Paris apontaria para as suas estantes pejadas de livros.</p> <p>Perguntassem ao estimado historiador e romancista Chateaubriand pelos</p>

			<p>seus convivas, e o auctor do Genio do Christianismo e da Historia de França, reponderia que estavam reunidos no conjuncto aonde se acham impressos o pensamento, o estudo e as investigações scientificas dos grandes lidadores da Penna.</p> <p>Iguaes respostas obteriam de Lamartine, de Larousse, do immortal épico portuguez, de Herculano, de Castilho, de Garret, de Camillo e de tantos outros que nos legaram e estão legando tantas obras primas, em sciencia, em litteratura, em historia, em poesia, etc., etc.</p> <p>Quem se dedicar á leitura não pode ter conhecimento da ociosidade, mãe e origem de tantos vícios de que a fragil humanidade não é isenta.</p> <p><u>Ai de nós se abandonássemos os livros e a leitura: pouco mais nos ficaria do que a significação d'essa palavra, que devemos ignorar, ou, pelo menos não a seguir, para lhe não soffrermos as consequencias: contrariedades, desgostos e perturbações de espírito!...</u></p> <p>Leiamos todos, aproveitando as horas que nos fiquem livres das nossas occupações, na leitura de bons livros, e nunca teremos motivos para nos arrependermos de tal disposição.</p> <p>Não nos iludamos com a ideia de julgar que, pelo facto de termos concluido as nossas carreiras litterarias, estamos completamente instruidos: não: ficamos habilitado a estudar, nada mais.</p> <p>Para o fazermos, precisamos de ler e ler muito, seguindo os progressos da sciencia, que não para.</p> <p>Só assim podemos estar a par d'ella avalial-a, possuil-a e pela em pratica.</p>
--	--	--	--

				<p>Tenhamos confiança nos amigos pessoas que se nos mostrem leaes, dedicados e sinceros; estimemol-os como taes; porem, acima d'estes, acima de todos – estão outros muito mais certos, muito mais desinteressados: são os livros.</p> <p style="text-align: right;">Visconde de S. Bento.</p>
	p. 4	As consequencias do jogo (possui fotografia)	Aprendizagens fora do contexto escolar	<p style="text-align: center;">As consequencias do jogo</p> <p style="text-align: center;">Nossa gravura</p> <p>E' a vós especialmente, creanças, que eu dirijo estas linhas. A vós, que nas escolas, ao lado das grandes virtudes, aprendeis, entre os máos companheiros, toda a sorte de vicios e de máos costumes, encubados á vista dos mestres por mais zelosos que estes sejam, e tambem de vossos pais mais desvelados possiveis.</p> <p>Mesmo, não recebeis a instrucção somente nas escolas, ella está nos factos da vida e nas suas consequencias, onde, grandes ensinamentos podemos colher.</p> <p>Accaso já pensastes quantos desgostos, quanta amargura, quanto arrependimento, quantos filhos sem pai, mortos a fome, quantas esposas perderam os seus maridos e quantas mães seus filhos amados em consequencias. E sabeis mais meus amiguinhos; o jogo, tem como companheiro inseparavel e outro tanto damninho, - a bebida.</p> <p>Quem joga, bebe, fuma e emfim adquire, num só vicios, outros tão terriveis que, reunidos, tomam de um homem puro, um assassino, um monstro.</p> <p>Evitai-o, fugi-lhe como se foge da panthera e do repetil mais asqueroso e</p>

				<p>nojento.</p> <p>Elle é a desgraça que nos entra pelas portas cerradas, sem pejo, surrateiramente, sem uma explicação plausível. Fugi-lhe, e onde souberdes que o ha, as escondidas, denunciais bem alto para que todos saibam e possam assim também evitar o mal. <u>Terminando estas ligeiras linhas, que traduzem o asco que me inspira tão orripilante vicio, lembro aos meus amiguinhos, as creanças, que tenham sempre em lembrança ou a vista a nossa gravura, para que com essa scena tocante e verdadeiramente emocionante, possais colher mais do que as minhas proprias phrases vos pode ensinar. Trazei-a sempre a vista, em vossa mesa de estudo, ou pregada a capa de um dos vossos livros de instrucção com o qual estejais sempre em contacto.</u></p> <p style="text-align: right;">B.M.</p>
	p. 4	Lamentação	Castigos	<p>Esta vida é de mais trabalhosa, E preciso me é trabalhar; Sete annos, apenas, eu conto, Desde agora começo a lutar.</p> <p style="text-align: center;"><u>Se as lições não as levo sabidas,</u> <u>O meu mestre me quer castigar;</u> <u>Oh que luta, meu Deus, que trabalhamos,</u> <u>Já, tão cedo, começo a lutar!</u></p>

				O Adhemar da 4ª
	p. 4	Croniquetita	Critica ao ensino moderno	<p>Os meus sinceros cumprimentos aos amaveis leitores d'«A Escola»>. Certamente estranharão esta minha mania de cumprimentar a todo o mundo. E' que eu desejo me tornar popular e esse é um dos bons meios. Bôa tarde! Bom dia! Bôa noite! Como está? Como passou? - Os risos sempre nos labios e todo delicadezas, eis o que eu sou e como me apresento aos amaveis leitores.</p> <p>Tenho uma bôa qualidade, toda vez que julgar-me cacête, terei a franquesa de declaral-o, sou muito consciencioso. Por hoje, isto é, como estréa, vou ferir um assumpto que muito merece a attenção dos poderes constituídos de nosso Estado. <u>Sempre o Maranhão gosou de um nome respeitado nas lettras e é por isso que, um desleixo inqualificavel. Retiro-me á essa phantasia que hoje predomina na instrucção, de tal modo, que faz pasmar aos que mesmo pouco assoletram.</u> Vejamos o que levou-me a assim pensar, sem comtudo tencionar offender a quem quer que seja, e sim fallar de um modo todo impressionista, isto é, de accordo com o que os factos demonstram. Um sr. F., matriculou seu filho em um collegio, e lá um dia repara que o pequeno nada adiantava; tirando-o d'aquelle, collocou-o n'outro e... qual historias, nada do pequeno aproveitar.</p> <p><u>Vai a um terceiro, ao quarto e finalmente cansado de tanto percorrer collegios deixou-o no quinto.</u></p> <p><u>Que quinto? De infantaria? Não! Quinto colegio. Pois bem, ahi o pequeno parou quatro annos e fez muitos preparatorios. Uma noite, chama-lhe o pai para lêr os jornaes do dia pois o velho já muito mal enchergava... <<Então, porque encalhas ahi na leitura?</u></p>

				<p><u>Desembucha rapaz!>> <<E' que... papai... este numero é muito grande... e... eu... não acerto!>> <<Então meu tratante! E foi para isso que gastei tanto dinheiro?!>> <<Quatro annos n'uma escola e não saber ler um numero?>> << E... que... pelo ensino moderno, papai... estas cousas não se aprendem!>></u></p> <p><u><<Diabo leve o tal modernismo! Não te mando mais ensinar, estou farto de sandices. Como está este paiz, até na instrucção ha também - A crise?!>></u></p> <p style="text-align: right;">Calladinho.</p>
	p. 7	Grammatica	Métodos de ensino/ Gramatica	<p>Continuamos com esta secção muito aproveitavel a mocidade. Estes exercicios são em grande parte extrahidos das lições do professor Vilhena Alvez, publicados na utilissima revista paraense <<A Escola>>.</p> <p style="text-align: center;"><<SER>> POR <<ESTAR>></p> <p>A's vezes usa-se elegantemente do verbo <i>ser</i> por <i>estar</i> exemplos:</p> <p><<Dizia-lhe que brevemente <i>seria</i> com elles>>. (Alexandre Herculano). Isto é: estaria com elles.</p> <p><<<i>Eramos</i> cêrca do famoso cabo...>> (Garret.)</p> <p>Isto é: <i>estavamos</i>.</p> <p><<Os homens da justiça, que eram presentes, intervieram>> (Camillo Castello Branco). Isto é: que <i>estavam</i> presentes.</p>

				<p style="text-align: center;">LAGARTO, ETC.</p> <p>O vulgo adoptou, nesta palavra, uma transposição errada de sons. E' assim que, em vez de <i>lagarto</i>, diz <i>largato</i>, passando o r da segunda syllaba para a primeira.</p> <p>Da mesma forma são alterados, ou antes deturpados, os seguintes vocabulos:</p> <p style="text-align: center;">CORRETOS (DIVIDIR EM COLUNAS)</p> <p>Espadarte Rosario Dormir Crocodilo Prohibir Pederneira Preciso Prateleira Procissão</p>
--	--	--	--	---

				<p>ERRADOS</p> <p>Espardate</p> <p>Rosairo</p> <p>Dromir</p> <p>Corcodilo</p> <p>Porhibir</p> <p>Pedreneira</p> <p>Perciso</p> <p>Parteleira</p> <p>Porcissão</p> <p style="text-align: center;">ALMARIO E ARMARIO</p> <p>Esta palavra é geralmente alterada pelo povo. A palavra certa é <i>armario</i> e não <i>almario</i>.</p> <p style="text-align: center;">VELODROMO E VELÓDROMO</p> <p>A palavra é <i>Velódromo</i> e não <i>Velodrómo</i>.</p>
--	--	--	--	---

				Para isso recommendamos o dicionario de Candido Figueiredo.
		De Palanque	Importância da Imprensa	<p>O nosso distincto professor teve uma idea feliz, muito feliz mesmo, quando fundou o collegio <<15 de Novembro>>, fez deste e dos alumnos uma classe social e como tal creou-lhe como o meio transmissor da idea em evolução um jornal.</p> <p>A' este deu um bonito nome chamou-lhe <<A Escola>>.</p> <p>Mudando a séde do Collegio de Manãos para esta Capital, para cá trouxe tambem o jornal como parte integrante de todo o collegio.</p> <p><u>Convidou-nos aqui para escrever na <<Escola>>; agora verás nós os pandegos pirralhos, ao lado dos grandes litteratos da terra, é como si dissessemos um bando de pigmens ao lado de uma pleiade de illustres gigantes.</u></p> <p>Cá por mim, creio que dou conta... do recado, já se vê, e os leitores verão então que a estreia do Adhemar Mello não desmentirá em nada o prestigio litterario das subseqentes publicações que desde já fica a meu cargo nesta secção- De palanque.</p> <p>Agora mesmo é tempo de piquy, e como cada qual deve neste tempo cuidar de si, eu estou dispondo as cousas para a minha viagem ao paiz da litteratura e das artes.</p> <p>Não sei o que farão os meus collegas o Aristides e o Joaquim Lins, nem o Rubem Rocha, nem o Oswaldo Perdigão, nem o Hamilcar Silva, nem o Dukla de Lima, nem o Lucidio Lima, nem o João de Barros, nem o Gregorio Pinheiro, nem o Mario Lopes, e tão pouco o José Souto e nem os outros cujo nome não me lembro.</p>

			<p>Não sei o que elles farão com o honroso convite do nosso distincto professor. Cá por mim, menino sério, prometti ao distincto preceptor da mocidade da minha patria, que eu havia de collaborar na <<Escola>> em todos os numeros e, como filho de peixe é peixinho, eu zás criei logo esta secção. De palanque - para palestrar nella com os meus collegas e com os... meus leitores.</p> <p>Papae, está satisfeito commigo porque quando lhe fui communicar a idea feliz do nosso querido Mestre e a minha resolução em vista do convite elle disse-me:</p> <p><u>- Vê lá o que vaes fazer Adhemar... isto de escrever para a imprensa, embora imprensa infantil, é cousa muito seria.</u></p> <p>Pois bem, Papae, eu escrevo... depois mostro-lhe o artigo... si não estiver direito papai me faz o favor de corrigir... sim?</p> <p>- Pois não, com muito gosto... mesmo porque este é meio um bello estímulo para tu e teus colegas se exercitarem no estudo... O Benjamin não podia ter sido mais feliz na idéia!...</p> <p>Dizendo isto papae separou-se de mim. Elle foi para a repartição e eu vim direitinho para o collegio...</p> <p>Eu estou certo que hei de dar sortes... fazer um figurão porque tanto o Collegio como a propria <<Escola>> (jornal) offerecem campo vasto a livre expansão do meu pensamento!... E' certo que a idea não será tão bem trabalhada na acanhada cerebração de uns onze annos de idade... mas, como <<Roma não se fez n'um dia,>> a medida que eu for crescendo irei estrada a fóra cultivando o meu espirito e produzindo nesse jornal e em outros que surgirem na arena jornalística desta boa terra.</p>
--	--	--	--

				E até breve. Adhemar Mello.
A ESCOLA (1909)				
Anno I, n.1, 09/10/1909.	p. 2	O Ensino Moderno	Critica aos métodos de leitura	<p>Para bem se compreender <u>as vantagens do ensino moderno, é necessario um lijeiro retrospecto sobre o que se faz á antiga.</u></p> <p>Como não ignoramos nós e todos os que, como nós, <u>aprenderam sob o influxo da escola velha, para a creança começar aprender a ler, metia-se-lhe nas mãos a carta de A B C, o peor dos metodos para se principiar a ler, como classifica a moderna pedagogia.</u></p> <p>Nenhum desses ignora o que é esta carta: um folhêto sem atrativo algum para creança, o qual, si alguma couza opera, nada mais faz que aborrecer o principiante e levar este por sua vez a aborrever o livro.</p> <p>Porisso é que tem havido creanças e ha delas onde ainda está em voga a carta de A B C, que passaram mezes e mezes, todos os dias a carta ás mãos, rasgaram uma e mais cartas e muito custaram a dar os primeiros passos em leitura.</p> <p>Rarissimas exceções houve de mestres que suavizaram a crueldade do método referido, os ques, sinão todos, eram quazi todos, pais e mãis, que iniciavam os tenros filhos nos primeiros rudimentos, e por tal motivo essas mesmas creanças não foram perras para ler.</p> <p>Para se aprender o cacclulo vinha folhêto a taboada, irmã gêmea da carta de A B C, que a seu turno produzia no dominio do numero estrago identico ao do A B C na arte de ler.</p> <p>Quanto á escrita, jamais saiu da escola uma creança que soubesse redijir</p>

			<p>duas linhas, e os alunos mais adiantados sabiam apenas copiar.</p> <p>E quanto ao mais, tudo era trabalho fatigante de memória, que os alunos executavam inconscientemente.</p> <p>E acima de tudo a austeridade do professor ou professora, com muitíssimo raras exceções, cada qual era tido. por tanto melhor, quanto mais severo</p> <p>se mostrava para com o aluno.</p> <p>Eis-aí o que era a escola antiga.</p> <p>Hoje tudo se deve passar de outra maneira: <u>em vez de um folheto sem gosto algum para a criança, deve-se-lhe dar um livro de agradável aspecto, de figuras que ela gosta de ver,</u> de</p> <p>texto que não enfastia, já pela sua extensão, já pelo tamanho da letra, já pelo assunto, que é propriamente infantil;</p> <p>em lugar de uma taboada nas condições daquela a que já nos referimos, - <u>um livro atraente como o de leitura, onde se cultivam a observação e o raciocínio infantis,</u> tornando assim os primeiros passos em número um poderoso meio de cultura mental da criança; e o cálculo, que a tanta gente bôa enfastia e parece tão inextricável, - uma das disciplinas mais agradáveis para o aluno e que pode ficar melhor conhecendo e, mais que qualquer outra. lhe prepara o espírito para fazer sem dificuldade estudos que vierem depois;</p> <p>em vez de uma escrita que começava no a (italico) e seguia invariavelmente a ordem alfabética, - a que principia na letra mais</p>
--	--	--	---

				<p>simples -i, e prosegue daí por diante, graduadas as dificuldades.</p> <p>A escrita para as classes mais adiantadas não mais se limitará a copia, mas deve chegar até á redação incluzive, e a copia de um ditado não ha de mais restrinjr-se á grafia das palavras lidas, porém será um trabalho completo, onde o aluno tem de revelar que não somente sabe ortografar as palavras mas ainda aplicar as notações sintaticas sem o auxilio do mestre.</p> <p>Em lugar de uma sobrecarga de exercicios esterilizadores da memoria dos fatos - ha de encontrar a creança uma fonte inesgotavel de exercicios de elocução, que a preparação para exprimir-se com linguagem sua.</p> <p>E vai mais alem, instruindo-se sobre outras couzas para enfrentar melhor o combate da vida, taes como:</p> <p>a geografia, que não mais deve consistir unicamente numa enumeração monotoma de termos geographicos;</p> <p>o reino animal, o vejetal e o mineral;</p> <p>um pouco de siencia experimental, muzica, dezenho, instrucção civica e moral, que lhe fará conhecer os deveres a cumprir para com a Familia, a Escola e a Patria.</p> <p>E assim instruida na escola primaria habilitada ha de ficar para tudo: a pobre para começar a ajir melhor na luta pela existencia; aquela á qual a sorte for mais favoravel, para prosseguir sem embaraço nos estudos subsequentes.</p> <p style="text-align: right;">(A seguir).</p>
	p. 3	O Professor Normalista e o	Importância do Professor/ Falta	Tendo dito no principio que <<A Escola>> viza auxiliar a propaganda do ensino moderno, é natural procurarmos falar neste sentido com

		Ensino	de materiais de leitura	<p>aqueles que devem operar <i>diretamente</i> a reforma do ensino entre nós - <i>os professores normalistas</i>.</p> <p>De direito e de fato são as m^oças e m^os diplomados pela Escola Normal, - a quem incumbe implantar no Estado os modernos métodos de ensino.</p> <p>E' de direito, porque eles cursaram um estabelecimento, onde é presumível, beberam conhecimentos que lhes permitem prepararem-se para exercer a nobre missão de professor primario, e tambem porque a lei lhes deu esse direito; resta somente que o sejam de fato.</p> <p>Só isto basta a quem refletir um pouco nos meios de que dispomos e nos de que carecemos para conseguir uma b^oa instrução, para prever quanto é difícil o desempenho do encargo de professor normalista.</p> <p>Com efeito, si a este incumbisse tão somente a implantação do método de ensino, não seria pouco, porem a tarefa não lhe seria difícil; mas atualmente não é só isso que tem a fazer - <i>êle tem ainda a procurar lições praticas dos modernos métodos para as experimentar</i>.</p> <p>E aonde vai êle buscal-as?</p> <p><u>A nossa literatura escolar é muito pobre para lhe ministrar o de que êle precisa e, com poucas exceções, o que tem, está carecendo de uma b^oa revizão.</u></p> <p><u>E', pois, concludente que o professor terá que rebuscar as suas lições em livros estrangeiros, onde a instrução estiver aprimorada, e para isso lhe é indispensavel tornar-se familiar aos indiommas em que taes livros foram escritos.</u></p> <p><u>Já se vê que o conhecimento das linguas estrangeiras mais faladas</u></p>
--	--	--------	-------------------------	---

			<p><u>não é atualmente uma simples exigencia para o professor mirando somente a ilustração deste - é uma necessidade pratica, saber sem o qual não pode alargar a esfera dos conhecimentos obtidos durante o seu curso.</u></p> <p><u>Entre nós é exigido o francez ao professor normalista; porem não lhe é bastante: ha bons livros em francez, mas os ha melhores em inglez.</u></p> <p><u>Esta lingua é de hoje necessidade imprecindivel para o professor, porque muitas e muitissimo boas são as obras escritas nela - livros uzados por um povo essencialmente pratico mas que não segue a pratica rude - a que torna servil o espirito, mas a pratica em que o individuo tem a consciencia das construções mentaes que realiza - essa que devemos procurar para nós.</u></p> <p><u>Ha tambem muito bons compendios em hespanhol, que poem ser lidos com muita facilidade mesmo por quem não estudou a lingua, mas entende o portuguez, dada a semelhança das palavras nos dois indiomias.</u></p> <p>Não se suponha não quereremos acreditar na instrução que recebeu o normalista; não damos a entender tal e logo havemos de mostrar quanto vale o que cada um conseguiu á custa de seu trabalho. <u>O que deixamos compreender e não se pode negar, é que o norma lista diplomado, em vista da pobreza da nossa literatura escolar, ainda terá não pequeno trabalho no seu gabinete de estudo para ministrar o ensino verdadeiramente moderno.</u></p> <p>O mesmo se dá com outros diplomados. Pelo fato de terem saido de uma escola superior deixarão de estudar, embora tenham obtido as melhores</p>
--	--	--	---

				<p>aprovações?</p> <p>E, si acazo precisarem de estudar em livros escritos em lingua que lhes não foi exigida, quando preparatorianos, não procurando êis saber um pouco desse idioma, quando dezejam acompanhar o progresso da carreira que escolheram?</p> <p style="text-align: right;">(A seguir)</p>
	p. 4	Lingua Materna	<p>- Metodos de leitura</p> <p>- Critica sobre o ensino da Leitura</p>	<p style="text-align: center;">LEITURA</p> <p>Não começamos ainda hoje a tratar da parte mais delicada do assunto, porque precisamos de espaço e tempo para outra que no momento atual urje mais: queremos referir-nos á leitura da classe que já lê sem o auxilio do mestre.</p> <p>Quando os alunos atinjem a este ponto, o professor passa com antecedencia a lição, como se sabe, e quazi sempre não pequena, no intuito de todos poderem ler sem repetir ou sem muito repetir o texto.</p> <p>Quanto á estensão deste somos de parecer que não deve ser tamanha pelas razões que passamos a dar.</p> <p>Primeiro vejamos o principio em que ora se apoia o exercicio de leitura, pois o mais decorrerá dêle:</p> <p><i>Os exercicios de leitura devem estar em intima relação com os de linguagem.</i></p> <p>Com efeito, depois que a creança adquiriu o habito de ler corrente, para que mais leitura diaria ou alternada, si não se tivesse em mira alcançar outro ponto mais elevado ainda?</p> <p>Do principio acima exposto resulta como consequencia lojica este outro:</p>

				<p>A leitura deve ser inteligente.</p> <p>Para que a classe entenda o texto; não deve ignorar os sentidos das palavras que nele encontra - couzas que a experiencia e a vontade de bem cumprir o seu dever, sugerem ao mestre para interrogar os alunos sobre elas, afim de verificar si as conhecem ou não.</p> <p>Posto isso, para se tirar da leitura todo o proveito para a linguagem, ha de o professor chamar a atenção da turma para as diversas variantes de expressão do mesmo pensamento, ensinando-lhes ao mesmo tempo o melhor; para as imajens de que se serviro autor; finalmente, para alguma falta que, por ventura, haja no texto, pois não é raro encontrarmos isso nos livros.</p> <p>Deve mais o professor examinar com o aluno o emprego das notações sintaticas, feito pelo autor, pois um tal exercicio contribue muito para o aluno se assegurar da aplicação das regras de pontuação.</p> <p>Executada assim a lição, bem se compreende, não se poderão ler muitas pajinas no tempo consignado no horario para esse exercicio, razão pela qual dizemos que</p> <p><i>a lição de leitura não deve ser demaziado longa, mas estar de acordo com o adiantamento da classe.</i></p> <p>E, quando mesmo haja da parte do mestre o receio de que seja pequena, acrecentamos ser incomparavelmente melhor fazer uma lição pequena mas bem explicada do que uma de pajinas e pajinas, sem elucidação alguma a qual nos alunos, na quazi totalidade lêem maquinaalmente.</p> <p>Muitos livros de leitura, adotados nas nossas escolas, já trazem</p>
--	--	--	--	--

				<p>exercícios de linguagem procurando facilitar assim a tarefa ao professor. Não obstante, como muitos não se podem executar facilmente, cumpre ao professor modificá-los ou substituí-los se julgar necessário; o que não deve menosprezar é o proveito a tirar do texto.</p> <p>Finalmente o professor se não esqueça do ensinamento moral ou cívico, a que a lição se prestar.</p> <p>O mestre não é só um instrutor; é também educador.</p> <p>Por isso não deve deixar passar a ocasião que se lhe de (falta uma palavra), de mostrar á classe um exemplo de moral ou de civismo.</p> <p>Outra vez voltaremos ao assunto, sugerindo nessa ocasião um modelo para execução de um exercício de leitura de acordo com o que aqui fica espendido.</p>
	p. 6	Lingua Materna	Métodos de ensino	<p style="text-align: center;">GRAMATICA</p> <p>Duas palavras antes do assunto.</p> <p>Porque são bem poucos ainda os que já compreendem as vantagens do ensino moderno, o qual, por motivos a desaparecer com tempo, ainda não pode provar a sua benéfica influencia em toda a sua plenitude e assim convencer de que é o unico que deve ser seguido nas nossas escolas, quer publicas, quer particulares. e ele é vitima de injustiças, como o tem sido todo o bom empreendimento que apresenta ideas opostas ás do seu tempo, ou pretende modificá-las.</p> <p>Quando aparece uma idea reformadora, formam-se dois grupos - um favoravel e outro contrario a ela, sendo este ordinariamente o maior - o</p>

				<p>que é natural.</p> <p>Estabelece-se então a luta entre a idéia nova e a velha e não admira que a primeira seja vencida; mas é sempre para surgir adiante com mais elementos de resistencia.</p> <p>A historia o atesta e mesmo o obeservamos frequentemente em muitos fatos da vida hodierna.</p> <p>E' o que se passa atualmente com o ensino moderno.</p> <p>Não sofre duvida, muita couza que em seu nome se faz. tem ficado aquem da expectativa publica e outras que, apesar de dificuldades inerentes ao tempo e ao lugar já se podem dizer bâoas ou muito regulares, não são todos que as executam como devem.</p> <p>Ha delas que devemos ter como questão capital e entretanto têm ficado á marjem e um sistema aparatozo de ensino nos ha preocupado primeiro; mas o verdadeiro não é esse, não podia ser e nem é responsavel por aquilo que não é ele.</p> <p>Dai a desaprovação que naturalmente ha de vir da parte dos que muita razão têm para confiar no sistema em que se entenderam.</p> <p>Assim diz-se que hoje não mais se ensina a gramatica ás creanças. Não é verdade.</p> <p>A gramatica, reduzida ao necessario e bastante, deve ser ensinada na escola primaria, mas de modo inteiramente oposto ao que se vai praticando.</p> <p>Para bem o mostrar faremos outra ocazião um paralelo entre duas lições de gramatica, extraidas de autores entre nós conhecidos.</p>
--	--	--	--	--

				<p>A moderna pedagogia tem por principio no ensino da gramatica que <i>aprende-se a gramatica pelo idioma e não o idioma pela gramática.</i></p> <p>Daqui se depreende que a gramatica não se deve izolar da linguaagem como se tem praticado no nosso ensino; mas uma e outra devem izolar da linguaagem como se tem praticado no nosso ensino; mas uma e outra devem andar sempre juntas e na mais perfeita harmonia: <i>exercicios de linguaagem são exercicios de gramatica</i> e, ao mesmo tempo, <i>exercicios de gramatica são exercicios de linguaagem.</i></p> <p>Destes, por meio da observação, são induzidas as formulas geraes, cujo conjunto constitue a gramatica necessaria á creança, formulas que ela terá de memoria, pois sem a meomorização delas de nada lhe servirão aquêles exercicios por melhores que sejam.</p> <p>Do que fica exposto, vê-se que:</p> <p>1.º A gramatica não foi banida da escola primaria pelo ensino moderno;</p> <p>2.º O ensino moderno não dispensa o papel da memoria no ensino da gramatica; pelo contrario, exige o seu poderoso concurso, sem o qual nenhum ensino é possivel;</p> <p>3.º Com a gramatica exercita-se a memoria, não para tornal-a servil, como a tem feito o ensino izolado daquela; mas para educal-a de par com as outras disciplinas por meio da observação e da indução e, portanto, fazel-a mais vigorosa.</p>
			Observações do jornal	Por falta de espaço deixamos para o próximo numero um anuncio, sobre livros didaticos.
A ESCOLA (1918-1920)				

NOME DO JORNAL/PREÇO /PERIODICIDADE	CIDADE/DATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
A Escola (1918) 14/01/1918 Jornal Mensal	Codó	“A Escola”	Editorial de abertura	<p>Ao lado do patriotico movimento que se tem levantado ultimamente neste Paiz em pról da instrução, como uma propaganda energica e efficaz contra o terrivel mal do analphabetismo, em que ainda jaz a maioria dos brasileiros, apparece hoje A Escola para trazer o seu pequenino contingente; na certÊsa de que nunca é demais - sempre que se trata dos grandes emprehendimentos, - o menor concurso e por mais insignificante e sem valia que pareça.</p> <p>O seu raio de acção se estende mais particularmente a esta terra onde, sem contestação, o analphabetismo. E impera de um modo assombroso. Entre nós é a ignorancia, que domina o espirito como se ella podesse substituir a luz, que guia com todo o esplendor das suas scintallações as manifestações mais sublimes dos sentimentos d'alma. E' a treva, que obscurese e embora as consciencias, que por isso mesmo muitas vezes nos grandes lembretes da vida se afastam ou se desmoronam deante dos melhores principios.</p> <p>Trabalhar portanto para attrahir aos collegios os nossos patricios e conterraneos afim de que possam prestar os seus serviços a Patria como brasileiros verdadeiramente conscientes da grandêza della, preparar as criancinhas de hoje para entrarem amanhã no grande combate da vida no desempenho de missão honesta constantemente exercida, substituir , emfim, a ignorancia do saber, a treva pela luz, sempre, e o é hoje muito principalmente o mais rigoroso dever de todos os brasileiros. A esse escôpo pois se destina A Escola. Orgão de um collegio, basta isso para definir lhe os programma e obrigar se lhe em de sua trajetória</p>
		O ensino e seus métodos		A pedagogia ha muito que passou por completa transformação modificando inteiramente os passos do ensino elementar. De sintetico que era, passou a ser analitico; das partes para o todo, tal o uzado, foi substituido pelo do todo para as partes; aboliu-se o sistema indutivo,

			<p>então empregado, para passar-se ao dedutivo, tão vantajosamente defendido pelos luminares do ensino elementar. Os efeitos dessa reforma, dessa nova corrente, todos nós sabemos: foram estupendos, colossaes mesmo.</p> <p>Conseguiu-se que uma criança, de inteliencia comum, aprendesse a ler corretamente em trez mezes, na media. Coisa assombrosa, na verdade, quando se souber que só na carta de A, B, C (letras e silabas) gastavam as crianças quase um ano, inclusive a recordação e no fim de todo esse tempo o pobre do aprendiz conhecia as letras e as silabas ás vezes muito mal.</p> <p>Com os novos processos apareceram novas regras da pedagogia. Entre os autores desses trabalhos é [nosso/ esse] conhecido o illustre sr. Arnaldo Barreio, um dos melhores autores de livros escolares.</p> <p>No ensino de calculo (indutivo alias) não foram menos importantes os rezultados obtidos. Desapareceu a taboada de tostão, de celebre memoria.</p> <p>Apareceram livrinhos apropriados ao estudo dos numeros, instituiu-se o calculo mental, adotou-se o metodo de educação do cerebro da criança, abolindo a louza, obrigando-o a fazer de memoria toda especie de calculo elementar, acostumando- a jogar rapidamente com os numeros sem necessidade de lapis e de papel, educação essa de resultados francos e inconfestaveis logo no primeiro mez de ensino.</p> <p>Duas [ilegivel]temos necessidade para o ensino de calculo, de ir buscar livros fora.</p> <p>Servimo-nos da prata da caza: dois maranhenses illustres se dedicaram de corpo e alma a pegagogia moderna: Almir [ilegivel] e Joaquim Santos, que trabalharao juntos conjugando os seus esforços para um mesmo fim. E o rezultado desses esforços são esses dois esplendidos livrinhos - Livro de calculo (primeiro e segundo); esplendidos na verdadeira acepção da palavra, são esses dois livrinhos proprios para quem começa o estudo de calculo, sendo que o Primeiro Livro tão bem organizado que pode ser utilizado pelo aluno desde o seu primeiro dia de</p>
--	--	--	--

			<p>aula, quando ainda não sabe ler.</p> <p>Quanto ao ensino objetivo resolveu-se adotar com grande vantagem aliás, o método de gravação na memória do aluno por meio de mapas apropriados e, sempre que possível, com os próprios originais.</p> <p>Até então o aluno era o fator principal da escola: o trabalho do professor consistia apenas em passar e tomar lições; competia ao aluno estudá-las bem lhe parecesse.</p> <p>Com a pedagogia moderna inverteram-se os papéis. O professor é tudo; ele não passa e nem toma lições; conversa com a criança como se fora um irmão mais velho e nessas prozas, amenas, ligeiras sem formas complicadas nem palavras difíceis ele ensina a criança sem excesso de abundância, mas somente em quantidade capaz de ser assimilada pelos pequeninos cérebros que estão na sua frente, a lição do dia sem esforço, sem cansaço.</p> <p>Finda a aula, os aprendizes em vez de terem a cabeça encharcada de letras e de sílabas, de números e de contas, têm a memória fresca, como quando entraram, relebrando-se com prazer das palavras do mestre das histórias contadas, das novidades da lição do dia, tão bem encaixadas naquelas horas de prazer.</p> <p>Quanta diferença da escola dos tempos idos! Estas representavam um suplício e a criança tinha-lhes verdadeiro horror.</p> <p>E' que o professor era mais um carrasco do que um mestre sempre de palmatória em punho, de cara fechada, ao menor borrão de tinta, a menor tremor de voz era uma catadupa de bolos, de puxões de [ilegível], de coques.</p> <p>Felizmente, tudo isso quase desapareceu. A escola, hoje, é um ponto de reunião para a criança que para ali vai sem preguiça com satisfação, com alegria,</p> <p>Em vez da carta A, B, C, leva a cartilha analítica de Arnaldo Barreto; substituindo as velhas taboadas; tem o livro de Cálculo do professor Joaquim Santos.</p> <p>Infelizmente, porém no interior do nosso Estado, ainda vemos a cada</p>
--	--	--	--

				<p>passo, colejos em que a palmatoria é quem mais alto fala a carta de A, B, C e as antigas taboadas são os livros adotados, o ensino objetivo não existe e o professor faz o papel de verdugo, de palmatoria na mão, metendo o bolo em toda a classe, quando esta na <i>roda de argumento</i> erra qualquer parte da taboada.</p> <p>Parece incrível que isso ainda se dê!</p> <p>As nossas mestras primarias se recusam a ir para o interior e o governo em vez de tomar providencias que remendei o mal preencher as cadeiras com professores leigos que viciam as crianças com seus processos de ensino, fazendo os encontrar toda sorte de dificuldades quando da continuação dos seus estudos.</p> <p>Já era tempo do Maranhão estar um pouco mais desenvolvido em materia de instrução para o interior, pois professoras não faltam, porquanto a Escola Normal tem dado os mais belos frutos; é apenas questão de vantagem por parte do governo uma reforma séria na qual fiquem seguros os interesses daquelas que forem para o mato ensinar, garantindo lhes o cargo de qualquer perseguição por parte dos dominantes locais.</p> <p>Tirando uma ou outra escola cujos professores são verdadeiramente dedicados pela sua profissão, e muitas vezes apenas na medida de suas forças, os demais colejos do nosso interior são verdadeiras lastimas, sem mobiliario, sem [ilegível], sem hijiene, sem mapas e sem professores.</p> <p>Marianno Castro.</p>
Anno I, n. 2, 28/02/1918		O ensino do operario	Métodos de ensino	<p>O ensino do operario é uma coiza que necessita o maximo cuidad do professor dadas as condições especialissimas do aluno.</p> <p>Com efeito, não pudemos empregar com o operario os metodos e preceitos da pedagogia moderna, no seu todo pelo menos.</p> <p>A instrução da criança deve acompanhar pari possu o desenvolvimento da sua inteliencia, augmentando-se ou diminuindo-se a dosajem do ensino conforme esse desenvolvimento fôr mais rapido ou mais lento; nunca, porem, se deve forçar a aprendisajem do aluno, e sim ensinal-o</p>

			<p>de acordo com os progressos da formação do seu intelecto. Abusar nesse ponto é embolar o espirito do aluno que fica como que embrutecido com tanta abundancia de ensino que ele não conseguiu compreender e que se baralha no cerebro, fazendo-lhe grande confusão.</p> <p>Com o operario as coisas se passam de modo muito diferente. Se o ensino deve acompanhar o desenvolvimento da inteligencia, na criança exclusivamente dedicada ao estudo, o mesmo já se não dá com os operarios. Estes, em regra, quando se dedicam ao estudo, já são desenvolvidos, quasi rapazes, com o cerebro já formado e a inteligencia em adiantado estado de desenvolvimento; outros então, contam vinte e trinta anos, homens feitos, inteligencia completamente amadurecida e o peior de tudo, virgem do todo e qualquer esforço para aprender a ler e escrever.</p> <p>Compreende-se pois, perfeitamente, que em casos tais, o ensino é todo outro e a pedagogia moderna apenas aparece para fornecer os seus livros e uma ou outra pequena coisa.</p> <p>O operario passa o dia no serviço, num esforço continuo para ganhar o necessario para o sustento da vida; a sua inteligencia funciona constantemente no desenvolvimento do officio na execução do trabalho e o resultado disso é tel-a bastante cansada quando a tarde vai para casa.</p> <p>A noite (o operario só pode aprender á noite) tem a escola.</p> <p>Como apresentar as suas lições, si não houve tempo de estudal-as? Impossivel. Nem o livro pode ele abrir no pequeno intervalo que medeia da saida do serviço para a entrada na escola, porque esse intervalo foi diminuto. Apenas ofereceu-lhe o estritamente necessario para jantar e descansar um pouco, assentar as ideias, repousar o espirito.</p> <p>Vê-se, pois, que a essa classe de pessoas o ensino deve ser ministrado por um processo todo especial.</p> <p>Livros, os de todo indispensaveis; no mais, preleções, ligeiras, faceis, graduadas aos pouquinhos conforme o adeantamento da classe. Insiste-se numa mesma coisa, até ficar completamente gravada na memoria do aluno de modo que não esqueça mais.</p>
--	--	--	---

				<p>Com relação a escrita, o processo também é todo outro, é todo original. Deve-se ensinar o aluno a copiar, muito e muito, para aprender a fazer corretamente as letras. Os processos modernos de escrita não dão com o operário o mínimo resultado como já tive ocasião de verificar. Perdem-se meses inteiros sem o menor progresso.</p> <p>Se não sabem escrever, ensine-lhes a fazer as letras, maiúsculas e minúsculas; depois dê-lhes lições de como se juntam para fazer sílabas e palavras. Isso feito, meta-lhes um livro nas mãos e ponha os a copiar trechos e trechos, para praticarem para se amoldarem a escrita.</p> <p>Os resultados por estes sistema são os mais satisfatórios possíveis. O operário aprende a escrever às vezes com letra um pouco ruim, é verdade, mas direitinho, sem erros.</p> <p>Tal é o ensino operário. Todo especial, todo original de acordo com o estado da sua inteligência, produz ele os melhores frutos, frutos que não produziram se no caso, fossemos aplicar os processos modernos de ensino.</p> <p>Porque é preciso distinguir bem o operário da criança que se dedica exclusivamente ao estudo. A inteligência desta vive só para a instrução que recebe, sem outro esforço, sem outro desvio.</p> <p>Com o operário não se dá o mesmo; se são crianças, a sua inteligência só em horas vagas se dedica ao estudo; no mais, vive sujeita ao ofício, onde se esforça, se cansa, e, muitas vezes se atrofia.</p> <p>Se são homens, já a inteligência está amadurecida e sem prática de ensino; vai se fazer compreender num cérebro de vinte e trinta anos o que se devia ter ensinado quando tinha seis ou oito anos. Só a diferença de idade mostra a dificuldade do intento e, portanto, a diferença de meios.</p> <p>Como a criança, porém, o operário pode aprender francamente, pode tornar-se ilustrado e útil à sua pátria.</p> <p>Para isso basta querer, basta a força de vontade.</p> <p>Mariano Castro.</p>
		Externato	Livros adotados	Foram adotados novos livros, visto a necessidade do Externato seguir,

		condoense: movimento do mês de janeiro findo		o mais estreitamente possível, os moldes e preceitos da pedagogia moderna. Os livros adoptados por este estabelecimento são os seguintes: primeiras letras - Cartilha analytica de Arnaldo Barreto, serie Pulggari Barreto (1.º a 4.º livro), 1.º livro de calculo do prof. Joaquim Santos; curso primario 1.º anno - Gramatica portuguesa primaria, de Verissimo Vieira, 2.º livro de calculo do prof. Joaquim Santos e Geographia primaria de Lacerda; 2.º anno - Gramatica portuguesa, primaria, de Verissimo Vieira, Arithmetica primaria de F. T. D. Geografia primaria de Lacerda, Historia do Brasil, primaria, de Joao Ribeiro, Seções de sciencias de F. T. D. e Geometria pratica de Olavo [Freire].
n. 3, 31/03/1918		A Mensajem e a instrucção		
		Atenção	Anuncios	Cadernos para escripta e livros escolares adoptados nos collegios desta cidade VENDE Octavio Augusto da Silveira
		Relatorio do Intendente		[Nossos] agradecimentos passamos hoje para as columnas da <<A Escola>> a partir do relatorio do Intendente de Codó, coronel! Raimundo [Coriolano] Ferreira Neves, referente ao <<Externato Codoense>>, apresentado à Camara Municipal em sessão de 18 do mês proximo passado: Instrucção Publica Como sabeis, o <<Externato Codoense>>, vai produzindo os fructos que era de esperar. Inspirando inteira confiança aos chefes de familia, o importante estabelecimento em tão boa hora fundado entre nós, constitue uma poderosa garantia á educação e instrucção dos nossos filhos. O seu digno e incançalvel director, na admiravel actividade, que desenvolve pelo engrandecimento do collegio, não conhece sacrificios, e por isso mesmo não recua nem esmorece ante o maior obstaculo que muitas

				<p>vezes lhe parece querer embaraçar os passos.</p> <p>Graças a essa perseverança e esses louváveis esforços é que o referido estabelecimento está hoje pode dizer-se, em condições favoráveis áquelles que desejam, ou que devem tudo fazer para a instrução e educação dos seus. Ainda em fins do anno proximo passado o director conseguiu incluir n quadro do corpo docente do Externato o nome do illustrado professor bacharel Mariano Augusto Gomes de Castro, e este anno lançou o collegio à luz da publicidade um bem feito mensario de propaganda civica e de reacção ao analphabetismo. Tudo isso junto ao que temos assistido desde a fundação do Externato, attesta irrefutavelmente o grande interesse dos seus fundadores e proprietarios em [...]. Lograram já dessa fortuna os operarios da nossa Fabrica de tecidos, os quaes desde Janeiro deste anno frequentam o Externato, no curso nocturno para elles especialmente criado, mediante accôrdo firmado entre o director do collegio e o digno gerente daquelle industrial estabelecimento. Não precisamos encarecer o que seria ocioso, as vantagens desse ensino em virtude do qual, dentro em pouco, e na sua grande parte, deixarão de ser analphabetos os nossos operarios. Merece esse acto os nossos melhores applausos do collegio como ao gerente da Fabrica por tão feliz ideia.</p>
n. 7, 28/07/1918		Pela Instrucção	Importância da leitura	<p>E' hoje uma preocupação generalisada em todos os recantos habitados da terra o combate ao analphabetismo, que domina, infelizmente a maior parte dos seus habitantes principalmente no nosso nosso rico, prospero e [valioso] paiz.</p> <p>Todos os governos do mundo, convecidos da responsabilidade que lhes pesa pelo abandono em que têm deixado este assumpto de tamanha relevancia procuram agora aperfeiçoar o seu organismo escolar, afim de que seus governados se achem aparelhados para a luta economica que sobreviverá ao termino da guerra que devasta a europa.</p> <p>Nos paizes belligerantes daquela região ainda na America do Norte os estadistas cogitam de dar uma feição technica e profissional ao ensino.</p> <p>Mas, isso não importará nunca na abolição do ensino primario, que deve</p>

				<p>ser previamente ministrado à creança. Sem o conhecimento das primeiras letras não poderá ella comprehender e se aperfeiçoar em qualquer profissão que sua natural vocação lhe aconselhe a tomar. O analphabeto, em qualquer uma dellas, nuca poderá ser superior ou mais perfeito de que aquelles que tiverem recebido o ensino primario.</p> <p>O artista, o agricultor, o creador, o commerciante, o industrial, o funcionario ublico e todos emfim que exercem sua actividade em qualquer profissão ou industria jamais poderão praticar actos ou produzir obras perfectas, para as quaes somente a instrucção primaria lhes proporcionará os meios de corrigi-las pela leitura dos bons livros referente ás mesmas.</p> <p>Na luta pela vida, em qualquer phase que ella se nos depare, não poderemos vencer, imporrmo-nos, ganharmos dinheiro e enriquecermos a nós e à nossa patria sem estarmos preparados pela necessaria instrucção, cujo alicerce é o conhecimento pleno das primeiras letras, onde bebemos noções geraes das cousas e a semente gosadora da invenção e da iniciativa.</p> <p>Não quere nos dizer com isto que as escolas technicas e profissionaes sejam dispensaveis; mas, sem o concurso previo das primarias não darão o resultado de aperfeiçoamento almejado.</p> <p>Precisamos nós, os dirigentes da opinião publica e os representantes dos poderes publicos, unir-nos n'uma campanha cerrada contra o analphabetismo, dando as escolas aos nossos patricios que querem aprender.</p> <p>E' calculada a porcentagem dos infelizes privados das luzes do alphabeto em 80% aqui pelo interior.</p> <p>Essa porcentagem é quasi a totalidade da população. Cuidemos de reduzil-a, quanto pudermos, com todo o empenho para em breve vermos esta patria querida figurar no mappa dos mundos entre as nações mais civilisadas e prosperas do globo"</p> <p>Americo Tupy.</p>
N. 8. 25/08/1918		Pela Instrução		O esforço da liga contra o analfabetismo não é somente patriotico, é

			<p>principalmente altruístico.</p> <p>Pensar que o povo de grande ou pequena nação deve ser um povo instruído, um povo capaz de conhecer os seus direitos e deveres; trabalhar para que isto se consiga é feito patriótico tão digno de animação e elogios, pelo menos, como o do que paga o tributo de sangue, para que não seja sua pátria desintegrada.</p> <p>Pensar que cada indivíduo componente desse povo deve ter os conhecimentos necessários, para que o seu esforço não seja absorvido pelos espertos e velhos; trabalhar para chegar a isto, é verdadeira caridade cristã, é altruísmo puro, como modernamente denominam a caridade.</p> <p>No primeiro caso, tem-se em mira a dignidade coletiva; no segundo, o bem estar de cada um.</p> <p>E', como se vê, no combate em que todos se empenham sob a mesma bandeira, sem distinção de crenças, sem preconceitos de escolas; é um combate, portanto, em que os lutadores não podem ter dúvida sobre a vitória.</p> <p>O combate, aliás é antiquíssimo, desde antes de Jesus-Christo, já os sábios o haviam restabelecido, depois de Jesus-Christo, intensificou-se; faltava apenas arregimentar-se e ter bandeira sua, a sombra da qual todos se pudessem abrigar.</p> <p>Foi o que se fez agora; o dia do triunfo não pode estar muito longe.</p> <p>A sombra dessa bandeira podem formar sem [dejar] o cristão e o judeu, o mulsumano e [...], o maçom e o positivista [...].</p> <p>E' a bandeira colossal do bem.</p> <p>Dioclides Mourdo.</p>
n. 8, 25/08/1918	p. 2		Ensinar aos que não sabem, é o melhor bem que se lhes pode prestar.
	p. 4	No foro criminal	Da instrução, que é, como se sabe o principal veículo das idéias morais correntes, vive o nosso povo completamente divorciado, e isso devido, em grande parte, à inércia e o indiferentíssimo daquelles que nos governam. E ainda nas poucas escolas mal espalhadas pelo interior do Estado, limita-se o professor a meter o A, B, C, na cabeça das

				creanças, que lhe são confiadas. De educação moral, como de educação cívica, nenhum passo. De tal coisa, se não cogita. Que se pode, pois, esperar dessa desidia sinão isso mesmo, a ausencia completa da verdadeira noção do sentimento de honra, com as penosas consequencias que disso decorrem naturalmente? Elisabetho de Carvalho
n. 9, 29/09/1918	p. 2			Paes de familia! Instrui e educai os vossos filhos. Livrai-os da ignorancia que é a perdição de todos.
n. 10, 31/10/1918	p. 1	Instrução e educação		
	p. 3			Ensinar aos illetrados, sobre ser relevante serviço que se presta á Patria, é ao mesmo tempo o maior beneficio que se lhes póde fazer.
n. 11, 30/11/1918	p. 2	O professor primário		
				Ministremos a instrucção tanto quanto possivel. E' ella a base de toda a grandeza e prosperidade de um povo.
	p. 3			Ensinar aos illetrados, sobre ser relevante serviço que se presta á Patria, é ao mesmo tempo o maior beneficio que se lhes pode fazer.
n. 12, 31/12/1918	p. 1			O analphabeto não é cidadão, não pode votar nem ser votado! O povo que não lê, que não estuda, que se não instrue, é um povo nullo, inconsciente, inutil!... Da ignorancia, é que vem a falta de civismo, de patriotismo, o rebaixamento do character, a deshonna, o vicio, o crime, o desamor a tudo que é belo, nobre e sublime, a desgraça e o esphacelamento, enfim, do lar, da familia, da sociedade!... E' ella um grande mal um perigo terrivel, um flagello medonho!.. Combate-la portanto, com coragem e tenacidade, é um dos mais

				sagrados deveres de todo aquelle que deseja ver a sua Patria engrandecida, prospera e feliz.
	p. 2	O Analfabetismo no Brasil		<p>Ha um anno mais ou menos uma revista de propaganda da instrucção do Rio publicou o que se segue por onde se vê, infelizmente a grande preponderancia do analfabetismo em quase todos os Estados do nosso Paiz.</p> <p>Vejamos por Estado a proporção de analfabetos que há no Brasil:</p> <p>Figura em primeiro logar o da Parahyba, em que há, em cada mil habitantes, 168 que sabem lêr para 832 analfabetos. O segundo cabe ao Piahy, com 173 que sabem lêr para 827 analfabetos. Vem depois (sempre em cada 1000 habitantes) Pernambuco, com 807 analfabetos para 193; Alagôas, com 800; Rio Grande do Norte, com igual coefficiente de analfabetos - 782; Bahya, com 772; Rio de Janeiro, (Estado) com 769; Paraná, com 761; S. Paulo e Sergipe, com 753; Maranhão, com 746; Minas, com 744; S. Catharina, com 743; Espirito Santo, com 731; Mato Grosso, com 730; Pará, com 700; Amasonas, com 679; Rio Grande do Sul, com 674; e finalmente, o Districto Federal, com 481 analfabetos contra 519 que sabem lêr.</p>
n. 13, 26/01/1919 Ano II	p. 1	O nosso aniversário		Importância da imprensa para a instrucção
	p. 1	A Escola		O jornal como combate ao analfabetismo
	p. 1			<p>A ignorancia é um grande mal, um mal terrível, um mal perigosissimo!</p> <p>Causadora principal de toda a sorte de infortunios, de desgraças, de miserias, de infamias, de crimes abominaveis que dia a dia se succedem na vida, onde ella, impera, onde o seu poder é despotico e absoluto, não</p>

				há moral, não há respeito, não há ordem, não há justiça, não há paz, não há tranquilidade, não há progresso, não há alegria, não há felicidade!... [Continua...]
	p. 2			Instruir-se é ser feliz, é ser [...], é conquistar a gloria, é defender, é elevar, é engrandecer a Patria!...
n. 14, 23/02/1919	p. 1			Sem instrução não pode haver progresso
	p. 2	De Victor Hugo		A escola é santuario como a capella. O alfabeto que a criança soletra contém uma virtude debaixo de cada letra, cujo tenue fulgor illumina suavemente o coração. Dae á criança livros a proposito. Caminhae adiante della com a lampada na mão, para que possa seguir-vos. A ignorancia porduz o erro e o erro produz o [continua...]
	p. 3	Instrucção e Trabalho		
	p. 3	Externato Codoense Movimento de janeiro findo Livros adotados		Os livros adoptados neste ano são os seguintes: primeiras letras - Cartilha analytica de Arnaldo Barreto, serie [Poggari] Barreio (1.º a 4.º livro,) 1.º e 2.º livros de calculo do prof. Joaquim Santos; curso primario 1.º anno - gramatica portuguesa primaria, de Virissimo Vieira, arithmetica de F. T. D., Nossa Patria, de Rocha Pombo e geographia primaria, de Lacerda; 2.º ano, os mesmos livrosdo 1.º anno, historia do Brasil, noções de sciencias de F. T. D. e geometria pratica de Olavo Freire.
n. 15, 27/04/1919	p. 1	O ensino de hoje		Antigamente levava o pobre alumno a quebrar a cabeça em decorar o a b c, o que muitas vezes custava quasi, se não mais de um mez de

			<p>[enfadonho] esforço. Depois seguiam-se outros mezes arrastando-se elle pelo syllabario [estadante], pela soletração e, por ultimo, é que chegava á leitura por cima, como se chamava.</p> <p>O ensino moderno acabou por completo esse [carrascissimo], para conseguir do aluno o gosto e o interesse pelo estudo, e lhe facilitar a compreensão da lição.</p> <p>Por isso, o seu objectivo é a assimilação do pensamento alheio nella espresso sob a forma oral e graphica e expressão do proprio, por modo efficaz e correcto.</p> <p>E para conseguill-o, é mister um methodo graduado que assim se divide:</p> <p>1.º a aquisição da forma graphica, desconhecida pela forma oral conhecida.</p> <p>2.º a rectificação e ampliação do vocabulario pre-escolar e o relacionamento dos vocabulos.</p> <p>3.º a composição e o discurso.</p> <p>Dizem os mestres.</p> <p>A aquisição da forma graphica como leitura os escripta constitue o 1.º grau.</p> <p>A leitura deve partir do que para o alumno é a realidade, a sentença.</p> <p>Se na aquisição da fala o individuo ouve para entender, entende; para falar e fala porque entende; na aquisição da leitura deve elle ver para entender, entender para ler e ler porque entende.</p> <p>O resultado deste methodo de nada se dar a ler ao alumno que não possa elle comprehender, é que, desde a primeira lição, a leitura é expressiva,</p>
--	--	--	---

			<p>pois toda a atenção, em vez de se concentrar na ligação dos elementos como sons para a emissão dos vocabulos, concentra-se no sentido destes.</p> <p>E é por isso que o professor [Makejonh] a respeito dos seus livros de leitura disse o seguinte: Cumpre ensinar primeiro as palavras, visto que a Natureza só nos apresenta conjunctos. [Sabias] perfeitamente as palavras, as letras envolvem, separam se e tornam-se claras ao espirito da criança. Ha de porem, appreender as lettras depois das palvars, não antes.</p> <p>Assim é que o alumno intuitivamente vae gravando em seu espirito, ao mesmo tempo, pela visão do proprio objecto, que o vocabulo representa, ou da sua figura desenhada, tanto a sua fórma como o vocabulo que o designa.</p> <p>Este methodo, pois, reúne o util ao agradavel e consegue deleitar, interessar o alumno e ensinal-o sem que elle se enfade e leve mezes e mezes amolado com lettras e syllabarios que não comprehende e o [enfadonha].</p> <p>D'ahi vem a reconhecida facilidade e boa vontade de se aprender a ler e escrever.</p> <p>Será elle a arma mais poderosa para combater o analphabetismo e erguer á instrução em tempo de facil acesso e grande proveito.</p> <p>Por isso é que o mestre de hoje precisa de aprender a ensinar, o que se consegue por um estudo especial, depois de saber ler e escrever.</p> <p>Ainda mesmo o que aprende a ler e escrever pelo novo systema, tem necessidade de fazer um curso especial para saber ensinal-o.</p> <p>Para tal fim existe a escola normal na capital do Estado de onde têm</p>
--	--	--	--

				<p>sahido já crescido numero de professoras normalistas que estão occupando grande parte das cadeiras de instrucção primaria do Estado, cujos governos, justiça seja feita, muito se tem interessado pela sua divulgação.</p> <p>Terminando este nosso mal alinhavado escripto, fazemos votos para que a didactica de hoje continue a colher os mais saznados fructos dos seus esforços para em breves tempos veremos a nossa patria inscripta entre as nações de menor analphabetismo.</p>
	p. 1			Pais de familia! Mandai, quanto antes, os vossos filhos ao collegio, á escola.
	p. 2	A imprensa		Importancia da imprensa
	p. 2			Da Bibliotheca Caldense, de Caldas, Minas e da qual é presidente o dr. José V. da Gama Novaes, Juiz de direito, recebemos uma delicada circular agradecendo a remessa á mesma Bibliotheca da nossa modesta folha, que espera continuemos a mandar, o que promettemos fazer com regularidade.
n. 16, 31/05/1919	p. 1	A instrucção publica		Somos um paiz de analphabetos e ainstrução é a alavanca de Arquimedes, cujo ponto de apoio devemos incessantemente procurar.
	p. 1	O livro		<p>Aguardemos ainda algum tempo mais e chegaremos a [convencencia] da salvação social pelo ensino gratuito e obrigatorio.</p> <p>Imaginae a incalculavel [...] do desenvolvimento intellectual que encerram estas palavras todos sabem lêr.</p> <p>A multiplicação dos leitores é a multiplicação dos pães. No dia em que Christo creou esse symbolo entreviu a imprensa. O seu milagre é este [...].</p>

			<p>Ahi está um livro. Alimentará cinco mil almas, um milhão de almas, a humanidade inteira.</p> <p>Em Christo, multiplicando os pães, ha Gutemberg multiplicando os livros. Um semeador é prenuncio do outro.</p> <p>Que é o genero humano desde a origem dos seculos? E' uma [...]. Soletorado ha muito tempo ainda hoje soletra, mas em breve lerá.</p> <p>A creança de seis mil annos deve desde o principio uma escola? Qual? A natureza. E não tendo outro livro soletram o universo. Teve o ensino primario das nuvens, do firmamento, dos meteoros, das lições, dos animaes, dos bosques, das estações, dos phenomenos.</p> <p>O pescador de [...], o pastor da [...] soletra as estrelas. Vieram depois os primeiros livros, sublime progresso! O livro é ainda mais vasto que o espectaculo do mundo, porque ao facto allia a ideia. Se existe alguma coisa maior que Deus visto no sol, é Deus visto em Homero!</p> <p>O universo sem o livro, é a sciencia que se esboça, o universo com o livro, é o ideal que apparece. Deste modo, ha modificação immediata no phenomeno. Onde existe só a força, o poder revela se! O ideal applicação aos factos reaes, é a civillização.</p> <p>Victor Hugo.</p>
	p. 2	Bibliotheca Nacional	Envio de remessas
n. 17, 30/06/1919	p. 1	Instrução em Pedreiras	Artigo ilegivel
	p. 3-4	Doentes e ignorantes	O Brazil é um paiz de analphabetos edontes, onde [25 ou 75] da população não distinguem as letras nem [garatujam] o nome.

				<p>[...]</p> <p>l~em por cima e [...] o nome [...] de creanças que aprendem o a b c ou leem historia da Cochinha e o resto [...] leem os jornaes, [uma] parte as seções em que se trata de poetica, outra destinada a vida social e maior as que se ocupam de escandalos e assuntos policiaes e esportivos.</p> <p>Apenas um milesimo da população (receiamos exagerar [...]) lê assiduamente acompanha com alguma curiosidade o desenrolar dos acontecimentos.</p> <p>[...] estão parte inutilizadas e seriamente prejudicadas na sua maior parte, por varias doenças endemicas, evitaveis todas, curaveis quazi todas, que até ha pouco eram atribuidas ao clima, quando a sua causa quazi exclusiva é o analphabetismo das massas e a ignorancia nos letrados e semi-letrados, dirigentes e dirigidos dos preceitos da higiene moderna, e o descazo e até o desprezo com que uns e outros encaram os ensinamentos da Medicina Social.</p> <p>[...] em dois quadros expressivos o que acabamos de expor, para melhor gravar a siatuação na memoria do leitor</p> <p>QUADRO DA IGNORANCIA</p> <p>Numero de habitantes 25.000.000</p> <p>Analfabetos 18.750.000</p> <p>Sabendo ler 6.250.000</p> <p>Desses (homens, mulheres e crianças): lêem mal e escrevem ainda peor, ou não escrevem 4.700.000</p> <p>Lêem e escrevem constantemente 1.570.000</p>
--	--	--	--	--

			<p>Lêm, assimilam e acompanham os acontecimentos 25.000</p> <p>Estudam e se interessam pelos problemas nacionais 500 (?)</p> <p>Estudam os problemas nacionais com dsinteresse pessoal, compesencia e animo patriotico 30 (?), 20 (?), 15 (?)</p> <p>QUADRO DA DOENÇA</p> <p>Numeros de habitantes 25.000.000</p> <p>Ruares 10.000.000</p> <p>Urbanos 6.000.000</p> <p>Prejudicados por endemias (anchil ostomiaze, malarias, tripanomiaze ...) 15.200.000</p> <p>Dos quais [...] 3.000.000</p> <p>Prejudicados pelas endemias apontadas pelo alcoolismo e mais pela sífilis, pela tuberculoze 4.200.000</p> <p>Dos quais imullizados 200.000</p> <p>População relativamente higida 5.600.000</p> <p>Dr. Belizario Pena.</p>
n. 18, 31/07/1919	p. 2	Contra o Analfabetismo	<p>[..]</p> <p>A solução do nssso problema nacional está principalmente na difusão do ensino primario. E' preciso espalhar pelo paiz as modernas cartas de A. B. C.</p> <p>Os estudos superiores devem ter uma preocupação secundaria ante a</p>

				<p>importancia do das primeiras letras. Nenhum perigo se corre em aprender a ler, ao passo que não poucos inconvenientes provem muitas vezes de uma infeliz orientação de estudos finais.</p> <p>Portanto, é caminhar para a frente, ensinar a ler, muito, com todo o ardor das grandes casas sociais.</p> <p>Do O Jornal, do Rio</p>
n. 21, 30/03/1920 Ano III	p. 1	Instrução e Educação II		Não descuideis, oh! pais de família, da instrução e educação de vossos filhos!
	p. 2	Cardeneta		Da Bibliotheca Nacional, recebemos, há poucos dias, para a remessa desta folha livre de porte a referida Bibliotheca uma nova caderneta, que deverá servir para o corrente anno.
		O Analfabetismo Combatamo-lo!		<p>Precisamos, quanto antes, de dar forte combate ao nefando e execrável analfabetismo que tanto infelicitava este nosso abençoado e querido solo brasileiro.</p> <p>Trabalhem como verdadeiros e dedicados filhos pelo progresso de nossa amada Pátria, pela sua grandeza, valor e brilho. Deixemos sim esse criminoso e revoltante indiferentismo para com o ensino, para com a instrução, de que só dissabores resultará vexames [...] por agonia. E' só assim que pode esse meio certamente feliz exigiremos melhor e com esta possa engrandecer e elevar [...] estremecida e grande terra do Brasil. Empreendamos com calor e entusiasmo, com amor e abnegação, a maior e a mais cruenta guerra á ignorancia, ao seu compellido exterminio, ministrando o ensino a quanto do mesmo necessitar, fazendo-o sempre e sempre com seio cuidado e atenção, com muito desvelo e carinho. [...].</p>

	p. 3	Externato codoense Movimento do mês de fevereiro ultimo Livros adotados		São estes os livros adoptados neste anno: primeiras letras - Cartilha Analytica de Arnaldo Barreto, serie Puiggari Barreto (1.º a 4.º livro) 1.º e 2.º livro de calculo de Joaquim Santos; arithmetica intuitiva curso elementar de Olavo Freire; curso primario - 1.º anno - gramatica portugueza primaria de Verissimo Vieira, arithmetica intuitiva - curso medio - Olavo Freire, geographia de Arthtur Thire, Nossa Patria, Rocha Pombo; 2.º anno, os mesmos livros do 1.º anno, historia do Brasil de João Ribeiro - curso primario - e noções de sciencias de F. T. D.; curso secundario - os mesmos livros adoptados pelo Lyceu Maranhense.
	p. 4	Externato Codoense	Anuncios	Instrucção intellectual, moral, civica, physica e militar. Primeiro estabelecimento de ensino do interior do Estado do Maranhão e o unico que mantem um bem regido orgam mensario de formato regular e de feição moderna, destinado exclusivamente a propaganda civica e ao combate ao analphabetismo. Todo o ensino e feito de accordo com os modernos principios da pedagogia, sendo os livros adoptados de accordo com esses principios.
n. 22, 31/05/1920	p. 1	Contra o analfabetismo		<<O progresso, disse algures Turgot, é o desenvolvimento gradual do poder do homem sobre a materia; é sobretudo o desenvolvimento da moralidade.>> O homem domina a materia pela inteligencia. E' esta faculdade que o habilita a transformar o ferro em machinas, que substituem o braço humano, que conquista o fundo dos mares por meio dos submarinos, os ares por meio das aeronaves de diversos typos, as distancias, por meio dos diversos sistemas de telegrafos. Mas, como desenvolver a intelligencia, sem saber ler?

			<p>Como implantar a moralidade no seio das massas sem o jornal?</p> <p>Como fazel-o por meio de jornal, se as massas não sabem ler?</p> <p><i>E' preciso ensinar a ler, é preciso que todos saibam ler.</i></p> <p>No dia em que não houver analfabetos, triunphará infalivelmente a verdade.</p> <p>Os hypocritas não mais poderão dominar a fraqueza da ignorancia, pondo-a ao serviço de suas explorações com a cega obediencia dos cães de caça.</p> <p>Todos irão ao jornal em busca de conhecer o que se passa no mundo, e ali verão, á cada instante, o hypocrita desmascarado.</p> <p>Debalde ele baterá no peito, jurando santidade que não tem nem teve jamais; o jornal que tudo recolhe, que de tudo se ocupa, ensinará ao leitor qual a pedra de toque para conhecer, e livrar-se das explorações da hipocrisia.</p> <p><i>E' preciso que todos saibam ler.</i></p> <p>A mentira é a principal arma dos perversos; pois bem, no dia em que todos souberem ler, o mentiroso se recolherá ao silencio, como a féra cheia de susto se recolhe aos centros.</p> <p>Ele sabe que será enfermeiro, nulo quais o efeito do seu embuste, porque a imprensa é o sol e todos estão habilitados a gozar-lhe a luz e o calor; todos poderão escrever, todos poderão ler; as mentiras serão pulverisadas, o mentiroso atirado ao monturo do desprezo.</p> <p><i>E' preciso que todos saibam ler.</i></p> <p>O crime se desenvolve de preferencia nas trevas ou da noite ou das</p>
--	--	--	--

			<p>conciencias; não póde haver trevas na consciencia dos que sabem ler.</p> <p>Só os peversos, os grandes criminosos, os exploradores dos ignorantes, cujas consciencias dominam, criam embaraços diretos ou indiretos á propagação da instrução.</p> <p>Só a hipocrisia a ama e acalenta; pois para aniquilar os peversos, para inutilisar os efeitos da hipocrisia, <i>é preciso que todos saibam ler.</i></p> <p>O homem de bem, o homem moralisado, ama a luz, não teme a publicidade de seus atos, antes busca as; o mau, o hipocrita é naturalmente cobarde, vela os atos da sua vida, oculta-se atraz dos inconcientes que procuram para assumir a responsabilidade dos seus latrocinios.</p> <p>No dia em que todos souberem ler, o maú, o hipocrita desaparecerá porque se terá desfeito o manto que lhe ocultava a viida censuravel, e desprezivel, que não encontrará mais imbecis para <i>testa de ferro.</i></p> <p><i>Assim é preciso que todos saibam ler.</i></p> <p>Dioclides Mourão.</p>
	p. 3	A instrução em S. Antonio e Almas	<p>No Maranhão de ha muito tempo se vem observando este facto verdadeiramente inquietador. Ao mesmo passo que o Estado depende annualmente grande parte das suas rendas com a instrução, o analphabetismo attinge, no interior, proporções cada vez mais assustadoras.</p> <p>Provem na nossa opinião, de duas causas, essas anomalia; Primeira - o pouco ou nenhum escrupulo de que tem dado numerosas provas os governos, nomeando pessoas incompetentes para exercerem magisterior. Segunda - o flagrante desaccordo entre nós, sempre viveram o lar e a</p>

			<p>escola.</p> <p>Felizmente parece-nos que o actual governo compreendendo tal medida, conseguirá, a breve trecho, fazer desaparecer a primeira das causas apontadas, dotando o Estado de professores primarios realmente dignos de exercerem a nobilissima missão do ensino.</p> <p>Realizando esse grande empreendimento, menos difficil se tornará de certo, o problema da aproximação do lar á escola.</p> <p>Conhecemos localidades no interior do Estado onde a instrução é ministrada apenas imaginariamente por professores cujo unico trabalho consiste em organizar ao fim de cada mez, mappas de frequencia ficticia que são por uma complacencia criminosa, visados por que de direito.</p> <p>Apraz-nos nomear entre essas localidades, a villa de Santo Antonio e Almas, nucleo já bastante populoso onde apesar do muito que o Estado tem gasto com as escolas que lá mantem a população é na sua quasi totalidade composta de analphabetos.</p> <p>Ultimamente, em 1919, funcionavam alli, duas escolas mixtas regidas por normalistas e uma do sexo masculino, dirigida por professor leigo.</p> <p>Tres cadeiras, portanto, mantinha oEstado n'aquella localidade. Os que tiverem conhecimento d'essa superabundancia de estabelecimentos de ensino em tão pequemna villa, pensarão, certamente, que muito desenvolvido deve estar o ensino primario em S. Antonio e Almas.</p> <p>Puro engano, porem!</p> <p>Oitenta por certo da população infantil, não sabe escrever o proprio nome. D'esses oitenta por cento, quarenta mais ou menos não sabe escrever porque não frequenta sem nenhum proveito.</p>
--	--	--	--

			<p>Procurámos conhecer a razão por que se verificava essa irregularidade e chegámos á conclusão de que ella se dava em virtude das duas causas a que nos referimos linhas acima.</p> <p>Queixam se os professores de que os alumnos não frequentam com regularidade, a escola, os paes desses alumnos de que os professores nada ensinam.</p> <p>No fim de contas, uns e outros têm razão.</p> <p>Os alumnos não vão realmente á escola, com aquella assiduidade que seria para desejar. Os paes são na maioria dos casos, muito pobres. Precizam de empregar a actividade dos filhos na lavoura, na pesca e em outros misteres que lhes facilitem meios para alimentar a familia. Alem disso, nem sempre podem comprar os livros que o programma do ensino exige.</p> <p>Os professores, porem, são os mais culpados. Vivem, de ordinarios, occupados com os seus afazeres particulares e não lhes sobra tempo para cumprirem os seus deveres funcçionaes.</p> <p>Com a morte recente de uma das professoras, ficou apenas uma escola mixta em S. Antonio e Almas. O professor do sexo masculino, acaba, tambem, de fallecer.</p> <p>Nada dizemos sobre a passagem de um e outro pelo magisterio publico, porque, á nossa indole, repugna diser coisas desagradaveis de pessoas que já não existem.</p> <p>Não se dá, entretanto, a mesma coisa com a professora sobrevivente.</p> <p>Esta senhora que está, certamente, no caso de prestar relevantes serviços á causa do ensino em S. Antonio e Almas, por isso mesmo que é</p>
--	--	--	--

			<p>diplomada pela Escola Normal, rasão por que não se lhe pode negar a necessaria competencia, parece, entretanto, ligar mediocre importancia aos seus deveres de mestra.</p> <p>Não sabemos a que attribuir tamanho descaso: se á falta de vocação, ou se aos seus multiplos deveres de esposa e mãe.</p> <p>Se é de facto, á esta ultima circumstancia, não lhe negaremos alguma razão. Ao governo, porem, compete procurar um meio de tornar possivel o desempenho simultaneo e consciencioso; a de ´rpfessora e a de mãe - as mais sublimes talvez que jamais desempenhou a mulher.</p> <p>Emquanto isso não se dá, porem, as autoridades municipaes vão creando algumas escolas no interior do munipio. Agora mmesmo, um curso noturno mantido pelos cofres prefeituraes, acaba de se abrir, na propria villa, sob a competente direcção de um moço de quem, sem favor, se pode dizer que sabe <i>lér por cima</i> - o sr. João Nunes Pereira.</p> <p>Que prosigam os dignos edísde de S. Antonio e Almas nesse patriotico afan de crear escolas, e terão ao deixarem os seus mandatos, feito jús ao reconhecimento, não só dos seus municipes, mas da patria.</p> <p>S. Antonio e Almas, 24-4-MCMXX.</p> <p>Clodoaldo Cardoso.</p>
	p. 3	Amae o Livro	<p>Sim, amae-o com toda a força da vossa alma.</p> <p>Lêde-o com todo o vosso espirito, com toda vossa atenção e avançareis, como o caminheiro cujo passo vae seguro, não é vacilante ou tropego.</p> <p>De que vos serve uma leitura A' VOL D'OISEAU? De que ir aos saltos, respigando aqui ou alli, ficar com as noções de uma sciencia, sem a methodica analyse e estudo do conjuncto, como se estudasseis do corpo</p>

			<p>humano alguns membros sem vos preocuparem outros elos, de cuja função dependem aquelles?</p> <p>Oh! quanto erro ha em desprezar ou tratar com indifferença o bom livro!</p> <p>Vêde bem o que digo - o bom livro, porque o mau, o leviano antes a inercia, o ocio do que perder tempo lendo-o.</p> <p>Se o fizerdes, em lugar de avançar para o vosso desenvolvimento intellectual, ireis para o abysmo, para o mal.</p> <p>Felizmente, quantos livros bons existem, quantos!</p> <p>Amaes a Astronomia? Ah! tendes facilmente de Flammarion a Historia do Céu, a Atmosphaera, a Pluraridade dos mundos habitados, e muitos mais, de Arago a Astronomia Popular, além de outros sabios.</p> <p>Amaes as Mathematicas - Lê de Bourdon, Bertrand e tantos mais.</p> <p>Amaes o estudo da vossa lingua? Procuraes Ruy, Ernesto Carneiro, Sotero, Candido Figueredo e essa legião que estuda o idioma de Camoes.</p> <p>Amaes o proprio romance, o conto? Tendes Coêlho Neto, Alencar, Victor Hugo e centena mais.</p> <p>Emfim, seja qual for a vossa inclinação, seja qual for a profissão escolhida, encontrareis muitos amigos em optimos livros, que vos darão gosos ineffaveis.</p> <p>Vivei para o cerebro; o que equivale a dizer - sêde homens, afastae-vos quanto puderdes do que seja material.</p> <p>Não procureis experimentar as alegrias dos ricos.</p>
--	--	--	--

				<p>Vivei para o cerebro; o que equivale a dizer - s~ede homens, afastae-vos quando puderdes do que seja material.</p> <p>Não procureis experimentar as alegrias dos ricos.</p> <p>Vivei para a luz e sereis mais ricos do que quantos nababos por ahi haja.</p> <p>Não vedes que não há banquetes, nem palacios de Cresos que valham o cerebro de um Teixeira de Freitas, nem uma espada de Caxias?</p> <p>Esses homens foram, sim, genios do Direito e da estrategia militar; mas não creiaes que elles se tivessem formado expontaneamente, sem muito estudo, sem muita tenacidade, sem uma vontyade de ferro.</p> <p>Oh! sim, amae - o livro com a vossa alma, com o vosso affecto, com o vosso carinho, com um pensamento constante, e crede então na mais certa felicidade que se póde gosar nesta vida ephemera.</p> <p>O vosso livro vos trará sempre consolações, vos abrirá novos horisontes, vos revelará novas terras cheias de riquezas e encantos.</p> <p>Oh! amae, amae o bom livro.</p> <p>José Augusto Corrêa.</p>
n. 23, 30/06/1920	p. 1	A instrução em São Bento		
	p. 4	Sobre o Analfabetismo		<p>Obrigatoriedade do ensino/ instrução militar</p> <p>Ninguem, pois, tem o direito de não saber ler; mas, o dever, a obrigação de sabel-o, talqualmente a de procurar trabalho, ser sobrio, economico, pacifico, respeitador das leis &, afim de, por esses meios, concorrer para a felicidade e engrandecimento do seu paiz.</p>

n. 24, 31/08/1920	p. 2	Almanack D' O [Pensamento] Para 1921		Recebemos um exemplar desta util e interessante publicação que a Empresa Editorial <<O Pensamento>> vem publicando de ha nove annos [...] obtendo as edições [...] franca aceitação do publico.
n. 25, 30/11/1920	p. 1	Instrucção e Educação IV		Educação da mulher
	p. 2	A "A Escola"		Ainda por motivos justos, deixou esta folha de circular nos meses de setembro e outubro ultimo findos, pelo que mais uma vez solicitamos desculpas aos nossos leitores e assignantes.
	p. 3	Escola Tenente Vilaronga Fontenelle		Combate ao analphabetismo

VIDA ESCOLAR (1932)

NOME DO JORNAL/PREÇO/ PERIODICIDADE	CIDADE/D ATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
VIDA ESCOLAR/ ORGAM DO INSTITUTO RENASCENÇA	CAROLINA/ ANO I, N. 1 29/01/1932	VIDA ESCOLAR	EDITORIAL DE ABERTURA	<p>Vida escolar apresenta-se comemorando o segundo aniversario do instituto renascença e tem por escopo, auxiliar eficientemente, a educação moral e intelectual que nele é ministrada a juventude de ambos os sexos.</p> <p>É um registro mensal desta convivência diária de alunos e professores refletindo a dedicação destes, o interesse e a aplicação daqueles.</p> <p>Representa um despertador de energias dinâmicas nos educandos vontadosos, estimulando-od a aprenderem produzindo, conforme os methodos da escola ativa.</p> <p>Vida escolar estuda, propaga e poe em pratica de maneira original e positiva, os métodos da moderna pedagogia: irá desvendando os segredos</p>

				<p>da escola pratica e demonstrando os efeitos seguros da iniciação profissional.</p> <p>Publica, em parte, o movimento da liga da bondade, instituição que tem surtido o melhor efeito entre nós, guiando o escolar no amor a verdade e na pratica do bem.</p> <p>Contribuirá, assim, para a formação do carater da criança e da juventude de ambos os sexos, sem descurar a parte utilitária, o treino do individuo para o triunfo nas lutas pela existência.</p> <p>Vida escolar é, enfim, um amigo sincero dos pais interessados no progresso colegial de seus queridos filhos, guia certo dos alunos nos primeiros ensaios na pratica das letras, mensageiro dileto dos escolares por mostrar-lhes o seu aproveitamento no estudo.</p> <p>C. F.</p>
NOME DO JORNAL/PREÇO/PERIODICIDADE	CIDADE/DATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
_____	—	_____	leitura	<ol style="list-style-type: none"> 1. LER SEMPRE, TODOS OS DIAS EIS O SEGREDO DA CULTURA. 2. Habitue-se ao prazer das boas leituras. 3. Não basta ler jornaes leia também livros. 4. O livro é o amigo de todos os instantes. 5. A BOA LEITURA É A HYGINE DO ESPIRITO.
		Liga da bondade	MORAL E CÍVICA/	<p>É uma instituição escolar surgida em minas e divulgada pelo dr. afranio Peixoto quando diretor da instrução publica.</p> <p>O instituto renascença adotou-se, em parte.</p> <p>É um complemento da educação moral e cívica, um estímulo ao exercício</p>

			BOAS AÇÕES	<p>desinteressado e constante do bem e da verdade.</p> <p>Cada aluno, anota uma ou mais, das sus boas ações praticadas durante a semana e, aos sábados, deposita esta cédula fechada e sem assinatura, porem, com o seu numero escolar, na urna da liga.</p> <p>Após a lição de I. Moral e cívica, desse dia, os diretores julgam estas boas ações conferindo-lhes graus de merecimento que são somadas com os das lições. Seguidamente procedem a leitura das ações em voz alta.</p> <p>Vida escolar, em seção permanente, publicará as boas ações, dos alunos do instituto.</p>
		PROF. VEIGA CABRAL	PROFESSOR	FALA DO PROFESSOR.
		O livros e o mestre		<p>O livro é o sol que ilumina os povos, deslumbrando-lhes com o disco rutilante e flavo; o mestre é o bemdito pegureiro que conduz o gentil rebanho de creanças as estancias fulgurantes das letras.</p> <p>O livro é a clava poderosa da instrucção; o mestre é o atleta que a maneja, deslocando as barbacans da ignorância.</p> <p>O livro é o ídolo do povo; o mestre é o levita que lhe celebra os mistérios nos templos augustos das escolas.</p> <p>O livro é o canhão do século; o mestre é o arrojado guerreiro que luta em prol da instrucção da petizada.</p> <p>O mestre pe o hierofante que, fitando as regiões da luz, inicia as creanças nos mistérios das letreas e das sciencias; o livro é a estrela da primeira grandeza que resplandece no firmamento escampo das grandes invenções.</p> <p>O livro é o gladio forjado nas tendas da razão, do raciocínio e do estudo; o</p>

				<p>mestre é o operário da oficina onde se prepara a razão, o raciocínio, a inteligência e a imaginação.</p> <p>Ser mestre é ser grande, é ser iluminado por este sol das ideias, o livro, que difunde as luzes do saber.</p> <p>Pizarro Lima</p>
				<p>Para ser útil, para abrir o seu caminho na vida, não há necessidade de cavar on problema do universo ou o enigma do ser basta cumprir o seu dever próximo.</p> <p>Dr. Alberto Seabra.</p>
		ANIVERSARIOS		
		Prof. Edla ayres da silva		
		Instituto renascença	Anuncio da escola	<p>INSTITUTO RENSCENÇA</p> <p>FUNDADO A 15 DE JANEIRO DE 1930</p> <p>CURSO INFANTIL/CURSO PRIMARIO/CURSO MEDIO/CURSO SECUNDARIO (INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO MIXTOS)</p> <p>DIRETORES: JOSÉ QUEIROZ E CESAR FREIRE</p> <p>CAROLINA – PRAÇA JUAREZ TAVORA - MARANHAO</p>

		A ALEGRIA E A TRISTEZA		ESCRITO DA ALUNA SOFIA AQUINO C. SECUNDARIO 3 ANO.
		BOAS AÇÕES		RELATOS DAS BOAS AÇÕES DOS ALUNOS.
		O GALLO, O BURRO E O LEAO		PEQUENO CONTO DA ALUNA OLINDA SOUZA C. SECUNDARIO, 1 ANO.
		UMA ASPIRAÇÃO		WLATER S. DIAS, N. 31 C. MEDIO 2 ANO.
				NUNCA ENTRES EM UM QUARTO COM BARULHO E SEMPRE FECHES A PORTA SEM RUÍDO.
		PREFERENCIAS		ESCRITO DE FRANCISCO TAVARES NOLLETO, C. PRIMARIO 4 ANO.
		ESBOÇO AUTOBIOGRAFICO		ESBOÇO DO ALUNI JOSE DE SOUZA RIBEIRO. C. PRIMARIO, 4 ANO.
		DIVERSÕES		ESCRITO EDVAL DE ARAUJO SOUZA. C. MEDIO, 2 ANO.
		O FOGO FATUO E O VIAJANTE		AURELIA AYRES DA SILVA. C. SECUNDARIO, 3 ANO.

		UM EMPRESTIMO	LIVRO	<p>PRESADO PROFESSOR</p> <p>Peço que me empreste um livro de poesias para eu copiar uma, para mim, pois não tenho ca em casa um livro que me agrade e estou com muita necessidade de um poesia para eu recitar sexta-feira próxima.</p> <p>Peço que me mando de preferencia um livro que tenha muitos sonetos por que eu quero copiar alguns para ter sempre poesias novas.</p> <p>Da sua aluna dedicada.</p> <p>Raymunda nolletto perna.</p> <p>c. primário, 4 ano</p>
				A BOA LEITURA FAZ BEM AO ESPIRITO E A SAUDE.
				<p>TODA A COLABORAÇÃO DESTE NUMERO FOI PRODUZIDA EM AULA, SOB THEA E FISCALIZAÇÃO DOS DIRETORES.</p> <p>AS CORREÇÕES NÃO ALTERARAM O PENSAMENTO DOS AUTORES NEM O ESTILO EM QUE FORAM MOLDADOS</p> <p>SERÁAAA?!</p>
			INSTRUÇÃO O E EDUCAÇÃO	<p>A INSTRUÇÃO é o aperfeiçoamento do intelecto.</p> <p>A educação é indispensável a toda as pessoas pois consiste ao aperfeiçoamento do carácter.</p> <p>Uma pessoas sem educação é estúpida e grosseira.</p> <p>A instrução serve para se viver bem na sociedade.</p> <p>Mas, uma pessoa sendo instruída e não tendo educação, não vale a pena,</p>

				<p>porque ninguém gosta de pessoas mal educadas.</p> <p>Luzia Ayres Maranhão</p> <p>c. secundário 3 ano.</p>
				<p>INUMERAS PRODUÇÕES FICAM AGUARDANDO O PROXIMO NUMERO, POR EXIGUIDADE DE ESPAÇO.</p> <p>OS AMIGUINHOS QUE NOS DESCULPEM E ESPEREM COM PACIENCIA.</p>
NOME DO JORNAL/PREÇO/ PERIODICIDADE	CIDADE/D ATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
Vida escolar, ano 1, n. 3 Carolina 31 de março de 1932	Carolina, 31/03/1932	TRABALHOS MANUAES		<p>O trabalho manual e a educação phisica estão de tal maneira identificados que não podemos tratar de um sem atender as necessidade de outro, de modo que nem um nem outro venha a possuir maior desenvolvimento do que realmente deve ter.</p> <p>Na escola moderna, a ação do mestre tem de se dirigir principalmente para um desenvolvimento geral e harmonioso, que é a educação propriamente dita, deixando a instrução para depois, num plano secundário.</p> <p>É corrente, hoje, que a missão da escola é preparar para a vida. Assim ao lado das noções theoricas, que o aluno desenvolvimento depois nas profissões intelectuais a que o arraste a vocação, deverá ele adquirir ali as bases praticas, que mais tarde ampliará na oficina que for a fonte de subsistência.</p> <p>Já Comenius, frozbel e Pestalozzi preconizavam o trbalho manual nas escolas.</p>

				<p>Foi na suecia que o trabalho manual nas escolas, se foi gradativamente normalizando ate constituir não um ensino a parte. Mas a base mesma do ensino o verdadeiro processo destinado, como diz loben, a formar, pelo exercício, os característicos da raça.</p> <p>A escola, a nosso ver, deve ser a oficina-escola, onde ressoe o alegre hyno do trabalho, onde filhos de hoje e paes de amanha cantem sempre alegres, como alegres são as consciências dos justos e dos bons, ao som das ferramentas que enobrecem e nos aproximam da verdadeira felicidade perfeita, tudo impregnado de sua grandeza moral.</p> <p>É preciso que nós professores, de quem tudo é esperado, nos adeantemos ao encontro dos que nos buscam, fazendo alguma cousa pela implantação dos trabalhos manuais methodizados, em nossas escolas.</p> <p>Mas não o queremos somente no papel, nos programas vistosos, queremos-lo em sua realidade efetiva e diária, oferecendo um derivativo atividade da criança, cujo sangue, pelas condições biológicas que todos reconhecem não a deixa em tranquilidade, queremos-lo, afinal, realizando a grande máxima de Pestalozzi: educar pelo trabalho para o trabalho mesmo.</p> <p style="text-align: center;">APRIGIO GONZAGA.</p>
		<p>DECALOGO DA HYGIENE ESCOLAR</p>		<ol style="list-style-type: none"> 1. Procure o aluno tomar banho diariamente. 2. Quando se levantar, lave ele mesmo o rosto. 3. Aprenda a lavar bem as orelhas. 4. Escove os dentes de manha, depois das refeições e antes de se deitar. 5. Traga os cabelos penteados, cortados e limpos. 6. Conserve as mãos assiadas e as unhas aparadas. 7. Evite sujar a roupa ainda mesmo nos brinquedos. 8. Não se esqueça nunca de usar lenço. 9. Tenha seu copo ou caneca para beber agua.

				10. Não leve a boca nem as mãos nem o lápis.
		Instituto renascença		BREVE HISTORICO DA ESCOLA.
		O MEZ HISTORICO MARÇO		SEÇÃO A CARGO DOS ALUNOS DO 3 ANO DO C. SECUNDARIO
		ALBUM SOCIAL		NATALICIO DAS PERSONALIDADES DA CIDADE.
		BOAS AÇÕES		
		CHARADAS		
NOME DO JORNAL/PREÇO/ PERIODICIDADE	CIDADE/D ATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
Vida escolar, ano 1; n.4	Carolina / 30/04/1932	Aprender sempre	PROFESSOR/ LIVRO/FORM AÇÃO	De um mestre aprendi eu que o saber é um capital. Era ainda rapazelho quando ele me ensinou essa grande verdade que depois, muito depois reconheci estar no espirito de todos os povos. O que, porem, nunca li em ninguém, nem ouvi de ninguém, foi o mais que me disse a respeito.

				<p>É um capital, e como o dinheiro, também se perde.</p> <p>Ao individuo que possuir imensos bens e não colocar os seus haveres, e descansar a comer, a tripa forra, o cabedal que ele a medida de suas necessidades for reduzindo a metal sonante, depois de haver consumido os depósitos nos bancos, que é que acontecerá? Acabará, certamente, na mais extrema pobreza.</p> <p>Pois acontecerá o mesmo ao individuo que adquirir, ao fim de muitos anos de labor intelectual, plausível organização mental.</p> <p>Se não renovar sempre a sua cultura como o conseguir novos conhecimentos, ao fim de algum tempo, apresentará o triste espetáculo de um lorpa, porque, a verdade é que, nem o que soube bem, ficará sabendo...</p> <p>Alguns casos interessantíssimos de quando em vez se me deoaram, dignos de observação, e nos quaes reconheço que, de fato, não há conhecimentos que fiquem, apreciáveis, si não forem a cada instante alimentados por novos conhecimentos.</p> <p>Com os professores então, o caso está perfeitamente caracterizado, sentense bem que sem a lei da renovação, um profissional ao fim de largo período de magistério, é um retrogrado, e é mais, um deturpador dos preceitos que foram grandes e uteis ao tempo em que se exhibiu, excelente professor, fazendo do seu acervo intelectual formidável clava de combate com que espancava a deficiência de compêndios e a ignorância das classes.</p> <p>PROF. NASCIMENTO MORAES.</p>
		CURSO COMERCIAL NOTURNO	ANUNCIOS	<p>CURSO COMERCIAL NOTURNO</p> <p>A 2 DE MAIO REABRIR-SE-Á O NOSSO CURSO COMERCIAL NOTURNO, LECIONADO PELO PROFESSOR FREDERICO FRANZ</p>

				BOB. MENSALIDADE – 10\$000.
		INTERNATO	ANUNCIOS	INTERNATO O INSTITUTO RENASCENÇA CONTINUA ACEITANDO ALUNOS INTERNOS, DE AMBOS OS SEXOS, MEDIANTE A MODICA MENSALIDADE DE 70\$000. ESTE PAGAMENTO, DEVE SER AFETUADO PONTUALMENTE, NO PRINCIPIO DE CADA MEZ. ACEITA, TAMBEM, ALUNOS SEMI-INTERNOS E VIGIADOS, MEDIANTE CONTRATO PREVIO.
		INSTITUTO RENASCENÇA	MATRICULA /ALUNOS	MATRICULA DE 1932 ATE MARÇO 112 ALUNOS.
		PALAVRAS DE UM EDUCADOR	MORAL/ EDUCAÇÃO/ ETICA	Na educação consciente da mocidade, as faltas contra a disciplina, a obediência, a subordinação, a ordem, isto é, a faltas contra a moral são mais graves que os erros de gramatica: estes prejudicam apenas a creança, aqueles podem ferir de morte a coletividade Dr. Liberato Bittencourt
		UM POUCO DE SCIENCIA	AULA/CIENCIA/BIOLOGIA	TEXTO EXPLICANDO A CIRCULAÇÃO DO SANGUE.
		MARDUCHURIA, ESTADO INDEPENDENTE	ATUALIDADES/GEOGRAFIA	O CONFLITO ALNO-JAPONEZ TRANSFORMA A GEOGRAFIA POLITICA DA ASIA.

		DEVERES ESCOLARES	REGRAS/NORMAS/ALUNOS	<p>O bom aluno ama e respeita a seu pai e a sua mae.</p> <p>Estima e obedece o seu professor.</p> <p>É amigo de seus irmãos e trata bem aos colegas.</p> <p>Não foge nunca da escola.</p> <p>É atencioso, cortez e aplicado.</p> <p>Sabe dizer a verdade.</p> <p>Anda sempre limpo.</p>
		PROF. JOSÉ QUEIROZ	PROFESSOR	FALA DO NATALICIO DO PROFESSOR.
		SALATHIEL QUEIROZ	ANUNCIO	<p>PROFESSOR DE MUSICA DO INSTITUTO RENASCENÇA, ACEITA ALUNOS PARTICULARES, EM QUALQUER GRAU, MEDIANTE CONTRATO.</p> <p>RUA DR. BENEDITO LEITE.</p>
		O MEZ HISTORICO	HISTORIA	ABRIL.
		PRECEITO DE CIVILIDADE	CIVILIDADE	NÃO COCHICHE: SE O QUE TIVER DE DIZER NÃO PUDER SER DITO ALTO, RESERVE O ASSUNTO PARA OUTRA OCASIÃO.
		A SAUDADE	ESCRITOS DE ALUNOS	<p>EXERCICIO COLEGIAL.</p> <p>MARIA AYRES NOLLETO</p> <p>C. SECUNDARIO 3 ANO.</p>

		OS NOSSOS SENTIDOS	ESCRITOS DE ALUNOS	ORPHILIO DA SILVA C PRIMARIO 4 ANO.
		O MEU FUTURO	ESCRITOS DE ALUNOS	Joao Ribeiro Filho. C primário 4 ano.
		Provérbios	ESCRITOS DE ALUNOS	Exercício colegial.
		O dia das mães	ESCRITOS DE ALUNOS	sa ó sardinha c. secundário 3 ano.
		Charadas	Charadas	Soluções de charadas.
NOME DO JORNAL/PREÇO/PERIODICIDADE	CIDADE/DATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
VIDA ESCOLAR, ANO 1, N. 5	CAROLINA/ 31/05/1932	Os trabalhos manuais no instituto renascença	Ensino profissional	<p>Um passo a mais, seguro e firme acaba de dar o instituto renascença na trajetória educativa que se traçou e vem realizando desde a sua fundação.</p> <p>Esta conquista de alta finalidade foi a adoção dos trabalhos manuais, para ambos os sexos, em todos os cursos, segundo o melhor programa do ensino federal, adaptando ao nosso meio.</p> <p>Já a escola antigaa conhecia a vantagem desta educação preparatória do ensino profissional aplicando-a, entretanto nos seus rudimentos, apenas as classes femininas.</p> <p>O método que adotamos, simples, progressivo e eficiente, corresponde,</p>

				<p>inteiramente, a educação integral do aluno, de qualquer sexo, desde o curso infantil ao secundário.</p> <p>No primeiro, adotamos a pratica dos alinhavos em duas series e 24 moelos de Bresser e rocu, e nod cursos primário, médio e secundário, a serie dos sete cadernos dos profs. D rosina nogueira soares e Miguel milano.</p> <p>Destarte, os nossos alunos, guiados por professores vontadosos e competentes, iniciaram em aula, com o melhor entusiasmo, o desenvolvimento de suas habilidade manueas em curioso trabalhos de alinhavo artístico, tecelagem, recortes e dobraduras, crochet, ponto de marca filet, macramê, costuras, bordados, cartonagem e madeira, na execução de pequens obras de utilidade.</p> <p>É corrente hoje, nolo diz o prof. Aprigio Gonzaga que a missão da escola é preparar para a vida. Assim, ao lado das noções teóricas, que o aluno desenvolverá depois nas profissões intelectuais a que o arraste a vocação, deverá ele adquirir ali, as bases ampliará na oficina que for a fonte de subsistência.</p> <p>Corinto da Fonseca, o grande educador nbrasileiro, com a autoridade da sua longa experiência combate o falso conceito de que os trabalhos manuais sejam uma matéria a mais a sobrecarregar os programas e define-os como um meio educativo geral, a metodologia por excelência da escola ativa.</p> <p>Longe de ser uma matéria nova, independente e ao lado de outras, os trabalhos manuais fazem parte de todas elas como um meio didático.</p> <p>Servem apenas para que todas elas sejam melhor atendidas.</p> <p>Em síntese, as vantagens e consequências imediatas dos trabalhos manuais, segundo A. Gonzaga, são estas:</p> <p>1- Desperta o gosto por todo o trabalho em geral;</p>
--	--	--	--	---

				<p>2- Infunde respeito pelo trabalho, qualque que ele seja; 3- Deperta a independência e confiança próprias; 4- Habitua a ordem, a exatidão a correção e a paciência; 5- Inspira atenção, interesse, e perseverança 6- Aperfeiçoa a vista, o senso estético, e dá habilidade manual; 7- Desenvolve a força física; 8- Desperta os nobres sentimentos de sociabilidade, pureza moral e consequentemente facilita a aproximação do homem ao seu creador.</p>
		MATRICULA	MATRICULA DE ALUNOS	<p>ATE ABRIL 124 ALUNOS TOTAL 131.</p>
		UTILIDADE DA LEITURA	LEITURA/ESCRITOS DE ALUNOS	<p>EXERCICIO COLEGIAL</p> <p>A leitura tem um grande fim: serve para nos instruir.</p> <p>Quando estivermos lendo, precisamos ler com toda a tenção para compreender alguma coisa dos bons escritos.</p> <p>Como é bonita uma leitura bem desenvolvida e feita com a necessária atenção!</p> <p>Os livros são os nossos mestres mudos, segundo a conhecida frase do padre antonio vieira, e todas as vezes que precisamos deles estão prontos para nos ensinar.</p> <p>Lys Aquino . c. secundário, 3 ano.</p>
		Decore Isto		<p>A TERRA GIRA NO ESPAÇO COM UMA VELOCIDADE DE CENTO E SEIS QUILOMETROS A HORA.</p>

		DATILOGRAFIA	ANUNCIO	O INSTITUTO RENASCENÇA ACEITA ALUNOS PARA ESTA DISCIPLINA LECIONADA PELA SENHORINHA VALMIZOLIA SOLINO. AULAS AS TERÇAS, QUINTAS E SABADOS. MENSALIDADE - 10\$000
		ALBUM SOCIAL		FALA SOBRE NATALICIOS E OBITOS DE PERSONALIDADES DA ESCOLA E DA CIDADE
		SOBRE A PHILATELIA	ESCRITO DE ALUNO	EXERCICIO COLEGIAL SOFIA AQUINNO 3 ANO SECUNDARIO
		O VALOR DAS COISAS PESQUENINAS	ESCRITO DE ALUNO	ALVARO AQUINO QUEIROZ. C. SECUNDARIO 3 ANO.
		UM REI GORADO	ESCRITO DE ALUNO	EXERCICIO COLEGIAL GINAK DE O. LEITAO C. MEDIO 2 ANO
		MINHAS LIÇÕES	ESCRITO DE ALUNO	DIVA DE S. SARDINHA C PRIMARIO 4 ANO
		SCENA RUSTICA	ESCRITO DE ALUNO	EXERCICIO COLEGIAL RESTINI MARANHAO 3 ANO SECUNDARIO

		SILVA JARDIM	ESCRITO DE ALUNO	EXERCICIO COLEGIAL AURELIA AYRES 3 ANO SECUNDARIO
		BOAS AÇÕES	MORAL/CIVICA	CONTA SOBRE AS BOAS AÇÕES DOS ALUNOS.
		REFORMA DE MATERIAL ESCOLAR	LIVRO/ material escolar	O instituto renascença recebeu de são Paulo neste mês, e começou a utilizar, excelente material escolar como seja: um globo geográfico comercial do dr. A. Krause, executado na Alemanha, com 33 cm. De diâmetro, e meridiano de metal; uma coleção de 15 quadros grandes em trichromia, para o ensino de linguagem; outros tantos para o ensino intuitivo de aritmética; uma coleção de 16 quadros artísticos para o ensino de historia pátria. Ahca-se assim o I. R de parabéns e melhor aparelhado para completar o ensino ministrado aos seus numerosos alunos.
		CRUSO COMERCIAL	ANUNCIO	DEIXOU DE FUNCIONAR NA DATA ANUNCIADA ESTE CURSO DO PROF. F. BOB. COM VISTA DE HAVEREM [...] VARIOS ALUNOS
		INSTITUTO RENASCENÇA	ANUNCIO	EXTERNATO, SEMI-EXTERNO E INTERNATO MIXTOS: MENSALIDADES: CURSO INFANTIL GRATUITO, JOIA ANUAL 5\$000 CURSO PRIMARIO – 5\$000 CURSO MEDIO – 10\$000

				CURSO SECUNDARIO – 20\$000 A PARTE: DATILOGRAFIA – 10\$000
		O MEZ HISTORICO	HISTORIA	JUNHO
		CHARADAS	CHARADAS	SOLUÇÕES DE CHARADAS.
NOME DO JORNAL/PREÇO/ PERIODICIDADE	CIDADE/D ATA/ANO	NOME DA NOTÍCIA	CATEGORIA	TRANSCRIÇÃO
VIDA ESCOLAR, ANO 1 , N. 6	CAROLIN A/ 30/06/1932	MATRICULA	MATRICULA DE ALUNOS	ATE MAIO 131 ALUNOS TOTAL 137 ALUNOS
		CIRCULO VICIOSO	ESCRITO DE ALINO	LUZIA AYRES MARANHAO C. SECUNDARIO 3 ANO. EXERCICIO COLEGIAL
		APRECIANDO O JORNAL	COMPOSIÇÃO/ ESCRITO DE ALUJNO	Um jornal é muito útil a humanidade. Sem ele as pessoas pobres não poderiam ler, porque os livros são as vezes caros. No entanto,, um jornal é baratissimo, e facilita muito a instrução. Quanto trabalho não dá a leitura de um jornal! E muitas pessoas não o sabem valorizar. Tanto os intelectuais que o escrevem, como os garotos que os vendem, trabalham muito. Se não fosse um jornal, muitas noticias não seriam espalhadas pelo mundo.

				<p>Graças a imprensa que nos desenvolveu o progresso intelectual e mortal, hoje podemos afirmar que os novos estão, na maior parte, desenvolvidos.</p> <p>AURELIA AYRES DA SILVA</p> <p>C. SECUNDARIO 3 ANO</p>
		<p>ESTATISTICA ESCOLAR</p>	<p>NUMEROS ESCOLARES</p>	<p>SEGUNDO OS DADOS OFICIAIS, O MARANHAO POSSUIA EM 1926 UMA POPULAÇÃO DE 1.047, 206 HABITANTES: 104. 720 CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR E 8.613 FREQUEUNTANDO ESCOLAR. A PORCENTAGEM ESCOLAR EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO ERA 8% A MENOR DE TODOS OS ESTADOS.</p>

